

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

ELTON DA SILVA RODRIGUES
JÉSSICA DOMINGOS MARIANO

**A VIAGEM DA TURMA 71 PELOS CONTOS FANTÁSTICOS E PELAS
FANFICTIONS AO PLANETA DA AUTORIA**

FLORIANÓPOLIS
2017

ELTON DA SILVA RODRIGUES
JÉSSICA DOMINGOS MARIANO

**A VIAGEM DA TURMA 71 PELOS CONTOS FANTÁSTICOS E PELAS
FANFICTIONS AO PLANETA DA AUTORIA**

Relatório final apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do 8º período do Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa (Licenciatura) sob a orientação da Professora Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz.

FLORIANÓPOLIS
2017

A nossas mães, por tudo.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer, em primeiro lugar, aos nossos familiares, que nos ouviram e nos auxiliaram durante todo o estágio, compreendendo nossos receios e compartilhando nossas alegrias, apoiando-nos e incentivando-nos de maneira fundamental nessa importante etapa.

Agradecemos também aos nossos colegas de curso, àqueles que nos acompanharam no estágio e que, como nós, vivenciaram a experiência da docência, cujas conversas foram fundamentais, principalmente pela confiança transpassada, e àqueles que outros rumos seguiram, por terem paciência de nos escutar e pelas contribuições de leitura.

Aos professores da graduação de Letras - Português, agradecemos os ensinamentos, as conversas e a dedicação à formação de professores; um agradecimento especial às professoras que nos permitiram o acesso, por meio da teoria, a um trabalho tão significativo com contos fantásticos e *fanfictions*, o ensino de língua materna e contos africanos.

A todos os estudantes e profissionais da Escola de Educação Básica Hilda Teodoro Vieira, que nos receberam de braços abertos e que nos acompanharam ao longo dessa caminhada que foi o estágio. Em especial, agradecemos aos alunos da turma 71, pela recepção e pela colaboração em nosso trabalho como estagiários-professores, e ao professor de Língua Portuguesa, pela confiança e pelo apoio fundamental em nosso trabalho.

Agradecemos, por fim, à professora Maria Izabel, cuja presença foi essencial para o nosso trabalho e para nossa formação docente. Agradecemos a paciência e a dedicação, a confiança e o carinho, tão importantes para nós. Seguimos nossos caminhos com a certeza de que, além da contribuição para nossa formação como profissionais, a sua orientação foi fundamental para nossa formação humana.

*A veces en las tardes una cara
nos mira desde el fondo de un espejo;
el arte debe ser como ese espejo
que nos revela nuestra propia cara.*
Jorge Luis Borges

RESUMO

O presente trabalho se constitui como a sistematização das ações planejadas e executadas na disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa I, do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina. O estágio de docência é a etapa final do curso, que possibilita aos licenciandos a experiência de colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação e vivenciar o ambiente escolar, configurando-se também como um momento de aprendizagem do fazer docente. Dessa forma, este relatório possui como finalidade o registro de nossas experiências e o resultado das atividades desenvolvidas no projeto de docência, com uma turma do sétimo ano, e no projeto extraclasse, com diferentes alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Nosso estágio foi realizado na Escola de Educação Básica Hilda Teodoro Vieira e pode ser dividido em diferentes momentos: o período de observação, o planejamento e a execução do projeto docente, o planejamento e a execução do projeto extraclasse, as vivências no ambiente escolar e a reflexão sobre as atividades executadas ao longo do segundo semestre de 2017. Após um período como espectadores da ação docente do professor de Língua Portuguesa, elaboramos nosso projeto de docência, “A viagem da turma 71 pelos contos fantásticos e pelas *fanfictions* ao planeta da autoria”, a partir da observação das aulas, do Projeto Político Pedagógico da escola e do planejamento do professor, além do próprio interesse dos estagiários-professores em trabalhar com alguns dos temas previstos. O intuito do projeto foi, além de ampliar o repertório cultural dos alunos, potencializar habilidades e conhecimentos para as práticas de uso da língua oral e escrita, por meio do conhecimento do conto fantástico e da *fanfictions*, gêneros que circulam socialmente e que configuram práticas de uso da língua, formando sujeitos autores de seus próprios discursos. Para tanto, desenvolvemos atividades de leitura (fruição e estudo), escrita, reescrita, debates e discussões sobre os temas dos contos e análise e reflexão sobre a língua. A concepção de linguagem que escolhemos para pensar nossa prática metodológica ancora-se na proposta elaborada pelo Círculo de Bakhtin, ou seja, na *concepção dialógica da linguagem*, isto é, a linguagem fruto da interação social, que compreende o trabalho com o ensino de língua materna e a noção de gênero do discurso. Utilizamos como ancoragem teórica, além da concepção bakhtiniana de gêneros do discurso, o letramento sob seu viés *ideológico*, isto é, considerando as vivências dos alunos. Os resultados do projeto foram, por fim, socializados na sala de informática, com a postagem das *fanfictions* produzidas em *websites*, de modo que todo leitor que navegue por *sites* de *fanfictions* na internet possa ter acesso. Além disso, realizamos o projeto extraclasse “A contação e a seleção de contos africanos: por uma antologia da consciência negra”, visando a comemoração do Dia da Consciência para refletir sobre a condição de pessoas negras no Brasil e em outros países do continente africano. Por fim, o relatório aborda também as vivências do cotidiano escolar e a reflexão sobre o estágio.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa; Ensino Fundamental; Contos fantásticos; *Fanfictions*; Autoria.

Índice de Figuras

Figura 1 – Fotografia do experimento com o vulcão de sódio da turma 71	219
Figura 2 – Espaço da Diversidade Cultural	220

SUMÁRIO

1. DO INÍCIO DE UMA VIAGEM	9
2. A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL	11
2. 1. APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO	11
2. 1. 1. A escola em foco	11
2. 1. 2. A turma em foco	14
2. 1. 3. A prática docente em foco	15
2. 2. O PROJETO DE DOCÊNCIA	16
2. 2. 1. Problematização.....	16
2. 2. 2. Escolha do tema e justificativa	17
2. 2. 3. Referencial teórico.....	19
2. 2. 4. Objetivos.....	28
2. 2. 6. Metodologia.....	29
2. 3. ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL	139
2. 3. 1. Relato das aulas	139
2. 3. 2. Reflexão sobre a prática pedagógica	148
3. A DOCÊNCIA NO PROJETO EXTRACLASSE.....	152
3. 1. O PROJETO EXTRACLASSE	152
3. 1. 1. Introdução	152
3. 1. 2. Reflexão teórica	154
3. 1. 3. Objetivos.....	155
3. 1. 4. Conhecimentos trabalhados	156
3. 1. 5. Metodologia.....	156
3. 2. ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM ATIVIDADES EXTRACLASSE	214
3. 2. 1. Relato dos encontros.....	214
3. 3. 2. Análise da prática pedagógica extraclasse.....	216
4. VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR	218
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	223
6. REFERÊNCIAS	225
7. ANEXOS	227

1. DO INÍCIO DE UMA VIAGEM

Este relatório é fruto do trabalho realizado na disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do curso de Letras – Português da Universidade Federal de Santa Catarina. O estágio de docência é a etapa que, por meio da inserção dos alunos de licenciatura no ambiente escolar, em uma instituição pública de ensino, possibilita a experiência de colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação e a aprendizagem da docência no espaço de trabalho de professor. Dessa forma, além de colocar em prática a teoria que aprendemos em sete semestres e teorizar sobre o fazer docente, sobre o ensino de língua, que será sintetizado nas seções de análise e reflexão, o estágio nos proporcionou a compreensão de que o fazer docente vai além da sala de aula, envolvendo-nos nas situações cotidianas da comunidade escolar, como as tomadas de decisões nas mudanças de rumo, entre outros momentos.

Ao longo destas páginas, apresentaremos a trajetória da nossa experiência como estagiários-professores, do período de observação às atividades do projeto extraclasse. As experiências e os resultados obtidos que serão relatados se deram no decorrer do segundo semestre de 2017, na Escola de Educação Básica Hilda Teodoro Vieira, situada no bairro Trindade, em Florianópolis, com uma turma do sétimo ano, em nosso período de docência, e com diferentes alunos dos anos finais do ensino fundamental em projetos extraclasse.

A nossa primeira atividade durante o estágio foi o período de observação, momento importante de análise metodológica que nos proporcionou um primeiro contato com a turma e com o campo de estágio. Durante essa etapa, realizamos visitas à escola, fundamental para que pudéssemos compreender melhor a comunidade escolar e traçar nosso plano de ação para docência. Esse contato inicial foi importante para conhecer as regras que regem as aulas e a dinâmica entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem de língua materna. Desse modo, iniciamos nosso relatório com a caracterização da escola, de seu espaço, de seus aspectos históricos, socioeconômicos, culturais e didático-pedagógicos, da turma em que realizamos o estágio, do professor regente da disciplina e da prática pedagógica desenvolvida.

A partir da análise da turma e das aulas, do Projeto Político Pedagógico da escola e do plano de ensino do professor, desenvolvemos nosso projeto de docência, intitulado “A viagem da turma 71 pelos contos fantásticos e pelas *fanfictions* ao planeta da autoria”, cujo objetivo foi apresentar aos alunos contos fantásticos, a fim de ampliar seu repertório cultural, de modo que eles se apropriassem de elementos da narrativa para produzir, ao final, uma *fanfiction*,

reconhecendo-se a si mesmos como autores durante esse processo. Para alcançar nosso objetivo, apresentamos textos de diversos gêneros, sendo os principais contos fantásticos e *fanfictions*, e desenvolvemos atividades de leitura, escrita e reescrita, conversas e debates sobre os temas que apareciam nos textos e análises e reflexões sobre a língua.

Apresentaremos, também, o projeto de docência extraclasse, terceira parte deste relatório, desenvolvido na escola com alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental. As ações pensadas para os projetos que ocorreram na escola foram pensadas visando o Dia da Consciência Negra. Desse modo, nosso projeto, “A contação e a seleção de contos africanos: por uma antologia da consciência negra”, visou não apenas a ampliação de repertório cultural dos alunos, mas também o debate sobre a condição de pessoas negras no Brasil e em outros países da África, além da elaboração de uma antologia a ser disponibilizada de forma impressa a todo grupo docente e discente da instituição de ensino.

Ao fim deste relatório, abordaremos vivências do fazer docente no espaço escolar, que vai muito além da sala de aula, compreendendo o planejamento das aulas, o conselho de classe e a participação de atividades extraclasse. Assim sendo, o presente trabalho visa a sistematização da prática por nós realizada ao longo dos últimos meses de 2017. Expomos, em nossas considerações finais, aquilo que foi para nós o estágio e as atividades que elaboramos e executamos, bem como a sua importância para nossa compreensão das relações presentes na escola, entre os profissionais que fazem com que a escola funcione, entre os próprios alunos, e entre o professor e o aluno, com a certeza de que a formação de um aluno consciente, crítico, cidadão e mais humano é a tarefa do professor.

Antes, porém, gostaríamos de fazer uma nota. Em primeiro lugar, gostaríamos de dizer que a polissemia da palavra viagem nos fascina. Viajar é tanto visitar outros lugares quanto dar asas à imaginação. Intitulamos a nossa apresentação, ou introdução, ou primeiras palavras, desse modo, não apenas por conta do nosso projeto, mas pelo que a docência foi para nós. Conforme nossos alunos viajavam pelo planeta da autoria, conhecendo outras realidades e reconhecendo-se autores de seus próprios textos, nós mesmos íamos nos reconhecendo professores ao longo da docência. Agora, considerando que a leitura nos proporciona vivenciar situações que não vivemos e visitar lugares em que nunca estivemos, esse relatório se apresenta a você, que nos lê, como uma oportunidade de observar, de um plano privilegiado, aquilo que vivemos. Boa viagem!

2. A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

2. 1. APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

2. 1. 1. A escola em foco

2. 1. 1. 1. Aspectos históricos

A Escola de Educação Básica Hilda Teodoro Vieira iniciou suas atividades em agosto de 1950, no espaço então denominado Três Pontes, atual Rótula da Penitenciária da Trindade, como Escola Reunida Professor Antônio Francisco de Souza. Durante dezessete anos, a escola permaneceu na mesma localização, até que um incêndio acometeu as instalações da escola. Um novo espaço foi então construído e sua inauguração se deu em 24 de abril de 1968, na Rua Lauro Linhares esquina com a Rua Belarmino Correa, onde permanece até hoje. A unidade escolar recebeu o nome de Hilda Teodoro Vieira em homenagem póstuma aos serviços prestados pela educadora à educação catarinense. Conforme o decreto nº SEE/7-5-710, em 1970, o então Grupo Escolar Hilda Teodoro Vieira, como foi nomeada a escola após a sua inauguração em 1968, passou a funcionar como Escola Básica Hilda Teodoro Vieira, oferecendo o Ensino Fundamental. A partir das exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a escola passou a ser denominada Escola de Educação Básica Hilda Teodoro Vieira em junho de 2000, sendo mantida pelo Governo do Estado de Santa Catarina e administrada pela Secretaria de Estado da Educação – SED.

Além de continuar oferecendo o Ensino Fundamental, a partir do ano de 2003 a escola ofereceu a Educação de Jovens e Adultos (EJA) para a sua comunidade, tendo como principal objetivo a socialização do conhecimento para e com a comunidade que serve. Atualmente, apesar da escola não oferecer mais a Educação de Jovens e Adultos, a instituição continua com seu principal objetivo por meio da associação com outros projetos.

Em 2000, a escola passou a ser referência para o estado de Santa Catarina por conta de seus projetos sociais e educacionais, como o laboratório de informática e o projeto “Reciclagem de Latínhas e Papel”. Além disso, a escola foi escolhida, no ano de 2002, para uma pesquisa da UNESCO por ser uma escola inovadora e bem-sucedida. Mais recentemente, em 2011, a instituição participou da Premiação Regional do Prêmio Itaú-Unicef, sendo finalista nacional, como parceira do projeto “Casa da Criança”, desenvolvido pela Organização Casa da Criança do Morro da Penitenciária. Em 2017, novamente a escola foi finalista e recebeu o prêmio como parceira da organização.

2. 1. 1. 2. A organização escolar: espaços físicos, quadro de funcionários e recursos

Durante a nossa primeira visita à escola, uma de nossas surpresas foi o espaço físico da instituição. A parte inicial do colégio, de frente para a Rua Lauro Linhares, é pequena, e pode enganar aqueles que não conhecem o interior da escola. Logo que se chega à escola, observa-se um parque ao lado direito e a entrada dos estudantes, ao lado esquerdo. No primeiro bloco, localiza-se a recepção, a secretaria, a sala da direção, a sala dos professores e dois banheiros para os funcionários. Entre o primeiro bloco e o segundo bloco, há a sala de Cidadania, que possui um grande número de cadeiras e um projetor com um bom espaço para projeção. Acima, no segundo bloco, há o Laboratório de Informática, duas salas de aula que atualmente não são utilizadas, a biblioteca, a sala de artes e a rádio escolar, que permite aos alunos o contato com diversos ritmos musicais durante o recreio. Durante o intervalo, é comum que os alunos se espalhem por todos os espaços abertos da escola, concentrando-se, entretanto, no espaço intermediário entre o segundo e o terceiro blocos. Nesse espaço, há um pátio, sem cobertura, onde as crianças das séries iniciais costumam ficar, uma área coberta, com algumas cadeiras distribuídas e a cantina, com a cozinha onde se serve a comida e as mesas com os bancos em que os alunos fazem a sua refeição.

É a partir do terceiro bloco, onde fica a nossa turma, que começam as salas de aula. Nele, encontram-se o sétimo, o oitavo e o nono ano, além de uma sala com materiais das aulas de Educação Física. Entre o terceiro e o quarto bloco, há um grande espaço, onde os alunos frequentemente perambulam durante a troca de professores. Todas as passagens de blocos são feitas por rampas, em sua maioria pequenas, até a da passagem do terceiro para o quarto e quinto blocos, que, sendo a maior de todas, é durante o intervalo utilizada como escorregador pelos pequenos dos anos iniciais. O acesso para os diferentes blocos por meio de rampas é um aspecto a ser notado, uma vez que torna a escola mais inclusiva.

Há, ainda, no quarto e quinto blocos, os banheiros para as crianças e o ginásio de esportes da escola. No quarto bloco, há uma sala para atendimento a alunos com deficiência, as salas de aula do primeiro e do segundo ano do Ensino Fundamental, e uma sala de vídeo ao final do corredor. No quinto bloco, além dos banheiros, ficam as demais salas de aula, isto é, as do terceiro, do quarto, do quinto e do sexto anos, além de uma sala não utilizada. Por fim, no canto esquerdo do colégio, localizado ao final do quinto bloco, logo atrás dos banheiros, há um grande ginásio coberto, com duas quadras bem espaçosas. Foi esse o ambiente, um pouco danificado pelas intempéries, mas cheio de energia, que encontramos ao longo de nosso

período de observação, e que nos surpreendeu, não apenas pelo tamanho, mas também pelos recursos. Voltar à escola, ao som das múltiplas e simultâneas vozes foi redescobrir, em nós, um mundo adormecido.

Por sua vez, com relação ao quadro de funcionários, a estrutura administrativa e pedagógica da Escola de Educação Básica Hilda Teodoro Vieira se dá por meio de 27 profissionais, divididos em uma diretora, uma assistente técnico-pedagógica, uma orientadora educacional, dezenove professores, dentre os quais quatro estão readaptados, três serventes e dois vigias. Com relação ao quadro docente, são quinze professores, nove efetivos e seis Admitidos em Caráter Temporário (ACTs), que efetivamente se distribuem pelas salas da aula, a fim de ensinar a cerca dos 300 alunos que a escola atende durante os períodos matutino e vespertino, do 1º ao 9º anos.

Constituem a escola, ainda, as instâncias de deliberação coletiva e individual, sendo elas a Associação de Pais e Professores (APP), o Conselho Deliberativo Escolar (CDE), formado por professores, técnicos, pais, alunos e funcionários, responsável pela participação de todos na gestão democrática da escola, e um Grêmio Estudantil ainda em formação. Os recursos da escola são geridos pela APP e pela entidade mantenedora – Estado de Santa Catarina – através da Gerência Regional de Educação, Secretaria Regional de Desenvolvimento da Grande Florianópolis e Secretaria de Estado da Educação, órgãos que atendem as necessidades financeiras da escola conforme regulamentação legal.

2. 1. 1. 3. Concepções teórico-metodológicas

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Escola de Educação Básica Hilda Teodoro Vieira tem como referencial teórico a linha do sociointeracionismo, conforme a fundamentação da Proposta Curricular de Santa Catarina (2008). Desse modo, os conteúdos e os objetivos têm como base a relação histórico-social e o princípio da alteridade. A concepção de educação, conforme o PPP é a de um processo contínuo de desenvolvimento do sujeito e de transformação da realidade, visando a realização humana, enquanto a escola é compreendida como um espaço de aquisição e desenvolvimento do conhecimento socialmente produzido e historicamente acumulado.

A concepção de sujeito que a escola possui é a de um ser humano historicamente situado e determinado socialmente, que se constitui a partir da sua relação com a sociedade e com os sujeitos que a habitam. Desse modo, a escola assume a linha do sociointeracionismo a fim de que o processo de ensino-aprendizagem leve em consideração as práticas de nossa

sociedade e a relação com as comunidades locais. Ademais, o PPP considera ainda a *diversidade como princípio formativo*, tendo em vista o respeito à diferença dentro e fora do ambiente escolar.

2. 1. 2. A turma em foco

Realizamos o período de observação, atividade docente e a atividade extraclasse na Escola Hilda Teodoro Vieira com o sétimo ano do período matutino. Segundo o diário de classe do professor, há 27 alunos matriculados, mas a frequência efetiva é de cerca de 22, dos quais sete já reprovaram em algum momento da vida escolar (o que constitui uma porcentagem de 31,8% de reprovação). Por meio da observação e da aplicação de um questionário, cujos temas englobam a vida escolar, a configuração familiar e os hábitos virtuais dos alunos, obtivemos alguns dados que auxiliaram na composição do perfil da turma. No dia em que o questionário foi aplicado, 19 alunos estavam presentes, configurando uma boa amostra; desses alunos, 13 eram do gênero masculino e seis do gênero feminino, com idades que variam entre 12 e 16 anos.

Verificamos, por meio do questionário, que a maioria dos alunos mora na região compreendida pelos bairros da Trindade, Agrônômica e Morro da Cruz, com exceção de um aluno que mora na Tapera, e utilizam tanto o transporte público quanto a caminhada para se locomoverem até a escola.

A organização do espaço da sala é tradicional, com carteiras enfileiradas, e a turma possui um espelho de classe (que nas aulas de português foi cobrado apenas durante as atividades avaliativas). Contudo, os alunos têm uma organização própria, que divide a sala em dois grandes blocos; de um lado ficam os meninos, do outro, as meninas e alunos menos enturmados. É comum que os alunos circulem pela sala durante a aula ou sentem-se em duplas e/ou pequenos grupos durante a realização de exercícios.

Uma das metodologias utilizadas pelo professor da disciplina para promover o hábito de leitura e o contato com o espaço da biblioteca é a aula de leitura. Realizada, semanalmente, na segunda aula das terças-feiras, os alunos agrupam-se nas mesas da biblioteca por afinidade, o que possibilita a criação de focos de conversa. A escolha dos livros, selecionados anteriormente à aula pelo professor e separados em caixas, ocorre rapidamente, seguindo a poucos critérios, sendo considerada principalmente a extensão da leitura. Quanto à leitura efetiva dos livros escolhidos, é possível verificar que há variação entre os alunos; contudo, alguns manifestam dificuldades de concentração devido ao barulho das conversas dos colegas.

A relação da turma com o professor e com os próprios colegas pode ser definida pela falta de respeito à fala do outro. O professor, muitas vezes, teve que esperar pelo silêncio da turma para iniciar suas exposições, sempre chamando a atenção dos alunos para conseguir mantê-lo; mesmo assim, muitas vezes sua fala era acompanhada de falas paralelas. A ausência da escuta efetiva da palavra do outro reflete tanto nas dificuldades apresentadas na disciplina (verificadas durante a realização de atividades) quanto na natureza de alguns relacionamentos. Durante o nosso estágio, observamos alguma mudança de comportamento da turma, que continuou agitada, mas com alguns minutos de silêncio, principalmente durante a realização de atividades, como nas aulas do professor de Língua Portuguesa.

2. 1. 3. A prática docente em foco

A escola Hilda Teodoro Vieira, como já referido, é uma instituição mantida pelo governo do Estado, portanto conta com a carga horária de 4 horas/aula semanais de Língua Portuguesa. As aulas do sétimo ano do período matutino dividem-se entre segunda-feira e terça-feira; na segunda-feira, a aula começa no terceiro período, às 9:30, e termina no quarto, às 11:15, com o intervalo de 15 minutos do recreio entre os períodos. Já a aula de terça-feira começa no segundo período e se estende até o terceiro, sem interrupção, das 8:30 às 10:15.

O professor de Língua Portuguesa da turma, também responsável por essa disciplina curricular nas turmas dos outros anos da segunda fase do ensino fundamental e por algumas turmas na Escola de Educação Básica Simão José Hess, é formado em Letras pela Universidade do Estado do Pará (UEPA) e possui mestrado no PROFLetras, mestrado profissional, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Apesar da pouca idade, o professor possui vários anos de experiência com a educação em escola pública, visto que sua atividade docente iniciou-se em seu segundo ano de graduação, em 2008. É válido destacar, também, que o currículo de graduação em Letras da UEPA é exclusivo de licenciatura, sendo portanto muito mais voltado à educação, e promove o contato do graduando com a escola desde muito cedo, ao contrário do curso ofertado pela UFSC.

O fio condutor de suas aulas, conforme as respostas ao questionário elaborado pelas duplas de estagiários, encontra base na concepção de língua como interação, derivada dos escritos de Bakhtin e do Círculo, assim como nos estudos de letramento de Street e Rojo e na obra de Geraldí. Assume, portanto, uma postura sociointeracionista, consoante com o PPP da escola, e que ecoa em sua decisão de cursar Antropologia — área profundamente relacionada à Linguística Aplicada.

2. 2. O PROJETO DE DOCÊNCIA

2. 2. 1. Problematização

A partir da leitura do Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola de Educação Básica Hilda Teodoro Vieira, onde realizamos o estágio de docência, e do planejamento do professor da disciplina de Língua Portuguesa para a turma, tendo como base fundamental as reflexões sobre as vivências do período de observação, elaboramos este projeto de docência para a turma 71. Como futuros professores de Língua Portuguesa, é fundamental que nos preocupemos com o processo de ensino-aprendizagem de língua materna e com os conteúdos a serem desenvolvidos na sala de aula. Desse modo, escolhemos como eixos articuladores do nosso projeto de docência os gêneros *conto fantástico* e *fanfictions*, já previstos no planejamento do professor, numa tentativa de atender tanto aos objetivos do projeto político-pedagógico da escola quanto aos documentos parametrizadores para o ensino de língua materna como conhecimento escolar — Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Proposta Curricular de Santa Catarina (PCSC).

O projeto político-pedagógico da escola, como já referido, tem como referencial teórico a linha do sociointeracionismo, sendo a relação histórico-social e o princípio da alteridade a base dos objetivos e conteúdos. Durante o nosso período de observação, pudemos notar que a escola se constitui como espaço sociocultural, onde trocas de experiência e conhecimento ocorrem o tempo todo entre diferentes sujeitos por meio da interação. Ainda que não apareça explicitamente a perspectiva dialógica da linguagem (VÓLOCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2011), no PPP a linguagem é entendida como meio da concretização da relação do “eu” com “o outro”, ou seja, como fenômeno social da interação verbal. É interessante notar que, se é por meio da língua que se estabelece a relação entre dois sujeitos, historicamente datados e socialmente constituídos, é também por meio dela que temos acesso ao conhecimento de diferentes áreas de conhecimento, mas principalmente de língua portuguesa. Reconhecendo a importância da língua no processo de ensino-aprendizagem, o PPP destaca a função do professor como o mais experiente da relação de ensino e aprendizagem e, como tal, precisa provocar situações de aprendizagem que interfiram na Zona de Desenvolvimento Proximal dos alunos, de modo a gerar novos estímulos com base nos conhecimentos já estruturados.

Desse modo, o planejamento das aulas foi concebido à luz da concepção sociointeracionista da linguagem, com ênfase no papel da linguagem no processo de ensino-

aprendizagem de língua materna, na constituição do sujeito como fruto das relações sociais que se dão pela interação verbal e no diálogo entre os conhecimentos da aula de Língua Portuguesa e a realidade social, histórica e cultural dos alunos. Procuramos, durante a elaboração do projeto, assim como no seu desenvolvimento, trabalhar em três diferentes frentes: a leitura (fruição e estudo), a produção textual e a análise linguística. Entendemos, com base na teoria sociointeracionista, que a leitura e a escrita estão profundamente relacionadas, e os seus elementos — leitor, texto e autor — encontram-se social e historicamente situados. Ademais, levamos em consideração como base pedagógica do ensino língua materna o trabalho com a oralidade, a leitura, a escrita e a gramática (ANTUNES, 2003).

O delineamento do projeto se deu a partir do diálogo dos estagiários-professores com o professor de Língua Portuguesa da turma. Tendo em vista os gêneros conto fantástico e *fanfictions* como conteúdos do bimestre, sugerimos o trabalho com esses gêneros com o intuito de ampliar o repertório cultural e potencializar a competência escrita dos alunos. Com relação ao ensino de Língua Portuguesa, o objetivo maior de nossa ação docente teve como foco potencializar o conhecimento e as habilidades dos alunos para as práticas de uso oral e escrito da língua em seu contexto cotidiano, percebendo os gêneros do discurso com determinadas características próprias de sua esfera de circulação e o reconhecimento de si como autor de seu próprio discurso.

Assim sendo, o nosso projeto de docência, nomeado “Uma viagem da turma 71 pelos contos fantásticos e pelas *fanfictions* ao planeta da autoria”, teve como finalidade a produção de *fanfictions* que foram publicadas *on-line*, isto é, textos que, ao fim, não se restringiriam à esfera escolar, feitos apenas para a avaliação do professor. Para tanto, o projeto previu o encontro dos alunos com textos dos gêneros trabalhados, além do contato com outros gêneros, por meio de atividades de leitura, escrita, reescrita e análise da e reflexão sobre a língua. Optamos por focalizar o trabalho na autoria por compartilhar da ideia de Geraldi (1997), de que a produção de textos oferece o direito à palavra, e porque no texto se pode observar o conjunto de formas da língua que, enquanto discurso, remete a uma relação intersubjetiva ligada à temporalidade e às dimensões dos enunciados dos alunos. Ademais, como explicita Candido (2011), a literatura é direito de todos; ler e escrever literatura é, momentaneamente, mergulhar nas suas vivências cotidianas e libertar-se dos grilhões da realidade, dando um salto, ou alçando um voo, no mundo da imaginação.

2. 2. 2. Escolha do tema e justificativa

Compreendendo a importância de ir além dos conhecimentos e procedimentos ensinados em sala de aula, a fim de colocar todo o aprendizado em prática, de modo que o aluno se reconheça autor de seus enunciados, optamos pelo trabalho com contos fantásticos e *fanfictions* pela possibilidade de ampliar o repertório cultural dos alunos, estimular a leitura literária e propiciar uma atividade para além da sala de aula. Além disso, levamos em conta o conteúdo previsto no planejamento do professor, o PPP da escola e o nosso interesse pessoal, tendo em conta acreditarmos que, com seu caráter não edificante, mas humanizador, a leitura literária possibilita ao aluno o contato com a palavra do outro por meio de uma experiência estética própria da esfera literária, capaz de desenvolver a percepção, a observação e a sensibilidade.

Conforme Teresa Colomer (2007, p. 104), em *Andar entre livros*, o trabalho com a leitura de histórias “incide em aspectos tais como o desenvolvimento do vocabulário, a compreensão de conceitos, o conhecimento de como funciona a linguagem escrita e a motivação para querer ler.” Os contos, principalmente, possuem a vantagem de ensinar a “pensar só com palavras”, fazendo com que os alunos não se apoiem na percepção imediata de um contexto, permitindo-lhes elaborar um mundo mais rico com um vocabulário para falar sobre ele. Ainda sobre o trabalho com literatura, em seu livro *A literatura em perigo*, o crítico e teórico literário Todorov (2012) afirma que

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (p. 76-77)

Com relação à produção de escrita, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 47)

Um escritor competente é alguém que, ao produzir um discurso, conhecendo possibilidades que estão postas culturalmente, sabe selecionar o gênero no qual seu discurso se realizará escolhendo aquele que for apropriado a seus objetivos e à circunstância enunciativa em questão. (...) Um escritor competente é alguém que planeja o discurso e conseqüentemente o texto em função do seu objetivo e do leitor a que se destina, sem desconsiderar as

características específicas do gênero. É alguém que sabe elaborar um resumo ou tomar notas durante uma exposição oral; que sabe esquematizar suas anotações para estudar um assunto; que sabe expressar por escrito seus sentimentos, experiências ou opiniões. (PCN, 1998, p. 47)

A partir do pressuposto da importância da presença da literatura na sala de aula e da prática da produção de textos, optamos pelo trabalho com os contos fantásticos, por pertencerem à esfera literária e pela presença de seres fantásticos, muito apreciados nessa idade. Desse modo, os alunos foram incentivados à leitura por meio da leitura-fruição e, por meio da leitura-estudo, tornaram-se capazes de reconhecer as estruturas narrativas para a produção da *fanfiction*. Assim, o trabalho com os gêneros do discurso foi pautado na leitura, escrita, análise linguística, reescrita, de modo que os alunos pudessem reconhecer por onde esses gêneros circulam e seus aspectos composicionais.

2. 2. 3. Referencial teórico

2. 2. 3. 1. Concepções de ensino e escola

Consideramos, inicialmente, a educação, com foco na esfera escolar, como ato de produzir a humanidade que é construída histórica e coletivamente pelo conjunto de homens em cada indivíduo singular (SAVIANI, 2013). A escola, por sua vez, é compreendida como um produto da cultura da sociedade na qual está envolvida, modificando-se, portanto “de modo a atender a dinâmica cultural própria de cada grupo social que a ela teve acesso (ou que precisou ter) para estabelecer relações com culturas nas quais a escolarização já estava presente” (HENTZ, 2005, p.42). É, portanto, uma instituição complexa, cujas experiências são socialmente constituídas e que possui seus próprios hábitos, rituais, etc. Nesse espaço também se desdobram tensões, como o papel de manutenção da cultura de uma classe dominante e a necessidade de fazer com que os alunos das mais variadas origens sintam-se produtores de conhecimento (HENTZ, 2005).

Tomando a instituição escolar sob essa perspectiva, isto é, como socialmente situada, cujos atores são indivíduos constituídos que contribuem ativamente para a formação do ambiente, a prática da homogeneização e da avaliação a partir de critérios meramente cognitivos “Expressa uma lógica instrumental, que reduz a compreensão da educação e de seus processos a uma forma de instrução centrada na transmissão de informações” (DAYRELL, 2007, não paginado). Tais práticas ancoram-se em uma determinada

compreensão do sujeito e da língua, que influenciam o olhar do profissional de educação sobre a escola. Conforme o abordado na problematização, discordamos dessas compreensões tradicionais, adotando a base epistemológica explicitada na seção a seguir.

2. 2. 3. 2. Base teórico-epistemológica: concepção de sujeito e língua

Diferentemente de abordagens mais tradicionais, consideramos o indivíduo do processo de ensino-aprendizagem um sujeito constituído, situado e incompleto (FREIRE, 2008 [1970]; GERALDI, 2010b), que se afirma como si por meio da relação com o outro (responsável e respondente). O sujeito só existe diante do outro, ou seja, a partir de uma relação social mediada pelo diálogo, havendo, portanto, a necessidade de esse sujeito ser um sujeito falante (MIOTELLO, 2011). Ressaltamos, ainda, que esse sujeito que se constitui por meio da alteridade, conforme Geraldí (2010b), é um sujeito incompleto, inconcluso e insolúvel, em que as identidades ou acabamentos sempre serão múltiplos no tempo e no espaço, mas também trata-se de um sujeito datado, que, no pensamento bakhtiniano, existe num “entrelaçamento entre o passado, presente e futuro que se realizam concretamente num espaço historicizado pelo tempo” (GERALDI, 2010b, p. 144). Dessa forma, ao trabalhar com essa concepção de sujeito, nossa ação docente se voltou para o aluno levando em consideração a sua constituição a partir de sua localização espaço-temporal.

Retomando Miotello (2011), ao levar em consideração que esse sujeito é um sujeito falante, que só existe diante do outro a partir do diálogo, consideramos importante abordar a nossa concepção de língua como interação social. Conforme Volóchinov (2017), “o signo é um fenômeno do mundo externo. Tanto ele mesmo, quanto todos os efeitos por ele produzidos, ou seja, aquelas reações, aqueles movimentos e aqueles novos signos que ele gera no meio social circundante, ocorrem na experiência externa.” (p. 94). Dessa forma, o signo é concebido como um fenômeno da interação discursiva, de modo que mesmo a consciência individual é constituída pelos signos exteriores.

Ao conceber a linguagem como *interação social*, deixamos de lado a compreensão de que se constitui apenas como um sistema abstrato de signos desvinculados do ato da fala ou da capacidade inata de expressar pensamentos, compreendendo a importância da relação dialógica entre os sujeitos. Assim sendo, concebemos a linguagem como um sistema de signos que só se estabelece a partir da relação (e de um posicionamento axiológico) entre o “eu” e o “outro”, de modo que os signos só se afloram no terreno intersubjetivo.

2. 2. 3. 3. Ancoragem teórica: gêneros do discurso e letramento

A partir da compreensão do sujeito como ser inconcluso, constituído, historicamente datado e socialmente situado, e da língua como interação verbal, assumimos, como ancoragem teórica da nossa concepção de ensino de língua materna, os conceitos de *letramento e gêneros do discurso*. Como *letramento*, entendemos, “um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e poder.” (KLEIMAN, 2014 [1995], p. 11). A escola funciona, conforme Kleiman (2015), como uma das principais *agências de letramento*, sendo que, a depender do *modelo de letramento*, será possível permitir um ensino de língua portuguesa de qualidade a diferentes alunos de realidades distintas. A fim de possibilitar um ensino de língua materna aos diferentes sujeitos da sala de aula, assumimos o *modelo ideológico de letramento*, que leva em conta as vivências desse sujeito historicamente datado e socialmente situado. A escolha desse modelo permite, a partir do olhar para as particularidades locais do sujeito conforme o concebemos, ressignificar a sua realidade, buscando respostas para problemas, necessidades e fragilidades. Desse modo, além da valorização de determinadas características locais e da contribuição para o fortalecimento das identidades ali construídas, em nossa prática pedagógica procuramos possibilitar um trânsito entre o local e o universal. Em uma de nossas aulas, por exemplo, trabalhamos com um conto africano e com uma notícia sobre o funk, de modo que nossos alunos pudessem reconhecer características da narrativa comparando dois gêneros distintos, sendo que um abordava um assunto cotidiano para eles e outro apresentava uma outra realidade.

No ensaio “Os gêneros do discurso”, do livro *Estética da criação verbal*, Mikhail Bakhtin (2011) aborda os gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis de enunciados concretos e únicos que se dão de forma tão multiformes quanto os campos de atividade humana. Esses campos de atividade humana refletem as condições específicas e as finalidades de cada de cada um deles “não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2011, p. 261). A composição, o estilo e o conteúdo de um poema diferem-se, por exemplo, da de um conto, ainda que ambos pertençam à esfera literária; a esfera jurídica, por sua vez, apresenta outros gêneros com características próprias. Como produtos correspondentes a condições específicas e às finalidades de cada esfera de atividade humana, por meio das quais interagimos, os

gêneros possibilitam o ensino de língua materna de modo significativo, uma vez que o aluno deve estar atento ao contexto de produção e a sua relação com os elementos linguísticos mobilizados em cada texto representativo do gênero em estudo.

2. 2. 3. 3. 1. A leitura em sala de aula

O trabalho com a leitura de textos tem como base a nossa concepção de língua como interação verbal e o sujeito respondente, constituído, datado e situado. Nossa prática de ensino de Língua Portuguesa, dessa forma, foi pensada com base na ancoragem teórica adotada, ou seja, o letramento e os gêneros do discurso.

Em *Portos de passagem*, na seção referente à leitura de textos, Geraldi (1997) aborda o ato de produção de sentido que se dá por meio da *contrapalavra* do leitor à palavra do texto. A leitura é, portanto, atribuição de sentido a partir do reconhecimento dos aspectos textuais, mas, para além disso, o encontro da bagagem do leitor em relação ao que se encontra escrito; e, por conta disso, a leitura não é isomórfica nem apenas o reconhecimento de sentido. Conforme Geraldi (1997), ao falar sobre a formação de leitores, é necessário levar em consideração que “a entrada de um texto para a leitura em sala responde a necessidades e provoca necessidades” (GERALDI, 1997, p. 217). Desse modo, fazer com que os alunos compreendam como os autores utilizam os recursos gramaticais e lexicais em favor de seu projeto de discurso já se trata de um modo de agir metodologicamente para empreender a formação de leitores.

Para Cerutti-Rizzatti; Daga; Catoia Dias, é competência dos professores de língua materna “educar a atenção dos leitores para os recursos lexicais e gramaticais agenciados pelos autores quando da configuração estilístico-composicional por ocasião da exauribilidade semântico-objetual do tema” (2014, p. 231), de modo que o aluno perceba questões de referenciação, recuperação do referente e estudos sobre anáfora, reiteração e progressão. A partir dessa compreensão, torna-se fecunda uma ação docente que contemple a análise linguística, com foco na leitura, permitindo uma abordagem que possibilita aos alunos-leitores uma observação atenta quanto ao agenciamento dos recursos gramaticais e lexicais em favor dos projetos de discurso dos autores.

Ao abordar a formação do leitor literário, Teresa Colomer (2007) em *Andar entre livros* versa sobre o privilégio dado por anos ao ensino da história literária em detrimento do contato com o texto literário. Dessa forma, em vez de ler textos literários, o aluno é capaz de sair da escola compreendendo as principais características de determinado período literário,

mas sem a leitura efetiva de uma obra e a compreensão dela com relação ao seu contexto de produção e ao estilo próprio do autor.

Colomer (2007) ressalta, em contraproposta, a importância de se ler sozinho e de se ler com os outros. Para a autora, um espaço de leitura individual na escola “pretende dar a oportunidade de ler a todos os alunos; aos que têm livros em casa e aos que não os têm; aos que dedicam tempo de lazer à leitura e aos que só leriam os minutos dedicados a realizar as tarefas escolares na aula.” (COLOMER, 2007, p. 125). A leitura com os outros, por sua vez, é importante para o ensino por conta da possibilidade de explorar, em conjunto, os livros, e a construir significados, perceberem jogos intertextuais, estruturas paralelas e repetições. O sentimento de pertencer a uma “comunidade interpretativa”, conforme a autora, é o mecanismo básico para aprender a desfrutar formas literárias. Em nossa metodologia, adotamos os dois modos de leitura, a coletiva visando uma construção de sentido com base na percepção individual dos alunos-leitores e do diálogo entre as diferentes compreensões e a individual realizada não apenas na sala de aula, mas também na biblioteca, a fim de proporcionar ao aluno o contato com um dos espaços próprios do livro e da leitura.

2. 2. 3. 3. 2. A produção textual em sala de aula

Levamos em consideração, no que se refere à produção textual, a necessidade de o aluno ter contato com o gênero que irá escrever antes de produzi-lo. Para tanto, consideramos a leitura em sala de aula um trabalho fundamental e indissociável da escrita. Ressaltamos, ainda, que o desenvolvimento do projeto, com a finalidade da publicação de uma *fanfiction*, teve como ancoragem teórica o *modelo ideológico de letramento* e a concepção de gêneros do discurso, fundamentada no pensamento de Bakhtin.

Na seção “A produção de textos”, Geraldi (1997) disponibiliza, ao final, um quadro com algumas condições necessárias para a produção de um texto sob o seu ponto de vista. Para o autor, é importante que o aluno se assuma como locutor, isto é, que ele perceba que seu texto destina-se a *outro*, o seu possível leitor. Além disso, as *razões para dizer* se fazem muito necessárias, bem como *o que dizer* e *a quem dizer*, tanto para a confecção do texto quanto para a motivação em fazê-lo. As *razões para dizer* podem movimentar os alunos, mobilizá-los a conhecer outras coisas para que tenham um porquê para escrever, enquanto *o que (se tem a) dizer* pode levá-los a relacionar o particular de cada um para compreender o geral em que se inserem. A perspectiva de ter um interlocutor a quem se diz e, principalmente, disponibilizar os textos produzidos aos interlocutores é uma das condições mais importantes, porque

motivadora, uma vez que o texto não ficará guardado em uma gaveta nem terá sido escrito apenas para o professor com o intuito de garantir a nota.

A necessidade de ter o que dizer e para quem dizer implica um *como* dizer, que se refere à escolha de estratégias e de como se configura textualmente e linguisticamente esse projeto de dizer. Para tanto, com base em Costa Val (1999), assumimos os cinco fatores pragmáticos da textualidade, sendo os dois primeiros a *intencionalidade* e a *aceitabilidade*. O primeiro concerne ao “empenho do produtor em construir um discurso coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa” (VAL, 1999, p. 10). Já a aceitabilidade concerne à expectativa do receptor, das ocorrências com as quais ele se defronta, isto é, um texto com coerência, coesão, utilidade e relevância, capaz de levar o leitor a cooperar com os objetivos do autor e adquirir conhecimentos. Outros fatores de textualidade para a autora são a *situacionalidade*, que trata dos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto com relação ao seu contexto; a *informatividade*, a qual “diz respeito à medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não, conhecidas ou não, no plano conceitual e no formal.” (VAL, 1999, p. 14); e, por fim, a *intertextualidade*, que se refere aos fatores que fazem a utilização de um texto depender do conhecimento de outro(s) texto(s).

2. 2. 3. 3. 3. A análise linguística

A análise linguística no processo ensino-aprendizagem de língua materna tem como objetivo refletir sobre a linguagem como objeto com o qual os sujeitos interagem, refletem e sobre o qual agem. Geraldi (1997) identifica três ações linguísticas, a saber: as ações *com* a linguagem, as ações *sobre* a linguagem e as ações *da* linguagem. As ações feitas *com* a linguagem são aquelas que pressupõem que o locutor não faça enunciações sem ter nenhuma intenção. As ações feitas *sobre* a linguagem levam em consideração os seus próprios recursos estilísticos e expressivos para a construção de sentido aos discursos. Por fim, as ações *da* linguagem estabelecem um padrão, servindo este de referência para os enunciados.

Com base nessa compreensão, Geraldi (1997) propõe que o ensino da dimensão estrutural da língua se realize por meio da análise e reflexão sobre a articulação dos recursos da língua na produção de textos. Na prática pedagógica a análise linguística, ou seja, a prática da reflexão sobre os recursos linguísticos pode se realizar com base em diferentes atividades: linguística, epilinguística e metalinguística. Para Geraldi (1997), a análise linguística no ensino de língua materna deve ser iniciada sempre pelo nível epilinguístico, isto é, deve

ocorrer na escola a partir das práticas oral e escrita da linguagem, isto é, sempre na interação com o outro, levando em consideração o fato de que a linguagem é produto da interação social. Para o autor, a partir do nível epilinguístico deve-se chegar ao nível metalinguístico. Desse modo, a análise deve levar em consideração o que o aluno tem a dizer, para quem ele diz, e a partir daí promover a reflexão sobre o uso da língua, fazendo com que a análise se torne uma aprendizagem significativa para o aluno.

Ainda que possa ser feita à parte, Geraldi (1997) propõe que se deve levar em consideração a análise linguística ocorrendo concomitantemente à prática de leitura e de escrita. Assim, o aluno pode ir percebendo como o agenciamento das unidades da língua dentro de uma produção textual, escrita ou oral, contribui para a compreensão da leitura e escuta do texto. Desse modo, a metodologia de nossa prática visou atividades em que a análise ocorria nos momentos de leitura, identificando nos textos os recursos agenciados para se demarcar os elementos constituintes de cada narrativa em estudo, e em momento de análise das produções dos próprios alunos, tendo em vista o aprimoramento de suas capacidades de escrita.

2. 2. 3. 3. 4. O conto fantástico e as fanfictions

Em seu ensaio, “O direito à literatura”, Antonio Candido (2011) afirma que a assimilação da obra deve ser o fator mais importante e que todos devem ter direito de acessar, sem que os instrumentos de análise literária e a história literária passem por cima e abafem o conteúdo das obras literárias. Cabe mencionar, ainda, que Tzvetan Todorov (2014), teórico e crítico literário búlgaro radicado na França, vê na literatura um objeto capaz de humanizar os leitores, de fazer com que eles experimentem e vivam outras vidas por meio do acesso ao livro (artes), por isso aborda, em *A literatura em perigo*, o fato de a literatura estar em perigo pelo modo com o qual as obras têm sido postas de lado para uma supremacia do ensino dos elementos que constituem o texto e da história literária. É importante o acesso aos livros, uma vez que, a partir deles, as crianças são capazes de formar distintas representações da realidade, distanciando-se criticamente do discurso, descobrindo a alteridade e imaginando e observando as potencialidades da linguagem.

Ao final de seu ensaio, Candido (2011) demonstra o quão importante é o contato com a literatura, narrando fatos como os operários que se interessaram por textos filosóficos, os italianos consumindo a *Divina Comédia* como elemento humanizador e o próprio caso em sua casa, quando leu *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, para o jardineiro português e a

sua esposa brasileira, que assimilaram bem e com uma emoção inteligente. É a partir desse contato e da assimilação da obra que o ensino deve ter, em dose equilibrada, os diversos estágios da história da língua e da literatura, a fim de construir uma moldura de compreensão, a partir da qual se possa fazer uma relação contínua.

Conforme Colomer (2007), a leitura de literatura pode ser expandida na escola, relacionando-a a múltiplas atividades que possibilitem sua integração com outros tipos de aprendizado, como a escrita de contos e poemas construídos individual ou coletivamente para compreender e apreciar mais não apenas a estrutura de seus textos, mas também a das obras lidas. Ademais, com relação ainda à leitura literária, a escrita aborda a importância do ensino de literatura para o conhecimento não apenas de gêneros literários, mas também de gêneros de outras esferas, pela aprendizagem lexical e sintática, isto é, pela aquisição de palavras e recursos estilísticos que podem ser utilizados em textos de diferentes gêneros do discurso.

As personagens fantásticas, segundo Colomer (2007) possibilitam a criação de textos com mais liberdade de regras. Conforme os estudos psicanalíticos sobre contos populares, as personagens fantásticas podem ser lidas como encarnações da percepção infantil sobre a ameaça do poder dos adultos ou, também, como personificações das pulsões agressivas próprias das crianças. As angústias interiores, pesadelos e terrores indefinidos, por sua vez, encontram encarnação nas personagens monstruosas, cuja plasticidade permite a representação metafórica de temas psicológicos.

Em sua dissertação, Aguiar (2016), aborda os gêneros conto fantástico e *fanfiction*. Partindo dos escritos de Poe e Cortázar, duas importantes figuras para a literatura, não apenas por seus contos, mas também por conta de suas críticas, o autor versa sobre a consolidação do conto como *gênero nacional*, saindo da prática oral da linguagem para ganhar os livros; sobre a sagacidade do conto, consistente na totalidade de uma leitura rápida; o caráter fugaz do conto e “o poder catártico do conto à linguagem que se constrói no mistério e no surreal, muitas vezes, sugerindo tais temas através de uma narrativa rápida.” (AGUIAR, 2016, p. 112). A função social do conto fantástico, compreendido especificamente como um tipo relativamente estável com a inserção de elementos sobrenaturais, capacidades inexistentes conforme as leis de nosso mundo e o desvario psicológico, conforme Aguiar (2016), baseando-se em Bettelheim e Todorov, é fantasiar a realidade a fim de resolver problemas próprios dela e refletir sobre as questões da psique humana. Todorov (2014) observa, ainda, a possibilidade de trabalhar temas tabus e censurados por meio do fantástico. Por outro lado, se Bettelheim e Todorov focalizam a função social do conto, os estudos de Poe e Cortázar, conforme o autor, analisam o fazer literário do mistério na linguagem do gênero conto. Para

Aguiar (2016), por fim, a prática social da leitura de contos fantásticos é uma maneira de repensar e reinventar a realidade.

A fanfiction, por sua vez, “se constitui enquanto um gênero narrativo de ficção em prosa, que é construído na interação, dialogando diretamente com elementos (de outras ficções ou da realidade) já existentes e geralmente ligados à cultura de massa.” (AGUIAR, 2016, p. 108) Ao tratar do conceito de *fanfictions*, o autor, com base em Jenkins, versa sobre a condição diferenciada de autoria do produtor da *fanfic*, uma vez que se trata da criação de fãs a partir da apropriação de elementos já existentes na realidade ou em algum universo ficcional.

Diante dessas escolhas teórico-metodológicas, trabalhamos a leitura de contos fantásticos pensando tanto no contato humanizador com a literatura e na ampliação do repertório dos alunos, quanto na produção da *fanfiction* para suas vivências como sujeitos de uma sociedade grafocêntrica, na qual a literatura desempenha um papel muitas vezes excludente, quando compreendida como restrita às elites. A justificativa do trabalho com as *fanfictions* se deu não apenas por sua circulação virtual, que atinge um número elevado de jovens leitores e cria comunidades leitoras, influenciando e incentivando a leitura e a escrita literária, mas também por seu caráter de interação. Na produção de uma *fanfiction*, o autor retrabalha a sua contrapalavra ao escritor (GERALDI, 1997) em forma de texto, criando um diálogo entre a sua leitura e uma criação que mobiliza elementos subjetivos.

2. 2. 3. 4. Avaliação

No desenvolvimento de nossa prática pedagógica na realização deste projeto de docência, assumimos a avaliação como procedimento, ou seja, como prática constante de professor. Desviamo-nos, assim, do entendimento desta importante prática escolar como mera cobrança de informações repassadas durante as aulas, o que a confinaria aos momentos de provas. O processo avaliativo deve, portanto, indicar ao professor o caminho percorrido pelo aluno no decorrer da aprendizagem, possibilitando a reorientação do aluno em relação ao que ainda se apresenta como dificuldade, permitindo que “se observe ou reveja o que pôde alcançar em seu desenvolvimento e o que o impediu de fazê-lo com maior êxito” (ANTUNES, 2003, p.158). Além disso, a avaliação volta-se também à prática docente, permitindo que o professor repense métodos, conteúdos e concepções que assume em sua ação docente.

Como propõe Antunes (2003, p.):

Convém ainda que o professor converta cada momento de avaliação num tempo de reflexão, de pesquisa, ou seja, de ensino e aprendizagem, de reorientação do saber anteriormente adquirido. Sem o ranço das atitudes puramente “corretivas”, de “caça aos erros”, como se o professor só tivesse olhos para enxergar “o que não está certo”.

Nesse sentido, a avaliação das produções escritas dos alunos não se orientou para a visão tradicional da correção ortográfica, na qual não se propicia ao aluno ferramentas para a compreensão do que se deve manter ou reformular em seu texto. A avaliação da produção da *fanfiction* deu-se, além do já mencionado, pela adequação ao gênero, considerando sua função social, forma de composição e pelo trabalho com os recursos expressivos e linguísticos, particularmente em relação a:

- a) elementos da narrativa (tempo, espaço, enredo, foco narrativo, personagem);
- b) uso adequado dos pronomes na manutenção do tema, dos adjetivos na criação da atmosfera e descrição de personagens e cenários, dos verbos de narração e descrição, da pontuação na clareza do texto e na marcação das falas.

Além da *fanfiction*, os alunos realizaram outras atividades avaliativas, conforme aquilo que havia sido previsto no cronograma e nos planos de aula, sendo que a participação efetiva em sala de aula, como perguntas, intervenções e a leitura de textos, também contou como avaliação.

2. 2. 4. Objetivos

A partir do referencial teórico no qual nos ancoramos, estabelecemos como objetivo central de nossa ação docente potencializar habilidades e conhecimentos dos alunos para as práticas de uso da língua oral e escrita, por meio do conhecimento do conto fantástico e da *fanfiction* como gêneros que circulam socialmente e que, como tal, configuram práticas de uso da língua, tomados em suas respectivas esferas de atividade humana (literária) e nos suportes em que circulam.

Para isso, foi considerada a produção de uma *fanfiction* e a realização de atividades epilinguísticas focadas na compreensão de aspectos linguísticos, textuais e estruturais, como adjetivos, pronomes, foco narrativo, espacialidade e temporalidade na narrativa na construção

e produção de sentidos das narrativas lidas e como ferramentas para a construção de seu próprio dizer. Essas atividades possibilitaram promover o aprimoramento das capacidades de leitura e escrita dos alunos nos gêneros conto fantástico e *fanfiction*, assim como, a longo prazo, possibilitarão o contato humanizador que a literatura promove.

2. 2. 5. Conhecimentos trabalhados

Os conhecimentos que trabalhamos com os alunos no decorrer do projeto de docência visavam cumprir os objetivos elaborados para o desenvolvimento deste. Para tanto, foram realizadas leituras de textos em ambos os gêneros para fruição e estudo, tendo em vista o reconhecimento dos elementos da narrativa, das diferenças discursivas, composicionais, expressivas e linguísticas entre textos de gêneros de diferentes esferas e de textos da esfera literária.

Também foram trabalhados os elementos linguísticos e textuais, como marcas do foco narrativo de primeira e terceira pessoa, as indicações de tempo e espaço e suas respectivas funções na construção do sentido de textos. Além disso, a criminalização do funk, a pobreza, o (mau) uso da tecnologia pelos governos, conteúdos de alguns dos textos lidos, foram objeto de discussões orais em sala de aula, visando formar um leitor crítico e capaz de se expressar oralmente com clareza, fluência, ritmo e entonação.

2. 2. 6. Metodologia

A fim de que os alunos pudessem atingir os objetivos delimitados para nossa prática pedagógica, foram realizadas aulas expositivas e dialogadas, com a recorrência de leitura-fruição e leitura-estudo de textos dos gêneros conto fantástico e *fanfiction*, exercícios de análise linguística e reconhecimento da estrutura narrativa, para o desenvolvimento das habilidades de leitura, interpretação e compreensão de textos da esfera literária. Tais atividades ocorreram no espaço da sala de aula, mas também se expandiram à biblioteca, à sala de informática e à sala de cidadania.

As aulas contaram também com a leitura oral dos textos e com debates sobre os temas relevantes nos textos, conduzindo os alunos ao desenvolvimento da fluência, ritmo e entonação em situações sociais que exigiam exposição oralizada. Os conteúdos e atividades planejados neste projeto de docência conduziram à produção de uma *fanfiction*, que foi publicada, após a refacção, em um *site* onde comumente circula esse gênero.

2. 2. 6. 1. Recursos

2. 2. 6. 1. 1. Recursos materiais

Foram necessários para a realização deste projeto de docência recursos materiais como quadro branco, canetão para o quadro, lápis, caderno e borracha, livros de contos (da biblioteca, dos estagiários-professores e da professora orientadora), cópias dos textos que foram lidos, cópias das atividades realizadas pelos alunos e cópias com resumos dos conceitos abordados. Como recurso tecnológico, foram utilizados um *pendrive* para o armazenamento de arquivos em *slide* e vídeo, um notebook e um projetor multimídia.

2. 2. 6. 1. 2. Recursos bibliográficos

Os materiais bibliográficos, em sua maioria, foram os contos lidos em aula, sendo eles: “A opinião em palácio”, de Carlos Drummond de Andrade, “Final para um conto fantástico”, de I. A. Ireland, “Fita-verde no cabelo”, de João Guimarães Rosa, “História de raposas”, de Nio Jiao, “O gato preto” (adaptado), de Edgar Allan Poe, “O homem cadente” e “Peixe para Eulália”, de Mia Couto, “Odin”, de Jorge Luis Borges e Delia Ingenieros, e “Os três astronautas”, de Umberto Eco. Os alunos tiveram também contato com outros gêneros, como o poema “Fala do velho do restelo ao astronauta”, de José Saramago, a notícia “Senado coloca em pauta a criminalização do funk”, publicado no *Blasting News*, e o curta-metragem “Vincent”, de Tim Burton, para perceberem as características próprias da narrativa e seus recursos estilísticos e discursivos. Ademais, houve a leitura das fanfictions “Conversa entre vilões”, “Vingança e perdão”, “Duelo entre raposas”, “Goodbye, Marcy” e “Assel”, de modo que os alunos pudessem ter mais contato com o gênero.

Na sequência, apresentamos o cronograma geral das aulas, seguido do plano de aula de cada uma delas, com os respectivos anexos, de modo que se possa ter uma compreensão mais detalhada do movimento metodológico previsto para nossa ação docente. É interessante mencionar que, conforme as ações do projeto avançavam, percebemos que ajustes precisavam ser feitos para dar conta do nosso objetivo, como será apresentado na seção de análise.

2. 2. 6. 2. Cronograma de docência

ENCONTROS	ATIVIDADES
<p>Aulas 1 e 2 02/10 Segunda-feira</p>	<p>- Apresentação dos estagiários e do projeto de docência “A viagem da turma 71 pelos contos fantásticos e pelas <i>fanfictions</i> ao planeta da autoria”: será entregue um texto aos alunos com a proposta de trabalho, que será lido e discutido e as pastas para os portfólios (15 min.)</p> <p>- Leitura-fruição de cinco contos a serem distribuídos aleatoriamente entre os alunos, sendo eles: “Odin”, de Jorge Luis Borges e Delia Ingenieros, “Final para um conto fantástico”, de I. A. Ireland, “História de raposas”, de NioJiao, “Fita-verde no cabelo”, de João Guimarães Rosa e “A opinião em palácio”, Carlos Drummond de Andrade (25 min.)</p> <p>- Atividade com base em roteiro de leitura (15 min.)</p> <p>- Impressões da leitura a partir do roteiro e das opiniões sobre o texto (35 min.)</p>
<p>Aulas 3 e 4 03/10 Terça-feira</p>	<p>- Leitura jogralizada do conto “O homem cadente”, de Mia Couto, e leitura silenciosa da notícia “Senado coloca em pauta a criminalização do funk”, publicado no <i>Blasting News</i> (20 min.)</p> <p>- Análise das diferenças entre os gêneros a partir da interpretação dos textos, com base em uma atividade de interpretação (25 min.)</p> <p>- Aula de leitura (45 min.)</p>
<p>Aulas 5 e 6 10/10 Terça-feira</p>	<p>- Leitura oral do conto “Os três astronautas” pelo estagiário-professor, de Umberto Eco e do poema “Fala do velho do restelo ao astronauta” (20 min.)</p> <p>- Impressões e discussão sobre as diferenças entre os gêneros (35 min.)</p> <p>- Leitura e escrita do final de “Passeio noturno (parte I)”, de Rubem Fonseca, acrescentando um elemento fantástico (35 min.)</p>
<p>Aulas 7 e 8 17/10 Terça-feira</p>	<p>- Análise de elementos da estrutura de um conto, a partir dos contos lidos anteriormente: narrador (foco narrativo), tempo, espaço, personagem e enredo. (30 min.)</p> <p>- Apresentação das fanfictions (15 min.)</p> <p>- Ida à sala de informática (10 min.):</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Apresentação do gênero em sua esfera de circulação (10 min.) ● Leitura de uma fanfiction (15 min.) ● Diferenças entre o conto e a <i>fanfiction</i> (10 min.)
<p>Aulas 9 e 10 23/10 Terça-feira</p>	<p>- Revisão dos elementos de uma narrativa (20 min.)</p> <p>- Orientações para a escrita de uma fanfiction (oral e escrita) (10 min.)</p> <p>- Produção da 1ª versão de uma fanfiction. (60 min.)</p>
<p>Aulas 11 e 12 24/10 Terça-feira</p>	<p>- Socialização do final do conto “Passeio noturno (parte I), de Rubem Fonseca” (20 min.)</p> <p>- Tópicos que podem ser revistos para a análise linguística: tempo, espaço, narrador (foco narrativo), enredo e personagens (25 min.)</p> <p>- Exibição do curta “Vincent”, dirigido por Tim Burton (10 min.)</p> <p>- Leitura do conto “O gato preto”, de Edgar Allan Poe (15 min.)</p> <p>- Discussão sobre adaptação e <i>fanfiction</i> (20 min.)</p>

Aulas 13 e 14 30/10 Segunda-feira	- Análise linguística: <ul style="list-style-type: none"> ● Elementos anafóricos, pontuação e adjetivos (35 min.) ● Esquemas temporais (verbos e advérbios) (35 min.) - Exercícios voltados à reescritura das <i>fanfictions</i> (20 min.)
Aulas 15 e 16 31/10 Terça-feira	- Correção dos exercícios voltados à reescritura das <i>fanfictions</i> (20 min.) - Atividade dinâmica envolvendo aspectos da narrativa (25min.) - Aula de leitura (45 min.)
Aulas 17 e 18 06/11 Segunda-feira	- Reescritura da 1ª versão da fanfiction com base nas indicações dos professores estagiários (90 min.)
Aulas 19 e 20 07/11 Terça-feira	- Socialização: postagem das fanfictions e leitura das produções dos colegas (45 min.) - Premiação (10 min.) - Encerramento do estágio (10 min): <ul style="list-style-type: none"> ● Entrega dos portfólios (5 min.) ● Confraternização (20 min.)

2. 2. 6. 3. Planos de aula

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EEB Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar
Estagiário responsável pela aula: Elton da Silva Rodrigues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Plano de aula 1 – 2 h/a (02/10 – Segunda-feira – 9:30 às 11:15)

Tema: Introdução ao conto fantástico

1. Objetivo Geral

- Reconhecer aspectos do conto fantástico como esfera e suporte de circulação, elementos da literatura fantástica e da estrutura narrativa, a partir da leitura-fruição de textos nesse gênero.

2. Objetivos Específicos

- Realizar a leitura-fruição do gênero conto, demonstrando postura de concentração e de respeito ao outro no exercício dessa prática de uso da linguagem;
- Exercitar as habilidades leitoras por meio da leitura silenciosa de contos;
- Reconhecer a esfera e os suportes em que esse gênero circula por meio da circulação de livros de contos em sala;
- Identificar elementos da literatura fantástica, como a presença/aparição de personagens, criaturas ou situações que não seguem as regras do mundo real e a dúvida quanto à realidade do acontecimento em alguns contos, pela análise das marcas linguísticas que expressam esses elementos;
- Localizar aspectos próprios da estrutura narrativa, como a presença de personagens, as marcas verbais que indicam o foco narrativo, referências a lugares ou pessoas que indiquem a época e o local da narrativa;
- Socializar as impressões de leitura com os colegas, expressando-se com clareza, fluência, boa entonação e coerência.
- Atribuir sentido à fala do outro, pela escuta atenta e efetiva das apresentações dos colegas sobre os contos lidos.

3. Conhecimentos trabalhados

- Aspectos do gênero conto: narrador (foco narrativo), personagem, tempo, espaço e enredo;
- Esfera e suporte de circulação do conto fantástico;
- Elementos da literatura fantástica: criaturas ficcionais/mitológicas e acontecimentos sobrenaturais;
- Expressividade, fluência e entonação na apresentação oral.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo estimado
No primeiro momento, os estagiários-professores apresentarão o projeto de docência “O processo de autoria: da leitura de contos fantásticos à produção de <i>fanfictions</i> ” que será desenvolvido com a turma. Para isso, será entregue aos alunos um texto de apresentação do projeto de docência, que será lido e discutido. Enquanto os roteiros são distribuídos, a estagiária-professora escreverá a pauta da aula no quadro.	15 minutos
Em seguida, o estagiário professor fará uma breve contextualização sobre os autores dos contos escolhidos.	10 minutos
Logo após, serão distribuídos aleatoriamente entre os alunos os seguintes contos para o momento de leitura-fruição, a ser realizada silenciosa e individualmente: “Odin”, de Jorge Luis Borges e Delia Ingenieros, “Final para um conto fantástico”, de I. A. Ireland, “História de raposas”, de NioJiao, “Fita-verde no cabelo”, de João Guimarães Rosa e “A opinião em palácio”, de Carlos Drummond de Andrade. Enquanto os alunos leem, o estagiário-professor realizará a chamada.	20 minutos
Intervalo	15 minutos
Após o término da leitura, o estagiário-professor responsável pela aula entregará um roteiro de leitura, organizado em forma de tabela, que será utilizado em várias atividades de leitura, o qual os alunos responderão retomando os textos lidos nesta e a serem lidos em outras aulas de leitura. No roteiro, constará a indicação de que aspectos os alunos precisam retomar em relação aos textos lidos, como: título do texto, nome do autor, narrador, tempo, espaço, personagens, enredo e elemento fantástico, para que os alunos possam ir se apropriando dos elementos da estrutura da narrativa e da literatura fantástica, com base na prática da leitura de contos.	15 minutos
Terminado o preenchimento do roteiro, o estagiário-professor responsável pela aula conduzirá uma socialização de impressões de leitura. Primeiramente, os alunos serão questionados sobre o que acharam do conto, se gostaram ou não e por que, além de serem provocados a apresentarem oralmente um resumo da narrativa. Posteriormente, os alunos deverão compartilhar os aspectos identificados com auxílio das anotações no roteiro de leitura. Por fim, o estagiário-professor proporá uma discussão sobre determinados aspectos dos contos lidos para que os alunos percebam o que os tornam fantásticos, tais como presença de criaturas ficcionais/mitológicas e acontecimentos sobrenaturais.	30 minutos

5. Recursos didáticos

- Quadro branco
- Canetão
- Caderno, lápis e borracha
- Cópia do texto de apresentação do projeto de docência “A viagem da turma 71 pelos contos fantásticos e pelas *fanfictions* ao planeta da autoria”
- Cópias dos contos
- Cópias dos roteiros de leitura.

6. Avaliação

Para a avaliação dos alunos, será considerada a participação, por meio da leitura dos contos, considerando a sua postura de concentração e de respeito às condições para a leitura silenciosa de um texto, os questionamentos e comentários feitos; a adequação das respostas ao roteiro de leitura e a expressividade, clareza e coerência na socialização das impressões sobre os contos lidos. O preenchimento do roteiro, além de critério para a participação na aula, constituirá nota cumulativa para o bimestre.

7. Referências

ANDRADE, C. D. A Opinião em palácio. In: _____. **Contos plausíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BORGES, J. L.; INGENIEROS, D. Odin In: BIOY CASARES, A.; BORGES, J. L. OCAMPO, S. (Org.). **Antologia da literatura fantástica**. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 128-129.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993

_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GUIMARÃES ROSA, J. Fita Verde no cabelo. In: _____. **Meus primeiros contos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. (Antologia de contistas brasileiros, v.3). Disponível em: <<https://nadaquetenhologica.wordpress.com/2010/04/04/fita-verde-no-cabelo-de-joao-guimaraes-rosa/>>. Acesso em: 08 set. 2017.

IRELAND, I. A. Final para um conto fantástico. In: BIOY CASARES, A.; BORGES, J. L. OCAMPO, S. (Org.). **Antologia da literatura fantástica**. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 207.

JIAO, N. História de raposas. In: BIOY CASARES, A.; BORGES, J. L. OCAMPO, S. (Org.). **Antologia da literatura fantástica**. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 300-301.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2014.

8. Anexos

Anexo 1— Contos para leitura-fruição

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar

Estagiário-professores: Elton da Silva Rodrigues e Jéssica Domingos Mariano

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Aluno(a): _____

FITA-VERDE NO CABELO

João Guimarães Rosa

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam. Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo.

Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia.

Fita-Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cesto estava vazio, que para buscar framboesas.

Daí, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo. Então, ela, mesma, era quem se dizia:

— Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou.

A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são.

E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vinha-lhe correndo, em pós.

Divertia-se com ver as avelãs do chão não voarem, com inalcançar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeinhas flores, princesinhas e incomuns, quando a gente tanto por elas passa.

Vinha sobejadamente.

Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:

— Quem é?

— Sou eu... — e Fita-Verde descansou a voz. — Sou sua linda netinha, com cesto e pote, com a fita verde no cabelo, que a mamãe me mandou.

Vai, a avó, difícil, disse: — Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençoe. Fita-Verde assim fez, e entrou e olhou.

A avó estava na cama, rebuçada e só. Devia, para falar agagado e fraco e rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo. Dizendo: — Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo.

Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço.

Ela perguntou:

— Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão trementes!

— É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta... — a avó murmurou.

— Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados!

— É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta... — a avó suspirou.

— Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?
— É porque já não estou te vendo, nunca mais, minha netinha... — a avó ainda gemeu.

Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez. Gritou: — Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!...

Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.

GUIMARÃES ROSA, J. Fita Verde no cabelo. In: _____. **Meus primeiros contos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. (Antologia de contistas brasileiros, v.3). Disponível em:
<<https://nadaquetenhalogica.wordpress.com/2010/04/04/fita-verde-no-cabelo-de-joao-guimaraes-rosa/>>. Acesso em: 08 set. 2017.

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar

Estagiário-professores: Elton da Silva Rodrigues e Jéssica Domingos Mariano

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Aluno(a): _____

A OPINIÃO EM PALÁCIO

Carlos Drummond de Andrade

O Rei fartou-se de reinar sozinho e decidiu partilhar o poder com a Opinião Pública.

— Chamem a Opinião Pública — ordenou aos serviçais.

Eles percorreram as praças da cidade e não a encontraram. Havia muito que a Opinião Pública deixara de frequentar lugares públicos. Recolhera-se ao Beco sem Saída, onde, furtivamente, abria só um olho, isso mesmo lá de quando em vez.

Descoberta, afinal, depois de muitas buscas, ela consentiu em comparecer ao Palácio Real, onde Sua Majestade, acariciando-lhe docemente o queixo, lhe disse:

— Preciso de ti.

A Opinião, muda como entrara, muda se conservou. Perdera o uso da palavra ou preferia não exercitá-lo. O Rei insistia, oferecendo-lhe sequilhos e perguntando o que ela pensava disso e daquilo, se acreditava em discos voadores, horóscopos, correção monetária, essas coisas. E outras. A Opinião Pública abanava a cabeça: não tinha opinião.

— Vou te obrigar a ter opinião — disse o Rei, zangado.

— Meus especialistas te dirão o que deves pensar e manifestar. Não posso mais reinar sem o teu concurso. Instruída devidamente sobre todas as matérias, e tendo assimilado o que é preciso achar sobre cada uma em particular e sobre a problemática geral, tu me serás indispensável.

E virando-se para os serviçais: — Levem esta senhora para o Curso Intensivo de Conceitos Oficiais. E que ela só volte aqui depois de decorar bem as apostilas.

ANDRADE, C. D. A Opinião em palácio. In: _____. **Contos plausíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 36.

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar

Estagiário-professores: Elton da Silva Rodrigues e Jéssica Domingos Mariano

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Aluno(a): _____

ODIN

Jorge Luis Borges em colaboração com Delia Ingenieros

Conta-se que à corte de Olaf Tryggvason, que se convertera à nova fé, chegou certa noite um homem velho, envolto numa capa escura e com a aba do chapéu sobre os olhos. O rei lhe perguntou se sabia fazer alguma coisa; o forasteiro respondeu que sabia tocar harpa e contar histórias. Tocou na harpia antigas árias, falou de Gudrun e de Gunnar e, finalmente, narrou o nascimento de Odin. Disse que vieram três Parcas, que as duas primeiras lhe prometeram grande felicidade e que a terceira disse, colérica: “O menino não viverá mais que a vela que está ardendo ao seu lado”. Então os pais apagaram a vela para que Odin não morresse. Olaf Tryggvason não acreditou na história; o forasteiro repetiu que era verdade, pegou a vela e acendeu-a. Enquanto a viam queimar, o homem disse que era tarde demais e que devia ir embora. Quando a vela se consumiu, foram procurá-lo. A poucos passos da casa do rei, Odin estava morto.

BORGES, J. L.; INGENIEROS, D. Odin In: BIOY CASARES, A.; BORGES, J. L. OCAMPO, S. (Org.). **Antologia da literatura fantástica**. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 128-129.

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar

Estagiário-professores: Elton da Silva Rodrigues e Jéssica Domingos Mariano

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Aluno(a): _____

FINAL PARA UM CONTO FANTÁSTICO

I. A. Ireland

— Que estranho! — disse a moça, avançando cautelosamente. Que porta mais pesada!
— Tocou-a, ao falar, e ela se fechou de repente, com uma batida.

— Meu Deus! — disse o homem. Parece que não tem maçaneta do lado de dentro. Mas como?, você nos trancou aqui! Nós dois!

— Nós dois, não. Só um — disse a moça.

Passou através da porta e desapareceu.

IRELAND, I. A. Final para um conto fantástico. In: BIOY CASARES, A.; BORGES, J. L. OCAMPO, S. (Org.). **Antologia da literatura fantástica**. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 207.

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar

Estagiário-professores: Elton da Silva Rodrigues e Jéssica Domingos Mariano

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Aluno(a): _____

HISTÓRIA DE RAPOSAS

Niu Jiao

Wang viu duas raposas de pé nas patas traseiras e apoiadas numa árvore. Uma delas segurava uma folha de papel e as duas riam como se compartilhassem uma piada.

Tentou espantá-las, mas elas se mantiveram firmes, e ele atirou na que segurava o papel; feriu-a no olho e levou consigo o papel. Na pousada, contou sua aventura aos outros hóspedes. Enquanto estava conversando, entrou um senhor com o olho machucado. Escutou com interesse o conto de Wang e pediu que lhe mostrasse o papel. Wang ia mostrá-lo quando o dono da pousada notou que o recém-chegado tinha uma cauda.

— É uma raposa! — exclamou, e na mesma hora aquele senhor se transformou numa raposa e fugiu.

As raposas tentaram repetidas vezes recuperar o papel, que estava coberto de caracteres ininteligíveis, mas fracassaram. Wang resolveu voltara para casa. No caminho encontrou toda sua família, que se dirigia à capital. Contaram que ele lhes mandara fazer essa viagem, e sua mãe lhe mostrou a carta em que lhe pedia que vendesse todas as propriedades e se encontrasse com ele na capital. Wang examinou a carta e viu que era uma folha em branco. Embora já não tivessem teto que os abrigasse, Wang ordenou:

— Vamos voltar.

Certo dia, apareceu por lá um irmão caçula que todos consideravam morto. Perguntou dos infortúnios da família e Wang lhe contou toda a história. Quando Wang chegou à sua aventura com as raposas, o irmão disse:

—Ah, a raiz de todo mal está aí.

Wang lhe mostrou o documento. Arrancando-o dele, seu irmão guardou-o com pressa.

— Finalmente recuperei o que buscava — exclamou e, transformando-se numa raposa, foi-se embora.

JIAO, N. História de raposas. In: BIOY CASARES, A.; BORGES, J. L. OCAMPO, S. (Org.). **Antologia da literatura fantástica**. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 300-301.

Anexo 2 – Roteiro de leitura

Título	Autor	Narrador (Quem conta a história participa ou não?)	Personagem	Enredo (O que acontece no texto?)	Quando	Onde	Elemento Fantástico

Anexo 3 – Apresentação do projeto de docência

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar

Estagiário-professores: Elton da Silva Rodrigues e Jéssica Domingos Mariano

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Aluno(a): _____

A VIAGEM DA TURMA 71 PELOS CONTOS FANTÁSTICOS E PELAS FANFICTIONS AO PLANETA DA AUTORIA

Se perguntassem uns aos outros, ninguém saberia responder o que aconteceu ou como aconteceu, mas era real. *Eles estavam lá*. A verdade é que, numa manhã qualquer de segunda-feira, o setor 71 da nave espacial Hilda Teodoro Vieira recebeu a visita de duas figuras estranhas. Aparentemente inofensivos e muito similares a seres humanos, os dois foram apresentados como Elton e Jéssica, estagiários daquela turma, que após um período de observação, iriam submeter os passageiros do setor 71 a estranhos experimentos.

Durante algum tempo, esses seres fizeram parte do setor 71 de Língua Portuguesa, vivendo com os tripulantes e conversando com eles. No entanto, chegou o dia dos estagiários assumirem o comando do setor como professores e levarem seus passageiros ao planeta da autoria, um lugar estranho, muitas vezes visitado e algumas vezes esquecido, onde cada um que entra produz um texto.

Começa, agora, uma nova era para o pessoal da 71, também conhecido como período de docência dos professores estagiários, que irá desta segunda-feira, dia 02/10, ao dia 07/11. Durante esse período, os alunos farão parte de um experimento planejado pelos estagiários-professores, cujo nome do projeto é “A viagem da turma 71 pelos contos fantásticos e pelas *fanfictions* ao planeta da autoria”. Durante esse experimento, os estagiários trabalharão com o conto e a *fanfiction*, principalmente com a leitura do primeiro e a escrita do segundo, a fim de investigar os resultados para seus planos de dominação mundial.

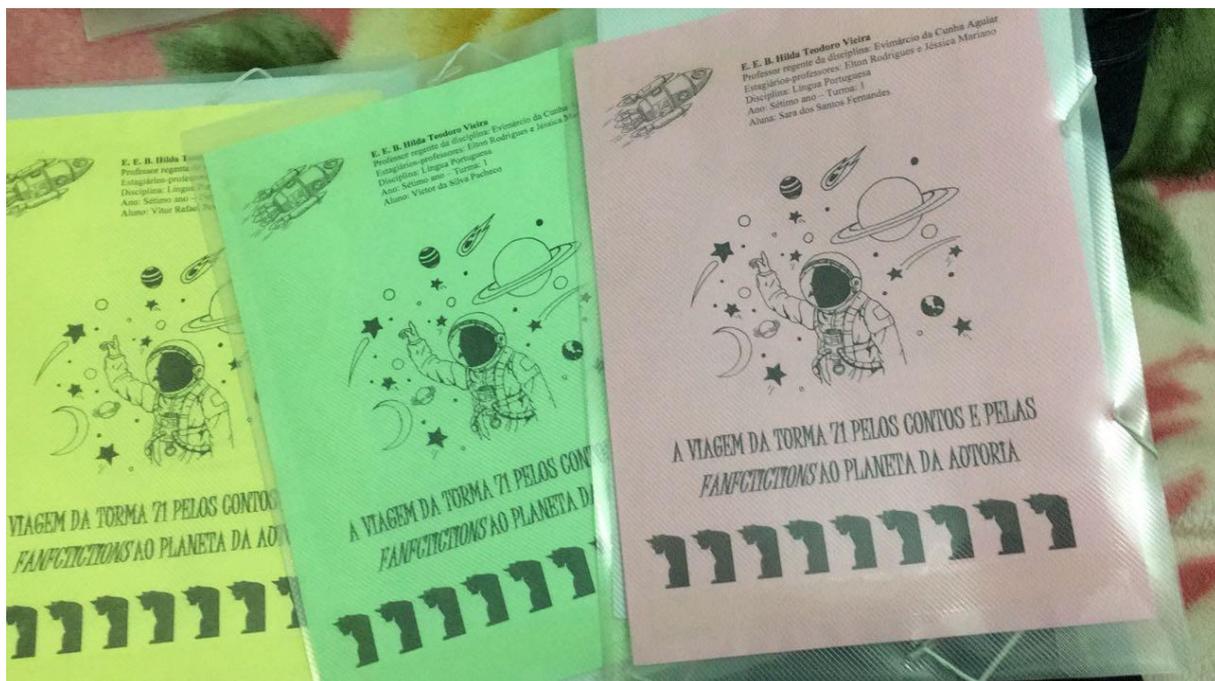
O futuro dessa viagem promete diversão, mas... Cuidado! Elton e Jéssica, apesar de possuírem características humanas, são ainda figuras estranhas, e cobrarão como avaliação a participação efetiva dos tripulantes, o preenchimento de um roteiro de leitura e a produção final de uma *fanfiction*, além de outras atividades.

Preparem-se para surpresas no final!

Agora, passageiros, levantem-se dos seus assentos, que a viagem começa!

Jéssica e Elton.

Anexo 4 – Pastas entregues para organização do portfólio



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar
Estagiária responsáveis pela aula: Jéssica Domingos Mariano
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Sétimo ano– Turma: 1

Plano de aula 2 – 2 h/a (03/10 – Terça-feira – 8:45 às 10:15)

Tema: Especificidades do conto fantástico em relação à notícia

1. Objetivo Geral

- Compreender as especificidades do gênero conto fantástico em relação a gêneros de outras esferas pela análise comparativa entre o conto “O homem cadente”, de Mia Couto e a notícia “Senado coloca em pauta a criminalização do funk”, publicada no *Blasting News*.

2. Objetivos Específicos

- Ler, silenciosamente, a notícia “Senado coloca em pauta a criminalização do funk”, publicada no *Blasting News*;
- Realizar a leitura coletiva, de forma jogralizada, do conto “O homem cadente”, de Mia Couto;
- Expressar-se com clareza, entonação, ritmo e fluência na leitura jogralizada do conto “O homem cadente”, de Mia Couto;
- Distinguir o conto de uma notícia através da identificação de categorias como autor, narrador, personagens, assim como o caráter fictício ou fático nos textos lidos;
- Identificar as marcas discursivas, textuais e linguísticas próprias do gênero conto em contraste com o gênero notícia;
- Interpretar os textos lidos com o auxílio de um roteiro de leitura, a partir da localização de informações e da compreensão global dos textos;
- Aprimorar a prática da leitura-estudo pela compreensão e análise das especificidades que constituem um determinado gênero do discurso como o conto;
- Desenvolver a habilidade leitora por meio da ida à biblioteca para leitura-fruição de contos pré-selecionados.
- Aprender a escolher livros de forma autônoma, reconhecendo os componentes que possibilitam perceber seus conteúdos.

3. Conhecimentos trabalhados

- O conto fantástico como gênero do discurso da esfera literária;
- A notícia como gênero do discurso da esfera jornalística;
- Estrutura narrativa: autor, narrador, personagem, tempo, espaço e enredo;
- Estrutura da notícia: data, fato ocorrido, com quem, quando e onde.
- Marcas de construção de cenários e personagens nas narrativas;

- Marcas de tempo e espaço na construção de narrativas;
- Marcas de narrador (foco narrativo) e efeitos de sentido na construção de narrativas;
- Características do conto fantástico: seres sobrenaturais, situações que desafiam as leis do nosso mundo e o papel fundamental da hesitação do leitor;

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo estimado
No primeiro momento, a estagiária-professora responsável pela aula organizará a leitura do conto “O homem cadente”, do escritor moçambicano Mia Couto. Enquanto isso, o outro estagiário escreverá a pauta do dia no quadro. Será solicitado leitores voluntários entre os alunos, um para cada personagem e, caso não haja voluntários, a escolha caberá ao estagiário-professor. A estagiária-professora interpretará o narrador personagem, e os alunos que se voluntariarem para a leitura receberão cópias do conto com suas falas destacadas. Terminada a leitura, os alunos receberão cópias da notícia “Senado coloca em pauta a criminalização do funk” para leitura silenciosa. A seguir, os alunos responderão questões de interpretação e compreensão das especificidades dos textos lidos, como função social, esfera de circulação e aspectos composicionais.	30 minutos
As respostas serão socializadas oralmente, simultaneamente à correção. Os alunos ficarão responsáveis pela tradução do conto em notícia como tarefa de casa, a ser apresentada na próxima aula.	15 minutos
Na segunda aula, a estagiária-professora responsável pela aula conduzirá os alunos à biblioteca, para realizar a leitura-fruição de contos pré-selecionados, permitindo maior contato com o gênero. Pelo caráter de fruição dessa atividade, não será necessário responder ao roteiro de leitura. Antes que os alunos escolham os livros, a estagiária-professora responsável explicará alguns critérios para a escolha de um livro, tais como procurar conhecer o autor, ler a contracapa e as orelhas do livro, buscar reconhecer o gênero pela arte da capa e outras informações técnicas. Nesse meio tempo, o estagiário professor realizará a chamada.	45 minutos

5. Recursos didáticos

- Quadro branco
- Canetão
- Cópias dos textos a serem lidos
- Roteiro de leitura
- Caderno, lápis e borracha
- Livros de contos.

6. Avaliação

Para a avaliação dos alunos, será considerada a participação, por meio da leitura do conto e da notícia, dos questionamentos e comentários feitos, do preenchimento da atividade de interpretação e socialização das respostas. A aprendizagem da distinção entre os gêneros trabalhados será avaliada por meio da adequação das respostas da atividade, que constituirá parte da nota de participação bimestral. O envolvimento na aula de leitura também será avaliado, considerando a postura de concentração e de respeito ao ambiente e clima necessários a uma atividade dessa natureza.

7. Referências

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COUTO, M. O homem cadente. In: _____. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

MAGICWORLD. Senado coloca em pauta a criminalização do funk. **Blasting News**. 22 jun. 2017. Disponível em: < <http://br.blastingnews.com/politica/2017/06/senado-coloca-em-pauta-a-criminalizacao-do-funk-001795393.html>>. Acesso em: 17 set. 2017.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2014.

8. Anexos

Anexo 1— Cópia do texto “O homem cadente”

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar

Estagiário-professores: Elton da Silva Rodrigues e Jéssica Domingos Mariano

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Aluno(a): _____

O HOMEM CADENTE

Mia Couto

Quando me vieram chamar, nem acreditei:

— É Zuzézinho! Está caindo do prédio.

E as gentes, em volta, se depressavam para o sucedido. Me juntei às correrias, a pergunta zaranzeando: o homem estava caindo? Aquele gerúndio era um desmando nas graves leis da gravidade: quem cai, já caiu.

Enquanto corria, meu coração se constringia. Antevia meu velho amigo estatelado na calçada. Que sucedera para se suicidar, desabismado? Que tropeção derrubara a sua vida? Podia ser tudo: os tempos de hoje são lixívia, descolorindo os encantos.

Me aproximava do prédio e já me aranhava na multidão. Coisa de inacreditar: olhavam todos para cima. Quando fitei os céus, ainda mais me perturbei: lá estava, pairando como águia real, o Zuzé Neto. O próprio José Antunes Marques Neto, em artes de aero-anjo. Estava caindo? Se sim, vinha mais lento que o planar do planeta pelos céus.

Atirara-se quando? Já na noite anterior, mas o povo só notara no seguinte dia.

Amontara-se logo a mundidão e, num fósforo, se fabricaram explicações, epistemologias. Que aquilo provinha de ele ter existência limpa: lhe dava a requerida leveza. Fosse um político e, com o peso da consciência, desfechava logo de focinho. Outros se opunham: naquele estado de pelicano, o cidadão fugia era de suas dívidas.

Ninguém cobra no ar.

Houve até versão dedicadamente cristã. Um mirone, longilongo, vestido como se coubesse numa só manga, bradejou apontando o firmamento:

— Aquilo, meus senhores, é o novo Cristo.

E o magricela prosseguiu, em berros: Cristo nos escancarou as portas de quê? Do céu, caros confrades. Do céu. Pois agora, o supramencionado Zuzé nos mostrava o caminho celestial. E fazia-o sem ter que morrer, o que era uma reconhecida vantagem.

— Aquilo, meus senhores, é o Cristo descrucificado.

Mandaram que calasse. Outros, mais práticos, se ocupavam com o que se iria seguir. E vaticinavam um fim, enfim:

— O tipo vai demorar assim, uma infinidade de dias.

— Vai é morrer de sede e fome.

Se nem na terra se comia nas vigentes condições, quanto menos nas nuvens. A mim me abalava era a urgência de meter mãos na obra. Alguém devia fazer a certa coisa. E gritei, entre os zunzuns:

— Chamaram os bombeiros?

Sim, mas estavam em greve. Estivessem no ativo faria pouca diferença: eles não tinham carros, nem escada, nem vontade. Eram, na verdade, bombeiros bastante involuntários.

Fazia-se tarde, as pessoas reentravam. Ficaram uns quantos, escassos e silenciosos.

Voltei a olhar o céu.

— A chover assim, o tipo vai ensopar, ganhar peso e desandar por aí abaixo.

Os deuses tivessem ouvidos. Parou de chover. E os dias seguintes prosseguiram como se o próprio ar tivesse parado. O voo de Zuzé já era um atrativo da cidade.

Negócios vários se instalaram. Turistas adquiriam bilhetes, cicrones do fantástico explicavam versões inéditas de como Zuzé nascera com penas no sovaco e descendia de uma família de secretos voadores. O fulano era o congênito destrapezista. O próprio tio alugava um megafone para que enviassem mensagens e votos de boas bênçãos. Até eu paguei para falar com o meu velho amigo. Quando, porém, me vi com o megafone não soube o que dizer. E devolvi o instrumento.

De fato, vieram as autoridades devidas, por via do chefe máximo das forças policiais se fizeram ouvir por devido altifalante:

— Desça em nome da lei! O político por trás lhe segredava as deixas. As massas, os eleitores, ansiavam por um desempenho.

— Continue a dar ordens. Continue, mais firme! — incitava o político. O porta-voz obedecia, estridenteando:

— O seu comportamento, caro concidadão, é verdadeiramente antidemocrático.

Contra os direitos humanos, bichanava o político. Contra a imagem de estabilidade de que a nação carecia, ainda acrescentou o falante. Os doadores internacionais se espantariam com o desacontecimento. Mas Zuzé nem água ia nem água vinha. Sorria, em trejeito malandro.

E, agora, pronto: ponho ponto. Nem me alongo para não esticar engano. Pois tudo o que vos contei, o voo de Zuzé e a multidão cá em baixo, tudo isso de um sonho se tratou. Suspirados fiquemos, de alívio. A realidade é mais rasteira, feita de peso e de pés na terra.

Mas eu, no dia seguinte, não estava certo do meu sossego. E fui ao local para me certificar de quanto eu devaneara. Encontrei tudo arrumado no regime da cidade. Lá estava o céu, vazio de humanos voadores.

Só o competente azul, a evasiva nuvem. E os pássaros mais sua avegação.

E mais a praça, bem terrestre, desumanamente humana. Tudo sem notícia, tudo pouco sonhável.

De repente, vi a moça. A mesma do sonho. Ela, sem tirar nem opor. E, para mais, continuava olhando os céus. Me cheguei e ela, sem deixar de olhar para o firmamento, sussurrou:

— Já não o vejo. E o senhor?

— Eu, o quê?

— O senhor consegue ver Zuzé?

Menti que sim. Afinal, mais valia um pássaro. Mesmo de fingir. Deixássemos Zuzé voar, ele já não tinha onde tombar. Neste mundo, não há pouso para aves dessas. Onde ele anda, é outro céu.

Anexo 2— Cópia da notícia “Senado coloca em pauta a criminalização do funk”

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar

Estagiário-professores: Elton da Silva Rodrigues e Jéssica Domingos Mariano

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Aluno(a): _____

Senado coloca em pauta a criminalização do funk

Segundo proposta apresentada, o estilo musical seria um crime contra a saúde pública, a criança, o adolescente e a família.

Magicworld

Revisado por **Eduardo Melo**

Publicado:

22 junho 2017



Um fato que poucos conhecem é que o funk teve sua origem nos Estados Unidos em meados dos anos 60 com a mistura do som afro-americano, soul, jazz e rhythm and blues, mas no nosso Brasil este estilo chegou em meados dos anos 70 no Rio de Janeiro e, com o passar do tempo, sua melodia sofreu grandes mudanças, embora o nome tenha permanecido o mesmo.

O estilo gera muita polêmica, não só pelos bailes da pesada, mas também por suas letras um tanto provocativas. Apesar dos pesares, o funk vem crescendo no meio artístico e cada vez mais vem ganhando novos adeptos.

O gosto pelo estilo musical causa bastante divergência de opiniões e nesse 22 de junho, o senador Romário, no Rio de Janeiro, realizou uma audiência pública e colocou em pauta a proposta de criminalização do funk.

Esta proposta foi feita por um empresário paulista, na qual foram arrecadadas cerca de 20 mil assinaturas apoiando a ideia. Para o debate, o senador, que já se mostrou contra a proposta, convocou artistas conhecidos na área do funk, como por exemplo, a cantora Anitta, Valesca e Nego do Borel. Convidou também os antropólogos Hermano Vianna e Mylene Mizhari.

O idealizador da proposta, Marcelo Alonso, teve presença confirmada. A sugestão está bem longe de ser aprovada e não é nenhum projeto de lei. O que ocorre é que qualquer pessoa pode cadastrar uma proposta ao **#senado** e caso a sugestão possua 20 mil ou mais assinaturas, ela será discutida e a partir daí, verifica-se a possibilidade da ideia se tornar um projeto de lei ou não. Em sua proposta, Marcelo diz que o funk é uma “falsa cultura” e se refere aos bailes como “pancadões”.

Segundo a visão do produtor, esses bailes tem a finalidade de reunir criminosos, estupradores e pedófilos, além de incentivar o uso de drogas e o consumo de álcool por adolescentes.

Romário se opôs à ideia, argumentando que por ser carioca nato, ele será um eterno funkeiro e que proibir esse estilo musical vai contra a própria constituição, já que isso seria um atentado à liberdade de expressão. O mesmo ainda ressaltou que o funk tira as pessoas do desemprego, gera renda e também movimentam a economia.

A audiência foi anunciada pelo senador em sua rede social e juntamente com isto foi criada uma enquete que coloca em discussão a proposta que faria com que o estilo musical se tornasse um **#Crime** contra a saúde pública, a criança, o adolescente e a família. A enquete é bem simples e pergunta apenas se o cidadão é a favor ou contra esta ideia. Segundo o levantamento até às 13h desta quinta-feira, 15 mil pessoas haviam participado da enquete, na qual 11.738 pessoas eram a favor da criminalização do funk e 3.285 eram contra. **#liberdadeexpressão**

MAGICWORLD. Senado coloca em pauta a criminalização do funk. **Blasting News**. 22 jun. 2017. Disponível em: <<http://br.blastingnews.com/politica/2017/06/senado-coloca-em-pauta-a-criminalizacao-do-funk-001795393.html>>. Acesso em: 17 set. 2017.

Anexo 3 – Atividade de interpretação e compreensão do conto e da notícia

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar

Estagiário-professores: Elton da Silva Rodrigues e Jéssica Domingos Mariano

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Aluno(a): _____

Atividade de interpretação e compreensão do conto

Agora que você já leu o texto “O homem cadente”, de Mia Couto, responda as seguintes questões:

1. Qual é a história do conto?
2. Identifique os personagens do conto.
3. Quem narra o conto participa do acontecimento?
4. A reação inicial do povo que observava Zuzé mudou ao longo do conto. Como você explicaria essa mudança?

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar

Estagiário-professores: Elton da Silva Rodrigues e Jéssica Domingos Mariano

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Aluno(a): _____

Atividade de interpretação e compreensão da notícia

Tendo lido a notícia sobre a proposta de criminalização do funk, responda as seguintes questões:

1. Qual é o assunto da notícia?
2. A notícia possui personagens?
3. Quem conta a notícia participa do acontecimento?
4. Quais os argumentos apresentados para justificar a criminalização do funk?
5. O evento narrado no conto não é explicado. Esse tipo de procedimento se repete em notícias?
6. O acontecimento narrado no conto pode ocorrer no mundo real? E quanto ao universo ficcional?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EEB Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar
Estagiário responsável pela aula: Elton da Silva Rodrigues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Plano de aula 3 – 2 h/a (10/10 – Terça-Feira – 8:45 às 10:15)

Tema: Especificidades da estrutura narrativa no conto fantástico

1. Objetivo Geral

- Compreender as especificidades do gênero conto fantástico em relação a outros gêneros da esfera literária, como o poema pela leitura e análise de textos nesses gêneros.

2. Objetivos Específicos

- Ouvir a leitura do conto “Os três astronautas”, de Umberto Eco, e do poema “Fala do velho do restelo ao astronauta”, de José Saramago;
- Localizar aspectos estruturais dos textos (narrador, eu-lírico, personagem, tempo, espaço e enredo) por meio do preenchimento do roteiro de leitura;
- Distinguir os gêneros conto e poema a partir das diferenças estruturais, por meio da esquematização das respostas no quadro;
- Identificar questões socialmente relevantes – a pobreza e o respeito à diversidade – abordados nos textos lidos por meio de uma discussão acerca dos temas do conto e do poema;
- Escrever um final fantástico para o conto “Passeio noturno”, de Rubem Alves.

3. Conhecimentos trabalhados

- Características do conto fantástico: o monstro enquanto metáfora para o diferente;
- Marcas de construção de cenários e personagens nas narrativas;
- Marcas de tempo e espaço na construção de narrativas;
- Marcas de narrador (foco narrativo) e efeitos de sentido na construção de narrativas;
- Diferenças estruturais entre conto e poema: eu lírico e narrador, parágrafos e estrofes, linhas e versos;
- O conto e o poema como gêneros da esfera literária;
- A pobreza e o respeito à diversidade como temas socialmente relevantes na literatura.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo estimado
---------------	----------------

<p>A primeira parte da aula será destinada à leitura oral pelo estagiário-professor do conto “Os três astronautas”, de Umberto Eco e à declamação do poema “Fala do velho do restelo ao astronauta”, de José Saramago. Enquanto o estagiário responsável organiza a turma em círculo, o outro escreve a pauta do dia no quadro.</p>	<p>15 minutos</p>
<p>A segunda parte da aula será destinada ao preenchimento do roteiro de leitura, no qual os alunos anotarão os elementos presentes no conto e no poema. Durante a realização dessa atividade, os alunos que terminarem deverão apresentar a tarefa de casa para receberem visto. Terminada a atividade, o estagiário-professor responsável pela aula conduzirá a correção da tarefa, chamando os alunos ao quadro para socializarem suas respostas. A partir das respostas obtidas, será realizada uma discussão sobre os aspectos do conto e do poema (eu lírico/narrador, estrofe/parágrafo, linha/verso), assim como os efeitos e funções dessas diferenças nos textos.</p>	<p>25 minutos</p>
<p>Além da discussão dos aspectos formais, o estagiário-professor conduzirá uma discussão sobre os temas socialmente relevantes levantados no conto, a partir de questionamentos como: que relações podemos estabelecer entre a hostilidade ao diferente e as situações que observamos no cotidiano (como racismo, xenofobia)? A crítica feita pelo velho do Restelo à aplicação da tecnologia vale também para nosso país (descaso do governo em relação à pobreza, gastos excessivos com problemas secundários)? Exemplifique com algumas situações.</p>	<p>15 minutos</p>
<p>Os alunos receberão cópias do conto “Passeio noturno (parte I)”, de Rubem Alves, cujo final será suprimido. Após a leitura, será solicitado que os alunos escrevam um final para a história, que deverá conter um elemento fantástico. Enquanto isso, o estagiário-professor realiza a chamada.</p>	<p>35 minutos</p>

5. Recursos didáticos

- Quadro branco
- Canetão
- Cópias dos textos a serem lidos
- Roteiro de leitura
- Caderno, lápis e borracha.

6. Avaliação

Para a avaliação dos alunos, será considerada a participação, por meio da escuta do conto e do poema, dos questionamentos e comentários feitos, do preenchimento do roteiro de leitura e da socialização das respostas. A escrita da notícia a partir do conto, realizada em casa, contará ponto positivo, considerando-se a adequação ao gênero. A escuta atenta e efetiva, a contribuição para a discussão e a adequação das respostas de identificação dos aspectos estruturais irão compor os elementos da avaliação. A atividade de confecção do final do conto, em que será considerada a presença e adequação do elemento fantástico, assim como a

coerência do final com o restante do conto, além de contribuir para a nota de participação da aula, comporá a nota bimestral.

7. Referências

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

ECO, U.; CARMI, E. **Os três astronautas**. Tradução de Liliana Iacocca e Michele Iacocca. 4. ed. São Paulo: Ática, 1996.

FONSECA, R. **Feliz ano novo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

SARAMAGO, J. Fala do velho do restelo ao astronauta. In: _____. **Os poemas possíveis**. Porto: Porto Editora, 2014.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2014.

8. Anexos

Anexo 1 – Cópia do texto “Os três astronautas” a ser lido em sala

OS TRÊS ASTRONAUTAS

Umberto Eco e Eugenio Carmi

Era uma vez a Terra.

E era uma vez Marte.

Estavam muito distantes um do outro, no meio do céu, e em volta havia milhões de planetas e de galáxias.

Os homens que moravam na Terra queriam alcançar Marte e os outros planetas: mas estavam tão longe!

De qualquer forma eles fizeram o possível. Primeiro lançaram satélites que giravam em volta da Terra durante dois dias e depois voltavam.

Depois lançaram foguetes que também giravam algumas vezes em volta da Terra, mas em vez de voltar, escapavam da atração terrestre e se perdiam no espaço infinito.

Primeiro colocaram cães nos foguetes: mas os cães não sabiam falar, e pelo rádio só transmitiam “*au-au*”. E os homens não entendiam o que eles tinham visto e onde haviam chegado.

No fim encontraram homens corajosos que queriam ser astronautas.

O astronauta e se chamava assim porque partia para explorar o espaço infinito, com os astros, os planetas, as galáxias e tudo aquilo que existe em volta.

Os astronautas partiam sem saber se iriam voltar. Queriam conquistar as estrelas para que um dia todos pudessem viajar de um planeta para o outro, porque a Terra tinha ficado muito apertada, e os homens aumentavam dia a dia.

Uma bela manhã partiram da Terra, de três pontos diferentes, três foguetes.

No primeiro tinha um americano, que assobiava alegremente uma musiquinha de *jazz*.

No segundo tinha um russo, que cantava com voz profunda “*Volga, Volga*”.

No terceiro tinha um chinês, que cantava uma bela canção, que aos outros dois parecia desafinada.

Cada um dos três queria ser o primeiro a chegar em Marte, para mostrar que era o melhor. Na verdade o americano não gostava do russo, o russo não gostava o americano, e o chinês desconfiava dos outros dois.

E isto porque o americano, para dizer bom dia, dizia: “*how do you do*”

e o russo dizia: “*Доброе утро*”

e o chinês dizia: “*早上好!*”

Por isso não se entendiam e se achavam diferentes.

Mas como todos os três eram muito bons, chegaram em Marte quase ao mesmo tempo. Desceram das astronaves, de capacete e macacão espacial...

... e encontram uma paisagem maravilhosa e inquietante: o solo era sulcado por longos canais cheios de uma água verde-esmeralda. Havia estranhas árvores azuis com pássaros jamais vistos, com plumas de cor estranhíssima.

No horizonte se viam montanhas vermelhas que mandavam estranhos reflexos.

Os astronautas olhavam a paisagem, olhavam-se uns aos outros, e cada um ficava no seu canto, um desconfiando do outro.

Depois chegou a noite. Havia em volta um estranho silêncio, e a Terra brilhava no céu como se fosse uma estrela longínqua.

Disse: “*Mommy...*”

E o russo disse: “*Mama*”.

E o chinês disse: “*Ma-ma*”.

Mas logo entenderam que estavam falando a mesma coisa e tinham os mesmos sentimentos. Assim um sorriu para o outro, se aproximaram, acenderam juntos uma bela fogueira, e cada um cantou as músicas da sua terra. Então criaram coragem e, esperando a manhã, aprenderam a se conhecer.

Enfim chegou a manhã: fazia muito frio. E de repente, detrás de uma moita saiu um marciano. Era mesmo horrível de se ver! Todo verde, com duas antenas no lugar das orelhas, uma tromba e seis braços.

O marciano olhou-os e disse: “*GRRRR!*”

Que na língua dele queria dizer: “*Minha nossa, quem são aqueles seres horríveis?!?*”

Mas os terrestres não o entenderam e acharam que aquilo fosse um ruído de guerra.

Era tão diferente deles que não conseguiam entendê-lo nem amá-lo. Subitamente se sentiram de acordo e se uniram contra ele.

Frente àquele monstro, suas pequenas diferenças sumiam. Que importância tinha se falavam línguas diferentes? Compreenderam que eram todos os três seres humanos.

O outro não. Era muito feio, e os terrestres pensavam que quem é feio é também mau.

Assim decidiram matá-lo com seus desintegradores atômicos.

Mas de repente, no grande frio da manhã, um passarinho marciano, que com certeza tinha escapado do ninho, caiu no chão tremendo de frio e de medo.

Piava desesperadamente, mais ou menos como um passarinho terrestre. Dava mesmo pena. O americano, o russo e chinês o olharam e não conseguiram segurar uma lágrima de compaixão.

E naquele momento aconteceu um fato estranho. Também o marciano se aproximou do passarinho, o olhou, e deixou espaçar dois filetes de fumaça da tromba. E os terrestres, imediatamente, compreenderam que o marciano estava chorando.

À sua maneira, como fazem os marcianos.

Depois viram que ele se inclinava sobre o passarinho e o erguia com seus seis braços, tentando aquecê-lo.

O chinês se virou então para seus dois amigos terrestres.

“*Entenderam?*”, ele falou. “*Nós achávamos que este monstro fosse diferente de nós, mas ele também ama os animais, sabe comover-se, tem um coração e, sem dúvida, também um cérebro! Acreditam que seja ainda caso de matá-lo?*”

Nem era preciso perguntar.

Os terrestres já tinham entendido a lição: não é porque dois seres são diferentes que têm que ser inimigos.

Por isso se aproximaram do marciano e lhe estenderam a mão.

E o marciano que tinha seis mãos, apertou de uma só vez a mão dos três, enquanto com as livres fazia gestos de saudação.

E apontando a Terra lá no céu, deixou entender que queria fazer uma viagem, para conhecer os outros habitantes e estudar junto com eles a maneira de fundar uma grande república espacial, na qual todos vivessem em paz e harmonia.

Bem contentes, os terrestres disseram que sim.

E para festejar o acontecimento lhe ofereceram uma garrafinha de água fresquíssima trazida da Terra. O marciano, todo feliz, enfiou o nariz na garrafa, aspirou, e depois disse que tinha gostado muito daquela bebida, mesmo que o tivesse deixado um pouco tonto. Mas agora mais nada surpreendia os terrestres.

Tinham compreendido que na Terra, como nos outros planetas, cada um tem seus próprios gostos, e que é só uma questão de se entenderem uns aos outros.

Anexo 2— Cópia do poema “Fala do velho do restelo ao astronauta”

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar

Estagiário-professores: Elton da Silva Rodrigues e Jéssica Domingos Mariano

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Aluno(a): _____

FALA DO VELHO DO RESTELO AO ASTRONAUTA

José Saramago

Aqui, na Terra, a fome continua,
A miséria, o luto, e outra vez a fome.

Acendemos cigarros em fogos de napalme
E dizemos amor sem saber o que seja.
Mas fizemos de ti a prova da riqueza,
E também da pobreza, e da fome outra vez.
E pusemos em ti sei lá bem que desejo
De mais alto que nós, e melhor e mais puro.

No jornal, de olhos tensos, soletramos
As vertigens do espaço e maravilhas:
Oceanos salgados que circundam
Ilhas mortas de sede, onde não chove.

Mas o mundo, astronauta, é boa mesa
Onde come, brincando, só a fome,
Só a fome, astronauta, só a fome,
E são brinquedos as bombas de napalme.

SARAMAGO, J. Fala do velho do restelo ao astronauta. In: _____. **Os poemas possíveis**. Porto: Porto Editora, 2014.

Anexo 3 – Cópia da Atividade: final do conto com elemento fantástico

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar

Estagiário-professores: Elton da Silva Rodrigues e Jéssica Domingos Mariano

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Aluno(a): _____

PASSEIO NOTURNO (PARTE I)

Rubem Fonseca

Cheguei em casa carregando a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos. Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa de cabeceira, disse, sem tirar os olhos das cartas, você está com um ar cansado. Os sons da casa: minha filha no quarto dela treinando impostação de voz, a música quadrifônica do quarto do meu filho. Você não vai largar essa mala?, perguntou minha mulher, tira essa roupa, bebe um uisquinho, você precisa aprender a relaxar.

Fui para a biblioteca, o lugar da casa onde gostava de ficar isolado e como sempre não fiz nada. Abri o volume de pesquisas sobre a mesa, não via as letras e números, eu esperava apenas. Você não pára de trabalhar, aposto que os teus sócios não trabalham nem a metade e ganham a mesma coisa, entrou a minha mulher na sala com o copo na mão, já posso mandar servir o jantar?

A copeira servia à francesa, meus filhos tinham crescido, eu e a minha mulher estávamos gordos. É aquele vinho que você gosta, ela estalou a língua com prazer. Meu filho me pediu dinheiro quando estávamos no cafezinho, minha filha me pediu dinheiro na hora do licor. Minha mulher nada pediu, nós tínhamos conta bancária conjunta. Vamos dar uma volta de carro?, convidei. Eu sabia que ela não ia, era hora da novela. Não sei que graça você acha em passear de carro todas as noites, também aquele carro custou uma fortuna, tem que ser usado, eu é que cada vez me apego menos aos bens materiais, minha mulher respondeu.

Os carros dos meninos bloqueavam a porta da garagem, impedindo que eu tirasse o meu. Tirei os carros dos dois, botei na rua, tirei o meu, botei na rua, coloquei os dois carros novamente na garagem, fechei a porta, essas manobras todas me deixaram levemente irritado, mas ao ver os pára-choques salientes do meu carro, o reforço especial duplo de aço cromado, senti o coração bater apressado de euforia. Enfiei a chave na ignição, era um motor poderoso que gerava a sua força em silêncio, escondido no capô aerodinâmico. Saí, como sempre sem saber para onde ir, tinha que ser uma rua deserta, nesta cidade que tem mais gente do que moscas. Na avenida Brasil, ali não podia ser, muito movimento. Cheguei numa rua mal iluminada, cheia de árvores escuras, o lugar ideal. Homem ou mulher? Realmente não fazia grande diferença, mas não aparecia ninguém em condições, comecei a ficar tenso, isso sempre acontecia, eu até gostava, o alívio era maior. Então vi a mulher, podia ser ela, ainda que mulher fosse menos emocionante, por ser mais fácil. Ela caminhava apressadamente, carregando um embrulho de papel ordinário, coisas de padaria ou de quitanda, estava de saia e blusa, andava depressa, havia árvores na calçada, de vinte em vinte metros, um interessante problema a exigir uma grande dose de perícia. Apaguei as luzes do carro e acelerei. Ela só percebeu que eu ia para cima dela quando ouviu o som da borracha dos pneus batendo no meio-fio. Peguei a mulher acima dos joelhos, bem no meio das duas pernas, um pouco mais sobre a esquerda, um golpe perfeito, ouvi o barulho do impacto partindo os dois ossões, dei uma guinada rápida para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto.

Anexos 3 - Finais escritos pelos alunos para o conto "Passeio noturno (parte I)"

para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto.

Farei o carro ali mesmo, e fui ver como estava um imho vítima. Ela estava jogada no chão de onde ele idor, fui chegando perto dela para poder ver melhor, mas de repente aquela coisa modificou a forma e se transformou em uma criatura maligna que começou a correr atrás de mim em uma velocidade extremamente rápida. Eu tomei um susto e corri para trás, quando eu entrei, acelerei e saí do que ele era, mas as montanhas continuaram atrás de mim e quando a alteração está quase me pegando eu acordei e percebi que tinha sido só um pesadelo.

1) Onde que está. Não ficou muito bom. Para melhorar, usou necessários apenas alguns ajustes na pontuação e mais atenção aos acentos.

para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto.

E DAÍ EU FUGI DO LUGAR E VOLTEI
PARA CASA TOPO APALAVADO. E MINHA MULHER
DISSE QUE TINHA UNS BARULHOS NO TETO DE
CASA, EU FUI VER OQUE ERA E ERAM ROBOTES
VANDORES. E AÍ MÔU QUE EU ATROPELEI, ERA EU
QUE MANDAVA NOS ROBOS E AÍ MEU PAI
TINHA UMA AMALAIZER E MATOU TODOS
E TODO MUNDO MORREU.

Daí depois ficou muito estranho com
a mudança dos autos. Para que essa
primeira produção fosse ainda melhor,
pusei atenção na pronúncia e escrevi com
as palavras "oi" e "daí", mais adequadas para
uma canção.

para a esquerda, passei como um foguete rente a uma das árvores e deslizei com os pneus cantando, de volta para o asfalto.

E quando olhei para o lado, numa rua escura e assustadora, avistei um palhaço ao lado que começou a correr atrás de mim.

E, sem pensar duas vezes, eu com muito medo fui correndo desesperadamente e caí dentro de um buraco.

E de repente os fundos escureceram.

O seu nível está bem interessante, mas ainda há coisas que podem melhorar. Fui até depois na postura para que seu nível fique mais claro. Bom, também procure evitar a supinação de pulso.

Além disso, há uma pequena presença em relação ao resto do texto, pois o parágrafo estava de cano e na conclusão aparece comendo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EEB Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar
Estagiários responsáveis pela aula: Elton da Silva Rodrigues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Plano de aula 4 – 2 h/a (17/10 – Terça-feira – 8:45 às 10:15)

Tema: Sistematização dos elementos da narrativa no conto e na *fanfiction*

1. Objetivo Geral

- Sistematizar os conhecimentos desenvolvidos acerca dos elementos que constituem a estrutura narrativa em gêneros como o conto e a *fanfiction*.

2. Objetivos Específicos

- Revisar categorias que constituem uma narrativa como o conto fantástico lidos em aulas anteriores, pela leitura de um resumo dos conceitos de narrador, tempo e espaço, personagem e enredo;
- Participar da elaboração coletiva de um mapa conceitual que sistematize os elementos que constituem a estrutura narrativa em gêneros como o conto fantástico;
- Aproximar-se do gênero *fanfiction* pela leitura de um texto desse gênero em sua esfera e suporte de circulação;
- Estabelecer relações entre o conto e a *fanfiction*, com base na análise de semelhanças (elementos da narrativa e brevidade) e diferenças (espaço, esfera de circulação e autoria) que constitui a ambos.
- Reconhecer o papel dos verbos e dos adjuntos adverbiais na construção dos esquemas espaço-temporais em uma narrativa, como o conto e a *fanfiction*;
- Reconhecer o papel dos adjetivos e das locuções adjetivas na construção de cenários e personagens em uma narrativa, como o conto e a *fanfiction*.

3. Conhecimentos trabalhados

- Elementos da estrutura narrativa: narrador (foco narrativo), tempo e espaço, personagem e enredo;
- Gênero *fanfiction*: função social, esfera de circulação e autoria;
- Semelhanças e diferenças entre o conto e a *fanfiction*;
- Os verbos e adjuntos adverbiais na construção dos esquemas espaço-temporais em uma narrativa;
- Os adjetivos e as locuções adjetivas na construção de cenários e personagens em uma narrativa.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo estimado
No início da aula será entregue aos alunos um resumo com os conceitos das categorias que constituem uma narrativa trabalhadas em aulas anteriores (autor, narrador/foco narrativo, tempo e espaço, personagem e enredo). Enquanto o estagiário-professor responsável entrega os textos, o outro anota no quadro a pauta do dia. Posteriormente, o estagiário-professor responsável pela aula retomará os conceitos por meio de um mapa conceitual a ser elaborado no quadro, com o auxílio dos alunos.	30 minutos
Ainda nessa aula, o estagiário-professor fará uma fala introdutória sobre o gênero <i>fanfiction</i> , questionando os alunos sobre seu contato com o gênero, explicitando sua função social e a esfera na qual ele circula.	15 minutos
Após o intervalo, o estagiário-professor responsável pela aula levará os alunos à sala de informática, onde os computadores já estarão ligados e com os navegadores abertos no site a ser visitado.	10 minutos
Depois que os alunos estiverem acomodados, será realizada uma apresentação do <i>site</i> que hospeda o gênero <i>fanfiction</i> , atentando para elementos como a ferramenta de pesquisa, a criação do perfil, os subgêneros etc.	10 minutos
Após a familiarização com o <i>site</i> , os alunos escolherão uma <i>fanfiction</i> de sua preferência e a lerão. Nesse momento, o estagiário-professor realizará a chamada.	15 minutos
Realizada a leitura da <i>fanfiction</i> e conhecido seu meio de circulação, o estagiário-professor levantará as semelhanças entre a <i>fanfiction</i> e o conto, destacando os elementos narrativos e a brevidade, e marcará as diferenças, como a circulação virtual e as particularidades de autoria desse gênero, a partir da retomada dos elementos revisitados no início da aula.	10 minutos

5. Recursos didáticos

- Quadro branco
- Canetão
- Cópias dos textos com resumo de conceitos
- Caderno, lápis e borracha
- Sala de informática com computadores conectados à internet.

6. Avaliação

Para a avaliação dos alunos, será considerada a participação, por meio da adequação das sugestões levantadas durante a revisão de conteúdos para elaboração do mapa conceitual, assim como do estabelecimento das semelhanças e diferenças entre o conto e a *fanfiction*.

Também será avaliada a escolha autônoma de uma *fanfiction* para leitura e a postura de concentração na atividade de leitura da *fanfiction*.

7. Referências

AGUIAR, E. C. **O conto fantástico e a fanfiction nas aulas de língua portuguesa**: uma experiência com leitura e produção de textos multimodais. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

FANFICTION. **Home**. Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/>>.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

NYAH!. **Home**. Disponível em: <<https://fanfiction.com.br/>>.

SPIRITS. **Home**. Disponível em: <<https://spiritfanfics.com/>>.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

8. Anexos

Anexo 1 – Resumo das categorias que constituem o texto de estrutura narrativa

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar

Estagiária responsável pela aula: Jéssica Domingos Mariano

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: Sétimo ano – Turma: 1

CATEGORIAS QUE CONSTITUEM O TEXTO DE ESTRUTURA NARRATIVA

Categorias	Definições
Conto	Uma obra de ficção. Cria um universo de seres e acontecimentos de ficção, de fantasia ou imaginação. É uma narrativa linear e curta, tanto em extensão quanto no tempo em que se passa.
Narrador	Intermediário entre o autor e o leitor. A voz que conta a história. Pode atuar das seguintes formas: <i>Narrador-personagem</i> – quando o narrador participa como personagem da história, participando tanto da narração quanto do desenvolvimento do enredo; <i>Narrador-observador</i> – quando o narrador não participa do desenvolvimento do enredo, permanecendo “do lado de fora”, de forma imparcial, apenas repassando ao leitor as ações que acontecem no texto. <i>Narrador-onisciente</i> – quando o narrador não apenas sabe tudo o que se passa na história, mas conhece também o íntimo das personagens, revelando ao leitor os pensamentos e sentimentos mais íntimos destes.
Personagens	São os participantes da ação. Normalmente se trata de uma pessoa, mas as personagens podem ser também um animal, um ser fictício, um sentimento, um objeto, desde que possuam características humanas, isto é, desde que estejam personificados. Personagens podem ter nomes ou não, e podem ter qualquer tipo de personalidade.
Tempo	É o momento em que a narrativa acontece
Espaço	Ambiente/lugar onde se passa a ação, podendo ser uma floresta, uma praça, um cemitério, o espaço (outros planetas) enfim, diversos lugares;
Enredo	Trata-se do desenvolvimento dos acontecimentos da narrativa. Todo enredo é composto por um conflito vivido por um ou mais personagens, cujo foco principal é prender a atenção do leitor por meio de um clima de tensão. Pode ser dividido em <i>situação inicial</i> , o começo da história, <i>conflito</i> , motivos desencadeadores da ação, <i>clímax</i> , o momento de maior tensão, e <i>desfecho</i> , a solução, pode ser esta trágica ou surpreendentemente boa.
Elemento fantástico	Elementos não existentes ou não reconhecidos pela realidade, que desafiam as leis do nosso mundo, como monstros, fantasmas...

Anexo 2 - Anotações do quadro sobre o conto fantástico

- 16/10/17
- ↳ Conto história ficcional (curta)
 - * Fantástico - depende da heritação do leitor
 - ↳ Maravilhoso - o leitor aceita que as leis do outro mundo são possíveis
 - * estranho - há uma explicação para os acontecimentos sob naturais
 - ↳ horror - entidade abstrata que conta na história pode participar ou não.
 - * Personagem - participa da ação * podem ser animais, pessoas, objetos, sentimentos...
 - ↳ Tempo - momento em que a narrativa acontece
 - * Espaço - lugar em que ocorre na história
 - ↳ Enredo acontecimentos na narrativa
 - situação inicial

11

/ /

data: 3/10/17

Atividade de interpretação e compreensão

1- A história é sobre Zuzi o homem que estava doente e as pessoas acham que era o novo Cristo.

2- Zuzi, Moçicelas

3- Pontipa

4- No começo eles ficaram assustados com esse acontecimento mas depois começam a se aproveitar da situação.

data: 16/10/17

Conto

Conto → História funcional curta.

↓
fantástico - depende da hesitação do leitor.

↳ maravilhoso - o leitor aceita que as leis do outro mundo são possíveis.

↳ Estranho - há uma explicação para os acontecimentos sobrenaturais.

Narração

Narração - entidade abstrata que conta o histórico.
Pode participar ou não.

Personagens

→ participantes da ação. Podem ser animais, pessoas, objetos, sentimentos...

Tempo

→ momento em que se narra o acontecimento.

Espaço

↳ Lugar em que ocorre o histórico.

Enredo

↳ acontecimentos do narrativo.

- situação inicial
- conflito
- clímax
- desfecho

Elementos Espontâneos

Seres ou situações que não existem/são impossíveis pelo que são do nosso mundo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EEB Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar
Estagiária responsável pela aula: Jéssica Domingos Mariano
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Plano de aula 5 – 2 h/a (23/10 – Segunda-feira – 9:30 às 11:15)

Tema: Produção da 1ª versão de uma *fanfiction*

1. Objetivo Geral

- Criar uma *fanfiction*, tendo em consideração sua função social, esfera e suporte de circulação, assim como características composicionais, para ser publicada no *site* Spirits.

2. Objetivos Específicos

- Empregar adequadamente os elementos da estrutura narrativa, como tempo, espaço, enredo, narrador e personagens na produção escrita de uma *fanfiction*;
- Fazer uso adequado dos recursos linguísticos que indicam narrador, tempo, espaço e falas das personagens;
- Esquematizar os elementos estruturais da narrativa, bem como detalhes do enredo, a serem utilizados na escrita da *fanfiction*;
- Escrever a 1ª versão de uma *fanfiction*, considerando sua função social, esfera e suporte de circulação, assim como a forma de composição.

3. Conhecimentos trabalhados

- Gênero *fanfiction*: função social, esfera de circulação, forma de composição;
- Elementos da estrutura narrativa: narrador, tempo e espaço, personagem e enredo;
- Marcas linguísticas de tempo-espaço, foco narrativo;
- Adjetivos e locuções adjetivas na construção de cenários e personagens;
- Marcas da fala do outro: o uso do travessão na fala dos personagens;
- Escrita da 1ª versão de uma *fanfiction*.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo estimado
No primeiro momento, será feita a retomada dos elementos da <i>fanfiction</i> , como a reelaboração de uma história original, o subgênero (ação, terror, romance etc.), chamando atenção para os aspectos que constituirão a primeira produção textual dos alunos.	20 minutos

Posteriormente, serão dadas orientações para a confecção da narrativa. O estagiário-professor responsável pela aula distribuirá um roteiro, semelhante ao roteiro de leitura, mas cujo preenchimento deverá servir para a organização da escrita da <i>fanfiction</i> .	10 minutos
O restante da aula será destinado à escrita da primeira produção textual.	15 minutos
Intervalo	15 minutos
Após o retorno do intervalo, será disponibilizado tempo para a retomada da escrita da primeira versão da <i>fanfiction</i> , que será acompanhada pelos estagiários-professores.	45 minutos

5. Recursos didáticos

- Quadro branco
- Canetão
- Cópias das fichas de orientação para produção escrita
- Caderno, lápis e borracha.

6. Avaliação

Para a avaliação dos alunos, será considerada a participação, por meio da escuta e questionamentos levantados durante a revisão. A produção da *fanfiction* será avaliada a partir da adequação ao gênero e às convenções da escrita formal da Língua Portuguesa. A produção e posterior refacção da *fanfiction* constituirão uma avaliação somativa para o bimestre.

7. Referências

AGUIAR, E. C. **O conto fantástico e a fanfiction nas aulas de língua portuguesa: uma experiência com leitura e produção de textos multimodais**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

8. Anexos

Anexo 1 – Orientações para a produção escrita da *fanfiction*

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar

Estagiária responsável pela aula: Jéssica Domingos Mariano

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Aluno(a): _____

Tripulantes da 71,

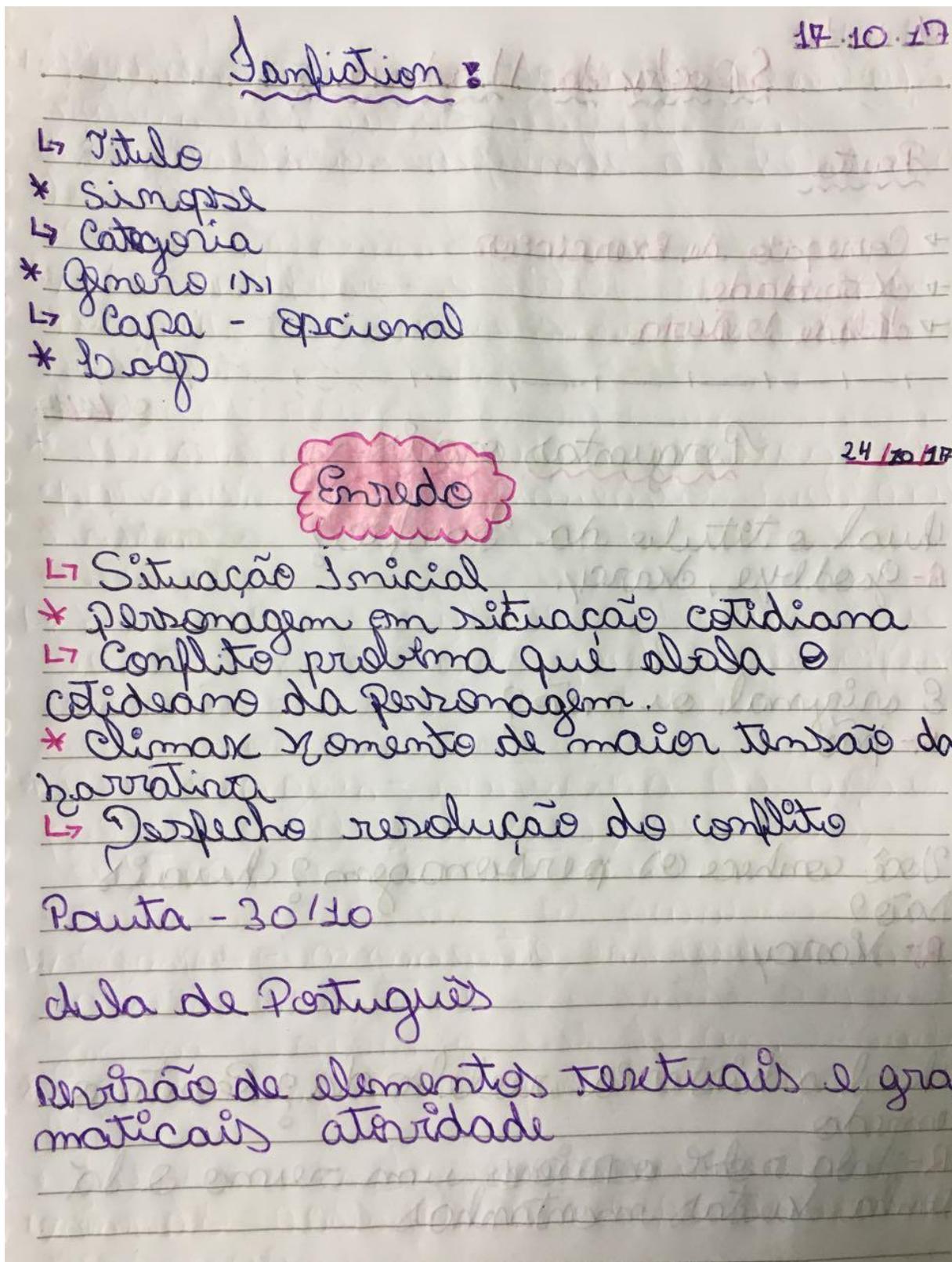
Agora que vocês já conhecem a *fanfiction*, chegou a hora de produzirem as suas! O tema é de sua escolha, mas não se esqueçam de respeitar as características desse tipo de texto, conforme observamos na aula anterior. Para ajudá-los, elaboramos um pequeno roteiro com alguns pontos dos quais vocês precisam se lembrar para a sua produção. As *fanfics* que vocês produzirem vão ser postadas no *site* Spirits ao final do projeto, após sua reescrita, de modo que os colegas e leitores do *site* possam acessá-la.

Primeiramente, organize suas ideias:

- O que vai acontecer na sua história?
- Quem são os personagens?
- Onde e em que época se passa a história?
- O narrador é um personagem ou não? Com que objetivo se deu essa escolha?
- Quais elementos da história canônica serão incorporados à sua *fanfiction*? O universo onde se passa a narrativa, um ou mais personagens, uma situação?
- Os elementos retirados da história canônica (original) estão descritos de modo que o leitor reconheça o universo ficcional?

Atenção: Sua produção deverá ter no mínimo 25 linhas, pois precisa se adequar ao número de palavras exigido pelo *site*.

Anexo 2 – Anotações sobre a retomada dos elementos da *fanfiction*



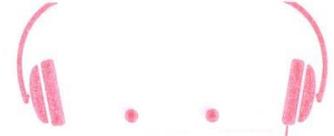
Anexo 3 – Escrita das *fanfictions*



Anexo 4 – Mostra da 1ª versão das produções



STAR VS A FORÇA DO MAL



Star é uma princesa que veio de MELNI.
Ela foi mandada para a Terra para
ver se ela aprendeu a ser uma
menina de bem. Ela ela luta com
vários monstros, e nisso ela gosta
de Marco que é o menino que ela
pedi pra morar, ~~so~~ ^{mas} que ele gosta da
Sackie Lynn, ~~mas~~ ^{então,} a Star pediu
ele em namoro e eles se casaram
ela. ~~Como~~ ^{ela} era uma princesa,
ela se tornou Rainha e o Marco
Rei. ~~Assim~~ ^{Assim} eles continuaram lutando
contra o Ludo e sua turma.

E eles tiveram mais cachorros-lazer
e eles vieram pra terra ^{com frequência} para ver a
família de Marco e a turma que eles
estudavam quando eram crianças.
E eles tiveram filhos e viveram
felizes, ~~mas~~ ^{mas} continuaram lutando
contra o Ludo, e ~~também~~ ^{também} seus dois
filhos ^{também} aprenderam a lutar com os
seus pais e fim



A Bruxa do Bem

Como isso se chama? Procura descrever melhor o personagem.

o que o texto nos conta a respeito? Como quando? aqui por que está escrito assim?

simboliza o bem? de quem é o bem?

Um dia uma vez, uma linda menina que se chamava Bruna estava passeando na praça com os de costume, mas nesse dia foi diferente, ela estava se sentindo muito estranha e desmaiou no chão, e quando acordou estava numa casa toda quebrada, e ali estava a bruxa, e quando ela abriu os olhos viu ao lado uma bruxa, ela não se lembra e começou a gritar pedindo socorro. A bruxa chegou perto dela, pediu que ela se acalmasse, falando que estava tudo bem e que ela era uma bruxa do bem. A Bruna perguntou se que ela estava fazendo nessa casa toda quebrada, a bruxa respondeu: "Volta estava desmaiada na rua e eu só quis te ajudar." A Bruna agradeceu e falou que já ia embora porque estava tarde, a bruxa falou: "Mas não vá embora e falei: se quiser ir na minha casa tomar café você sempre bem-vinda." A Bruna agradeceu e entrou pro caso.

Qual o nome da bruxa?

o que isso tem a ver com o texto?

o "bem" no texto?

Procura dividir em parágrafos



mais ainda.

Eles começaram novamente a investigar os boatos estranhos, mas enquanto isso eles não saíram mais de casa, de tanto medo.

Eles descobriram que era uma coisa sobrenatural. Era a Annabelle, que vinha todos os dias assombrar eles, ~~mas~~ ^o medo começa a ficar pior do que já era.

mas eles resolveram matar ela. Como eles iam fazer isso? Para ~~eles~~ ^{ela} ter sucesso, eles começaram a planejar como isso iria acontecer.

Resolveram que quando desse 00:00 noite eles iriam todos sair para fora de suas casas, um iria incomodar ela, distraíndo, para que os outros fizessem uma faca, e fossem para trás e ~~fizessem~~ ^{esquecessem} a faca no piscos da Annabelle. E eles conseguiram.

Ficaram fameros no mundo todo. Como eles planejaram isso ninguém sabe, mas o plano deu super certo.

E o bairro, que era muito calmo, voltou a ser como era antes.

* a história está incompleta.

Anexo 5 – Orientações escritas na 1ª versão das produções dos alunos tendo em vista a reescrita

A.,

Gostamos do teu texto, principalmente pela boa elaboração e pela narração. Ainda que não seja uma *fanfiction* que incorpore elementos já existentes, sendo mais “original”, a narrativa ficou ótima, faltando apenas o desfecho. A descrição das personagens e dos cenários também ficou muito boa. prestar mais atenção com os tempos verbais, para não confundir o presente e o passado na hora de narrar.

Procure prestar atenção no tempo verbal, para que durante a narração não haja confusão entre o passado e presente.

Lembre-se daquilo que vimos nas aulas sobre a pontuação dos diálogos e o uso das vírgulas na reescrita e finalização da sua *fanfiction*. Boa reescrita!

An.,

Sua produção se adequa ao gênero *fanfiction* e apresenta uma boa situação inicial, mas nos pareceu que ela terminou na complicação, e não no desfecho. Procure, na reescrita, elaborar melhor o seu final, de modo que haja um clímax, como o confronto, e o final, com o fim da gangue ou não. Durante a reescrita, lembre-se da aula em que vimos a diferença entre *mas* e *e* e a acentuação, além de prestar atenção na escrita das palavras.

Não se esqueça de ajustar o diálogo conforme vimos em aula, além de pontuar corretamente as vírgulas e os pontos finais. Boa reescrita!

Kl.,

Achamos interessante a sua narrativa, mas você acha que ela se encaixa em uma *fanfiction*? Entendemos que, por sua história se aproximar de um conto de fadas envolvendo uma bruxa, o “Era uma vez...” possa ser incorporado, no entanto, você também pode iniciar de uma forma diferenciada. Se for uma produção que você considere original, procure adequar os diálogos das personagens e dividir em parágrafo, além de detalhar melhor as ações. Se pertencer a algum filme, procure especificar as informações, de modo que os seus leitores reconheçam o universo ao qual a *fanfiction* pertence.

Lembre-se das regras de acentuação e pontuação na reescrita de sua *fanfiction*, principalmente na hora de formar o diálogo.

Procure, também, dividir em parágrafos para uma melhor leitura. Não se esqueça de adequar o tempo verbal da narrativa, para que ela não fique variando entre o passado e o presente. Boa reescrita!

E.,

Sua produção se adequa ao gênero *fanfiction* e é muito criativa. Procure, no entanto, descrever melhor as cenas da guerra, com diálogos entre as personagens, de modo que o seu

leitor possa experimentar essa batalha. Lembre-se de evitar o uso de palavras repetidas, para que não fique cansativo para o seu leitor, além de usar a concordância correta nas palavras.

Não se esqueça de consultar as regras de pontuação e acentuação na reescrita. Boa reescrita!

L. R.,

A sua narrativa ficou muito boa e se assemelha a uma *fanfiction* original. Para deixá-la melhor, você pode descrever o cenário e o próprio príncipe Luizinho. Além disso, pode escrever outras aventuras de Luizinho. Boa reescrita!

K.,

Sua produção se assemelha muito a uma *fanfiction* original e apresenta um bom enredo. No entanto, a organização ficou um pouco confusa, principalmente por conta dos diálogos, uma vez que não dava para saber quem falava. O final também ficou um pouco rápido, aproveite a reescrita para finalizar melhor a sua *fanfiction*.

Lembre-se daquilo que vimos nas aulas sobre a acentuação, a pontuação dos diálogos e o uso das vírgulas. Boa reescrita!

H.,

Achamos muito criativa a sua ideia de misturar várias referências para produzir uma narrativa, readaptando o conto dos três porquinhos. Por retomar um conto de fadas, o “Era sua vez...” em sua *fanfiction* pode ser mantido ou substituído por algo mais original. O enredo, ainda não finalizado, parece ser muito interessante. Você deve se decidir, no entanto, se manterá “porquinhos” ou “anões”, porque aparentemente há essa confusão.

Cuidado na conjugação dos verbos e na ortografia das palavras, qualquer dúvida, você pode consultar um dicionário ou os próprios professores. Além disso, você pode descrever melhor os cenários e as personagens.

Lembre-se daquilo que vimos nas aulas sobre a acentuação, a pontuação dos diálogos e o uso das vírgulas. Boa reescrita!

F.,

Sua produção se adequa a uma *fanfiction* original e possui um ótimo enredo. Preste atenção, contudo, na repetição das palavras e nas marcas de oralidade. Além disso, organize melhor seus parágrafos, de modo que eles se constituam como uma unidade. Você também pode nomear o protagonista e descrever a sua casa, como ele era, a sua mulher e as suas filhas, além de especificar melhor qual havia sido sua missão na lua.

Lembre-se daquilo que vimos nas aulas sobre a acentuação, a pontuação dos diálogos (principalmente na hora de adequar o seu) e o uso das vírgulas. Boa reescrita!

P.,

Sua narrativa se adequa a uma *fanfiction* original e possui um ótimo enredo, principalmente por conta do mistério. Uma possibilidade é você deixar para revelar o que acontece apenas na última viagem, dizendo apenas que os primeiros viajantes voltaram antes do tempo. Assim, você prende o leitor na narrativa por conta do suspense. Além disso, procure evitar as marcas de oralidade e a repetição. Você pode nomear e descrever os viajantes e até especificar os traumas deles pós-viagem.

Lembre-se daquilo que vimos nas aulas sobre a acentuação, a pontuação dos diálogos e o uso das vírgulas. Boa reescrita!

P. M.,

A ideia do nosso projeto é que você escreva algo seu, e não copie de outros. Você pode, por exemplo, aproveitar as informações que você obteve para escrever algo próprio, a partir daquele universo. Aproveite a reescrita para elaborar uma história, como os contos que nós lemos, apropriando-se elementos já existentes, a fim de confeccionar uma *fanfiction*. Bom trabalho!

M. A.,

Sua produção tem os requisitos de uma *fanfiction* e possui os elementos de um enredo completo, parabéns! Contudo, para melhorar sua escrita, você deve atentar para as frases muito longas — apesar do uso das vírgulas, não havia um ponto final no parágrafo inteiro. Além disso, para tornar sua *fanfic* mais interessante para os leitores, você poderia inserir mais ações na narrativa, ou detalhar mais algum dos eventos já narrados (falar sobre os filhos da Star ou descrever o casamento dela com o Marco). Boa reescrita!

Ky.,

Sua produção tem os requisitos de uma *fanfiction* e um enredo interessante, parabéns! Contudo, para melhorar a sua escrita, você deve atentar para o uso dos pronomes: durante o primeiro e o segundo parágrafo você usa “eles” para se referir aos personagens, mas não há um nome retomado por esse pronome, o que causa um pouco de confusão. Também evite repetir palavras e frases, para que o texto fique mais fluido. Boa reescrita!

Ag.,

Você não terminou sua produção, mas o começo está bem interessante. Para que ela se aproxime mais de uma *fanfiction*, procure acrescentar elementos/cenas/personagens que você criou ao que acontece no filme original. Além disso, preste atenção nas frases muito longas e nas falas dos personagens, reescrevendo-as conforme as indicações de pontuação da revisão gramatical. Boa reescrita!

B.,

Sua produção se adequa aos requisitos de uma *fanfiction*, parabéns! Contudo, para melhorar a sua escrita, você deve atentar para a separação do texto em parágrafos e para as marcas de pontuação que acompanham as falas dos personagens (algumas vezes você esqueceu de fechar as aspas). Além disso, para que sua *fanfiction* fique mais interessante para os leitores, procure desenvolver um pouco mais o final (talvez descrevendo melhor a aproximação de Sophia e Eric depois do encontro na cascata). Boa reescrita!

G.,

Sua produção se adequa bem aos requisitos de uma *fanfiction*, parabéns! Contudo, para melhorar sua escrita, você deve atentar para as repetições de termos próximos e para as marcas de oralidade, assuntos discutidos nas aulas anteriores. Além disso, para que sua *fanfiction* fique mais clara e interesse mais os leitores, tente recriar ou detalhar mais o final, pois a morte de Jennifer foi muito inesperada em relação ao resto do texto e pode provocar confusão (dica: procure estabelecer uma relação entre o vizinho demoníaco e os acontecimentos narrados anteriormente). Boa reescrita!

V. L.,

Sua produção tem os requisitos de uma *fanfiction* e possui os elementos de um enredo completo, parabéns! Contudo, para melhorar sua escrita, você deve atentar para alguns dos elementos retomados nas últimas aulas, como a diferença entre “mas” e “mais”, a concordância verbal e nominal e a repetição de termos próximos no texto. Boa reescrita!

S.,

Sua produção tem os requisitos de uma *fanfiction* e possui os elementos de um enredo completo, parabéns! Contudo, para melhorar sua escrita, você deve evitar o uso de marcas de oralidade e atentar para a ortografia. Além disso, para que sua história se adequa mais a uma *fanfic*, procure inserir elementos originais, que ultrapassem os acontecimentos da história original; você pode fazer isso detalhando melhor o final, ao descrever como Bem e Mal ficam juntos, ou ao relatar a tentativa de roubo da varinha, mas do modo como você criaria essas cenas. Isso também tornará sua produção mais interessante para os leitores. Boa reescrita!

V. R.,

A premissa da sua produção é muito boa, contudo, não é possível dizer que ela é um *fanfiction*. Para se enquadrar nesse tipo de texto, seria necessária a apropriação de elementos já existentes (nesse caso uma figura mitológica) que são retrabalhados de acordo com a vontade do autor em uma narrativa. O que faltou em sua produção foi a estrutura narrativa. Para modificar isso, você pode inserir ações antes e/ou depois da fala, formando uma situação em que esta faça sentido. Boa reescrita!

R.,

Sua produção tem os requisitos de uma *fanfiction* e a inserção do diário ficou muito boa, parabéns! Contudo, para melhorar sua escrita, você deve atentar para as repetições e para a acentuação, conforme exposto nas últimas aulas. Além disso, alguns pontos no enredo precisam de retoque: a existência do diário, por exemplo, não foi bem introduzida. O final,

apesar de adequado para um personagem que é também o narrador — e que, portanto, não descreve a própria morte — está um pouco abrupto, procure desenvolvê-lo um pouco. Boa reescrita!

L.,

A ideia do nosso projeto é que você escreva algo seu, e não copie de outros. Você pode, por exemplo, aproveitar as informações que você obteve para escrever algo próprio, a partir daquele universo. Aproveite a reescrita para elaborar uma história, como os contos que nós lemos, apropriando-se elementos já existentes, a fim de confeccionar uma *fanfiction*. Bom trabalho!

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar

Estagiários responsáveis pela aula: Elton da Silva Rodrigues

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Plano de aula 6 – 2 h/a (24/10 – Terça-feira – 9:30 às 11:15)

Tema: Literatura e adaptação

1. Objetivo Geral

- Reconhecer aspectos composicionais do conto, estabelecendo relações entre a literatura e a adaptação fílmica.

2. Objetivos Específicos

- Ler com expressividade, fluência, entonação o final para o conto “Passeio Noturno”, elaborado na aula do dia 10/10, para socialização da própria produção com os colegas;
- Atribuir sentido à fala do outro, pela escuta atenta e efetiva das apresentações dos finais para o conto “Passeio Noturno”, elaborado pelos colegas.
- Identificar o elemento fantástico nas produções dos finais do conto Passeio Noturno I, de Rubem Alves;
- Assistir ao curta-metragem “Vincent”, percebendo a utilização de recursos como cor, trilha sonora, etc. utilizados em audiovisuais;
- Ouvir o conto “O gato preto”, tendo em vista o aprofundamento do estudo dos elementos da narrativa com base no roteiro de leitura;
- Relacionar aspectos da narrativa no conto e no curta, pela análise de semelhanças e diferenças entre esses gêneros.

3. Conhecimentos trabalhados

- Aspectos composicionais do conto: personagem, enredo, foco narrativo, tempo e espaço;
- Aspectos do curta-metragem em relação ao conto: diferença de suporte, brevidade, linguagens;
- Tradução intersemiótica;
- Expressividade, entonação e fluência durante a socialização do final do conto.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo estimado
---------------	----------------

No início da aula, o estagiário-professor responsável pela aula pedirá aos alunos que formem um círculo com as cadeiras enquanto a dupla escreve a pauta no quadro. O estagiário-professor lerá o conto, até onde foi interrompido e, um por vez, os alunos socializarão os finais que criaram para o conto na semana anterior.	20 minutos
Em seguida, serão revistos alguns dos elementos da narrativa identificados como problemáticos na produção da 1ª versão da <i>fanfiction</i> elaborada na aula anterior.	25 minutos
Na segunda aula, a turma se dirigirá à sala de cidadania para assistir ao curta “Vincent”, de Tim Burton.	10 minutos
Posteriormente, o estagiário-professor lerá o conto “O gato preto”, de Edgar Allan Poe, na versão disponível no livro didático. A compreensão desse conto precisará ser registrada no roteiro de leitura, conforme os anteriores, como tarefa de casa.	15 minutos
Por fim, será feita uma discussão sobre a adaptação literatura-cinema, englobando o uso de recursos, a diferença de suporte e os meios para atingir determinados efeitos, assim como a aplicação da adaptação na escrita da <i>fanfiction</i> .	20 minutos

5. Recursos didáticos

- Quadro branco
- Canetão
- Livro didático do sétimo ano
- Caderno, lápis e borracha
- Projetor multimídia
- *Notebook*.

6. Avaliação

Para a avaliação dos alunos, será considerada a participação, por meio da expressividade, fluência, entonação na socialização do conto, da atenção à escuta do final do conto a ser lido pelos colegas e do curta, também serão considerados os questionamentos levantados durante a aula, assim como as respostas aos questionamentos do estagiário-professor.

7. Referências

AGUIAR, E. C. **O conto fantástico e a fanfiction nas aulas de língua portuguesa: uma experiência com leitura e produção de textos multimodais**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

POE, E. A. O gato preto (adaptação). In: OLIVEIRA, T. A. et al. 4. ed. São Paulo: IBEP, 2015.

_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VINCENT. Direção de Tim Burton e Rick Heinrichs. Produção independente. Estados Unidos, 1982. Animação. Narração de Vincent Price.

8. Anexos

Anexo 1 – Cópia do texto “O gato preto” (adaptado)

Prática de leitura

Texto 3 – Narrativa de terror

Agora, você vai ler um texto que se assemelha muito às narrativas de enigma: a narrativa de terror.

O gato preto

Não espero nem peço que se dê crédito à história sumamente extraordinária e, no entanto, bastante doméstica que vou narrar. Louco seria eu se esperasse tal coisa, tratando-se de um caso que os meus próprios sentidos se negam a aceitar. Não obstante, não estou louco e, com toda a certeza, não sonho. Mas amanhã posso morrer e, por isso, gostaria, hoje, de aliviar o meu espírito. [...]

Desde a infância, tornaram-se patentes a docilidade e o sentido humano de meu caráter. A ternura de meu coração era tão evidente, que me tornava alvo dos gracejos de meus companheiros. Gostava, especialmente, de animais, e meus pais me permitiam possuir grande variedade deles. [...]

Casei cedo, e tive a sorte de encontrar em minha mulher disposição semelhante à minha. Notando o meu amor pelos animais domésticos, não perdia a oportunidade de arranjar as espécies mais agradáveis de bichos. Tínhamos pássaros, peixes-dourados, um cão, coelhos, um macaquinho e um gato.

Este último era um animal extraordinariamente grande e belo, todo negro e de espantosa sagacidade. Ao referir-se à sua inteligência, minha mulher, que, no íntimo de seu coração, era um tanto supersticiosa, fazia frequentes alusões à antiga crença popular de que todos os gatos pretos são feiticeiras disfarçadas. [...]. Pluto – assim se chamava o gato – era o meu preferido, com o qual eu mais me distraía. [...]

Nossa amizade durou, desse modo, vários anos, durante os quais não só o meu caráter como o meu temperamento – enrubesço ao confessá-lo – sofreram, devido ao demônio da intemperança, uma modificação radical para pior. Tornava-me, dia a dia, mais taciturno, mais irritadiço, mais indiferente aos sentimentos dos outros. Sofria ao empregar linguagem desabrida ao dirigir-me à minha mulher. No fim, cheguei mesmo a tratá-la com violência. Meus animais, certamente, sentiam a mudança operada em meu caráter. Não apenas não lhes dava atenção alguma, como, ainda, os maltratava. Quanto a Pluto, porém, ainda despertava em mim consideração suficiente que me impedia de maltratá-lo [...]. Meu mal, porém, ia tomando conta de mim – que outro mal pode se comparar ao álcool? – e, no fim, até Pluto, que começava agora a envelhecer e, por conseguinte, se tornara um tanto rabugento, até mesmo Pluto começou a sentir os efeitos de meu mau humor.

Certa noite, ao voltar a casa, muito embriagado, de uma de minhas andanças pela cidade, tive a impressão de que o gato evitava a minha presença. Apanhei-o, e ele, assustado ante a minha violência, me feriu a mão, levemente, com os dentes. Uma fúria demoníaca apoderou-se, instantaneamente, de mim. Já não sabia mais o que estava fazendo. [...] Tirei do bolso um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, friamente, arranquei de sua órbita um dos olhos! [...]

Entretentes, o gato se restabeleceu, lentamente. A órbita do olho perdido apresentava, é certo, um aspecto horrendo, mas não parecia mais sofrer qualquer dor. Passeava pela casa como de costume, mas, como bem se poderia esperar, fugia, tomado de extremo terror, à minha aproximação. Restava-me ainda o bastante de meu antigo coração para que, a princípio, sofresse com aquela evidente aversão por parte de um animal que, antes, me amara tanto. Mas esse sentimento logo se transformou em irritação. [...] Uma manhã, a sangue-frio, meti-lhe um nó corredio em torno do pescoço e enforquei-o no galho de uma árvore. Fi-lo com os olhos cheios de lágrimas, com o coração transbordante do mais amargo remorso. Enforquei-o porque sabia que ele me amara, e porque reconhecia que não me dera motivo algum para que me voltasse contra ele. [...]



Na noite do dia em que foi cometida essa ação tão cruel, fui despertado pelo grito de "fogo!". As cortinas de minha cama estavam em chamas. Toda a casa ardia. Foi com grande dificuldade que minha mulher, uma criada e eu conseguimos escapar do incêndio. [...]

[...] No dia seguinte ao do incêndio, visitei as ruínas. As paredes, com exceção de uma apenas, tinham desmoronado. [...] Aproximei-me e vi, como se gravada em baixo-relevo sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem era de uma exatidão verdadeiramente maravilhosa. Havia uma corda em torno do pescoço do animal. [...]

Uma noite, em que me achava sentado, meio aturdido, num antro mais do que infame, tive a atenção despertada, subitamente, por um objeto negro que jazia no alto de um dos enormes barris, de genebra ou rum, que constituíam quase que o único mobiliário do recinto. Fazia já alguns minutos que olhava fixamente o alto do barril, e o que então me surpreendeu foi não ter visto antes o que havia sobre o mesmo. Aproximei-me e toquei-o com a mão. Era um gato preto, enorme – tão grande quanto Pluto – e que, sob todos os aspectos, salvo um, se assemelhava a ele. Pluto não tinha um único pelo branco em todo o corpo – e o bichano que ali estava possuía uma mancha larga e branca, embora de forma indefinida, a cobrir-lhe quase toda a região do peito. Ao acariciar-lhe o dorso, ergueu-se imediatamente, roncando com força e esfregando-se em minha mão, como se a minha atenção lhe causasse prazer. [...]

Continuei a acariciá-lo e, quando me dispunha a voltar para casa, o animal demonstrou disposição de acompanhar-me. Permiti que o fizesse – detendo-me, de vez em quando, no caminho, para acariciá-lo. Ao chegar, sentiu-se imediatamente à vontade, como se pertencesse à casa, tornando-se, logo, um dos bichanos preferidos de minha mulher.

De minha parte, passei a sentir logo aversão por ele. Acontecia, pois, justamente o contrário do que eu esperava. Mas a verdade é que – não sei como nem por quê – seu evidente amor por mim me desgostava e aborrecia. Lentamente, tais sentimentos de desgosto e fastio se converteram no mais amargo ódio. Evitava o animal. [...]

Sem dúvida, o que aumentou o meu horror pelo animal foi a descoberta, na manhã do dia seguinte ao que o levei para casa, que, como Pluto, também havia sido privado de um dos olhos. [...]

Sob a pressão de tais tormentos, sucumbiu o pouco que restava em mim de bom. [...] Minha rabugice habitual se transformou em ódio por todas as coisas e por toda a humanidade – e enquanto eu, agora, me entregava cegamente a súbitos, frequentes e irreprimíveis acessos de cólera, minha mulher – pobre dela! – não se queixava nunca, convertendo-se na mais paciente e sofredora das vítimas.

Um dia, acompanhou-me, para ajudar-me numa das tarefas domésticas, até o porão do velho edifício em que nossa pobreza nos obrigava a morar, o gato seguiu-nos e, quase fazendo-me rolar escada abaixo, me exasperou a ponto de perder o juízo. Apanhando uma machadinha e esquecendo o terror pueril que até então contivera minha mão, dirigi ao animal um golpe que teria sido mortal, se atingisse o alvo. Mas minha mulher segurou-me o braço, detendo o golpe. Tomado, então, de fúria demoníaca, livre o braço do obstáculo que o detinha e cravei-lhe a machadinha no cérebro. Minha mulher caiu morta instantaneamente, sem lançar um gemido.

Realizado o terrível assassinio, procurei, movido por súbita resolução, esconder o corpo. Sabia que não poderia retirá-lo da casa, nem de dia nem de noite, sem correr o risco de ser visto pelos vizinhos. [...] Finalmente, tive uma ideia que me pareceu muito mais prática: resolvi emparedá-lo na adega, como faziam os monges da Idade Média com as suas vítimas. [...]

O passo seguinte foi procurar o animal que havia sido a causa de tão grande desgraça, pois resolveira, finalmente, matá-lo. Se, naquele momento, tivesse podido encontrá-lo, não haveria dúvida quanto à sua sorte: mas parece que o esperto animal se alarmara ante a violência de minha cólera, e procurava não aparecer diante de mim enquanto me encontrasse naquele estado de espírito. Impossível descrever ou imaginar o profundo e abençoado alívio que me causava a ausência de tão detestável felino. [...] Transcorreram o segundo e o terceiro dia – e o meu algoz não apareceu. Pude respirar, novamente, como homem livre. O monstro fugira para sempre de casa.

Foram feitas algumas investigações, mas respondi prontamente a todas as perguntas. Proceeu-se, também, a uma vistoria em minha casa, mas, naturalmente, nada podia ser descoberto. Eu considerava já como coisa certa a minha felicidade futura.

No quarto dia após o assassinato, uma caravana policial chegou, inesperadamente, a casa, e realizou, de novo, rigorosa investigação. Seguro, no entanto, de que ninguém descobriria jamais o lugar em que eu ocultara o cadáver, não experimentei a menor perturbação. [...]

– Senhores – disse, por fim, quando os policiais já subiam a escada – é para mim motivo de grande satisfação haver desfeito qualquer suspeita. Desejo a todos os senhores ótima saúde e um pouco mais de cortesia. Diga-se de passagem, senhores, que esta é uma casa muito bem construída... (Quase não sabia o que dizia, em meu insopitável desejo de falar com naturalidade.) Poderia, mesmo, dizer que é uma casa excelentemente construída. Estas paredes – os senhores já se vão? –, estas paredes são de grande solidez.

Nessa altura, movido por pura e frenética fanfarronada, bati com força, com a bengala que tinha na mão, justamente na parte da parede atrás da qual se achava o corpo da esposa de meu coração.

Que Deus me guarde e livre das garras de Satanás! Mal o eco das batidas mergulhou no silêncio, uma voz me respondeu do fundo da tumba, primeiro com um choro entrecortado e abafado, como os soluços de uma criança; depois, de repente, com um grito prolongado, estridente, contínuo, completamente anormal e inumano. Um uivo, um grito agudo, metade de horror, metade de triunfo, como somente poderia ter surgido do inferno, da garganta dos condenados, em sua agonia, e dos demônios exultantes com a sua condenação.

Quanto aos meus pensamentos, é loucura falar. Sentindo-me desfalecer, cambaleei até à parede oposta. Durante um instante, o grupo de policiais deteve-se na escada, imobilizado pelo terror. Decorrido um momento, doze braços vigorosos atacaram a parede, que caiu por terra. O cadáver, já em adiantado estado de decomposição, e coberto de sangue coagulado, apareceu, ereto, aos olhos dos presentes.

Sobre sua cabeça, com a boca vermelha dilatada e o único olho chamejante, achava-se pousado o animal odioso, cuja astúcia me levou ao assassinio e cuja voz reveladora me entregava ao carrasco.

Eu havia emparedado o monstro dentro da tumba!

POE, Edgar Allan. *Histórias extraordinárias*. São Paulo: Martin Claret, 2000.

▼ POR DENTRO DO TEXTO

1. O narrador-personagem anuncia que vai contar uma história “sumamente **extraordinária** e, no entanto, bastante **doméstica**”. Que expectativa é criada no leitor devido ao uso desses dois adjetivos?
2. Releia o primeiro parágrafo e responda: Por que razão ele decidiu tornar pública sua história?
3. A partir do segundo parágrafo, o narrador-personagem conta um pouco de sua infância e do início do seu casamento. Que mudança podemos perceber em sua personalidade no decorrer da história?
4. Por duas vezes, a personagem maltrata o gato preto. Releia os trechos que relatam esses dois episódios. De que maneira esses relatos contribuem para o clima de tensão da narrativa?
5. O conto sugere que o gato encontrado pela personagem, em uma de suas saídas à noite, “num antro mais do que infame”, era o mesmo gato que havia sido enforcado. Que semelhanças entre ambos foram apontadas?
6. A quem, principalmente, o narrador atribui a culpa por sua mudança de caráter, incluindo o assassinato de sua esposa? Justifique com trechos do texto.
7. A que outro fator poderíamos atribuir a mudança de caráter do narrador? Justifique com um trecho do texto.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EEB Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar
Estagiários responsáveis pela aula: Elton da Silva Rodrigues
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Plano de aula 7 – 2 h/a (30/10 – Segunda-feira – 8:45 às 10:15)

Tema: Análise Linguística

1. Objetivo Geral

- Analisar os recursos discursivos, expressivos e linguísticos empregados na primeira versão da *fanfiction* de modo a adequá-la ao gênero e às normas da escrita formal da Língua Portuguesa.

2. Objetivos Específicos

- Refletir sobre o emprego adequado dos sinais de pontuação, considerando o efeito de sentido que provocam no leitor;
- Reconhecer o papel dos elementos anafóricos na manutenção da coerência do enredo;
- Reconhecer o papel dos verbos e dos adjuntos adverbiais na construção dos esquemas espaço-temporais em uma narrativa;
- Reconhecer o papel dos adjetivos e das locuções adjetivas na construção de cenários e personagens em uma narrativa.

3. Conhecimentos trabalhados

- Elementos anafóricos na manutenção da coerência do enredo;
- Marcas de construção de cenários e personagens nas narrativas;
- Marcas de tempo e espaço na construção de narrativas;
- Marcas de narrador (foco narrativo) e efeitos de sentido na construção de narrativas;
- Pontuação (vírgulas, dois pontos, ponto e vírgula e travessão).

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo estimado
No primeiro momento, o estagiário-professor anotará a pauta do dia no quadro. O estagiário-professor responsável pela aula trabalhará a pontuação, utilizando contos já lidos pelos alunos, assim como exemplos da 1ª versão da <i>fanfiction</i> produzida pelos alunos, para exemplificar e esclarecer sua função. Também serão abordados os elementos anafóricos e os adjetivos, em sua função de retomada de situações e personagens e caracterização de personagens e cenários,	45 minutos

contribuindo para o clima da narrativa.	
Intervalo	15 minutos
Em seguida, os pontos a serem trabalhados serão os tempos verbais comumente utilizados em narrativas, cuja aplicação varia conforme a tipologia textual, isto é, em trechos de narração e descrição.	30 minutos
Por fim, os alunos realizarão uma atividade voltada à fixação dos conteúdos abordados nessa aula, que se mostraram problemáticos em suas produções. Enquanto isso, será realizada a chamada.	15 minutos

5. Recursos didáticos

- Quadro branco
- Canetão
- Livro didático do sétimo ano
- Caderno, lápis e borracha.

6. Avaliação

Para a avaliação dos alunos, será considerada a participação, por meio da atenção dispensada à exposição do estagiário-professor acerca dos problemas identificados na produção da 1ª versão dos textos dos alunos; também serão considerados os questionamentos levantados durante a aula, assim como as respostas aos questionamentos do estagiário-professor e a adequação das respostas aos exercícios propostos.

7. Referências

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: Mercado de Letras: ALB, 1996.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas.** Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

i) Zé Pequeno estava segurando o revolver com as mãos tremendo.

4) Reescreva o trecho a seguir pontuando adequadamente com os sinais de pontuação que estudamos (dois pontos, ponto final, vírgula, travessão e ponto de interrogação e exclamação):

Ela veio caminhando para mim e disse
O que você está fazendo aqui João
Eu estou esperando o Alberto volta
Margarida parecia surpresa em me ver porque provavelmente ela não me esperava ali
O que o Alberto está fazendo?
Foi pegar uns papéis na casa de Tereza respondi

5) Reescreva as palavras sublinhadas do trecho a seguir procurando adequar a **concordância** dos substantivos e adjetivos (plural e singular) e a **conjugação** dos verbos (plural e singular, presente e passado).

Pedro caminhou até a porta, mas para antes mesmo de chegar lá. Sua professora, Marionilda, o interrompeu porque não admite que aluno seu caminhe durante a explicações da matéria. Marionilda pediu, gentilmente, para que Pedro se sentasse, ordem que ele acaba obedecendo, embora quisesse mesmo fugir da aula horrorosa. Todas as aula daquela professora era chata, ela vivia falando e falando e falando, e os aluno não podia falar nada. Um dia, quando Pedro crescesse, se ele fosse professor, iria fazer uma aula para seus aluno poder falar bastante. Mas, naquele dia, ele não pôde fazer isso, teve que abaixar a cabeça e voltar para seu lugar. A professora Marionilda continuou a dar a aula falando e falando, e todos foi embora sem prestar nenhumas atenção.

6) Reescreva as seguintes frases evitando as marcas de oralidade:

a)E aí ela foi para o hospital.

b)Daí o círculo de estrela virou num dinossauro.

c) Ela gostava de sair, mas sua mãe não que deixava, mas ela era desobediente mesmo e não se importava.

d) Pedro dizia que era o melhor jogador do time, que ninguém sabia jogar melhor que ele, e todos falavam que não era nada daqui, que ele nem era tão bom assim e que dava péssimos passes.

Anexo 2 – Respostas dos alunos à atividade de análise linguística

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar

Estagiários responsáveis pela aula: Elton da Silva Rodrigues e Jéssica Domingos Mariano

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Aluno(a): _____

ATIVIDADE

1) Preencha os espaços sublinhados abaixo com **mas** ou **mais**:

- a) Eu nunca mais vou fazer isso.
- b) João queria sair, mas sua mãe não o deixava.
- c) Stella gostava de brincar, mas não podia porque ia sujar sua roupa.
- d) Ela gostava mais do Henrique do que de mim.

2) Reescreva o trecho a seguir evitando repetir as palavras:

“Isaura gostava muito de suas bonecas, mas gostava mais ainda de sua coleção de porcelanas. Isaura gostava de brincar de cozinha com sua louça, e para isso preparava várias comidas falsas com sua louça. No sábado, antes do domingo de Páscoa, Isaura estava brincando com sua louça, mas seu irmão passou correndo e quebrou toda sua louça. Sem saber o que fazer, Isaura começou a chorar, porque já tinha se preparado para servir os pedaços de seu ovo de chocolate para seus ursinhos, Adamastor e Eleonor.”

“Isaura gostava muito de suas bonecas, mas gostava mais ainda de sua coleção de porcelanas. Ela adorava brincar sozinho com sua louça, e para isso preparava várias comidas falsas com suas porcelanas. No sábado, antes do domingo de Páscoa, brincava ela com sua louça, mas seu irmão passou correndo e quebrou toda sua louça. Sem saber o que fazer, ela começou a chorar porque já tinha se preparado para servir os pedaços de seu ovo de chocolate para seus ursinhos Adamastor e Eleonor”.

3) Acentue as palavras destacadas nas frases a seguir conforme as regras estudadas:

- a) Eles resolveram instalar câmeras no bairro.
- b) Então chegou a polícia e o negócio esquentou.
- c) Mas já estou acostumado, até porque aqui onde eu moro tem várias gangues.
- d) Sua pipa estava voando muito alto e longe, quando de repente caiu em um cemitério.
- e) No último dia que eles ficaram na casa era sexta-feira 13.
- f) Você estava desmaiada na rua, eu só quis ajudar.
- g) Eu, com muito medo, saí correndo desesperadamente e caí dentro de um bueiro.
- h) Tive um sonho terrível, que no final já era pesadelo.
- i) Zé Pequeno estava segurando o revólver com as mãos tremendo.

4) Reescreva o trecho a seguir pontuando adequadamente com os sinais de pontuação que estudamos (dois pontos, ponto final, vírgula, travessão e ponto de interrogação e exclamação):

- Ela veio caminhando para mim e disse
O que você está fazendo aqui João
Eu estou esperando o Alberto volta
Margarida parecia surpresa em me ver porque provavelmente ela não me esperava ali
O que o Alberto está fazendo?
Foi pegar uns papéis na casa de Tereza respondi

*Ela veio caminhando para mim e disse:
- O que você está fazendo aqui João?
- Eu estou esperando o Alberto voltar!
Margarida parecia surpresa em me ver, porque provavelmente ela não me esperava ali.
- O que Alberto está fazendo?
- Foi pegar uns papéis na casa de Tereza, respondi.*

5) Reescreva as palavras sublinhadas do trecho a seguir procurando adequar a **concordância** dos substantivos e adjetivos (plural e singular) e a **conjugação** dos verbos (plural e singular, presente e passado).

Pedro caminhou até a porta, mas para antes mesmo de chegar lá. Sua professora, Marionilda, o interrompeu porque não admite que aluno seu caminhe durante a explicações da matéria. Marionilda pediu, gentilmente, para que Pedro se sentasse, ordem que ele acaba obedecendo, embora quisesse mesmo fugir da aula horrorosa. Todas as aula daquela professora era chata, ela vivia falando e falando e falando, e os aluno não podia falar nada. Um dia, quando Pedro crescesse, se ele fosse professor, iria fazer uma aula para seus aluno poder falar bastante. Mas, naquele dia, ele não pôde fazer isso, teve que abaixar a cabeça e voltar para seu lugar. A professora Marionilda continuou a dar a aula falando e falando, e todos foi embora sem prestar nenhumas atenção.

Pedro caminhou até a porta, mas parou antes mesmo de chegar lá. Sua professora, Marionilda, o interrompeu porque não admitia que o aluno seu caminhe durante as explicações da matéria. Marionilda pediu, gentilmente, para que Pedro se sentasse, ordem que ele acabou obedecendo, embora quisesse mesmo fugir da aula horrorosa. Todas as aulas daquela professora eram chatas, ela vivia falando e falando e falando, e os alunos não podiam falar nada. Um dia, quando Pedro crescesse, se ele fosse professor, iria fazer uma aula para seus alunos poderem falar bastante. Mas, naquele dia, ele não pôde fazer isso,

- 6) Reescreva as seguintes frases evitando as marcas de oralidade:
- E aí ela foi para o hospital.
E então ela foi ao hospital.
 - Daf o círculo de estrela virou num dinossauro.
Aconteceu que o círculo de estrela virou em um dinossauro.
 - Ela gostava de sair, mas sua mãe não que deixava, mas ela era desobediente mesmo e não se importava.
Ela gostava de sair, e sua mãe não deixava, e por ela ser desobediente não se importava.

- d) Pedro dizia que era o melhor jogador do time, que ninguém sabia jogar melhor que ele e todos falavam que não era nada daqui, que ele nem era tão bom assim e que dava péssimos passes.

Pedro dizia que era o melhor jogador do time, que ninguém jogava melhor que ele, e todos diziam que não era nada daqui, que ele nem era tão bom assim, e que dava péssimos passes.

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar

Estagiários responsáveis pela aula: Elton da Silva Rodrigues e Jéssica Domingos Mariano

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Aluno(a):

ATIVIDADE

1) Preencha os espaços sublinhados abaixo com **mas** ou **mais**:

- Eu nunca mais vou fazer isso.
- João queria sair, mas sua mãe não o deixava.
- Stella gostava de brincar, mas não podia porque ia sujar sua roupa.
- Ela gostava mais do Henrique do que de mim.

2) Reescreva o trecho a seguir evitando repetir as palavras:

"Isaura gostava muito de suas bonecas, mas gostava mais ainda de sua coleção de porcelanas. Isaura gostava de brincar de cozinha com sua louça, e para isso preparava várias comidas falsas com sua louça. No sábado, antes do domingo de Páscoa, Isaura estava brincando com sua louça, mas seu irmão passou correndo e quebrou toda sua louça. Sem saber o que fazer, Isaura começou a chorar, porque já tinha se preparado para servir os pedaços de seu ovo de chocolate para seus ursinhos, Adamastor e Elconor."

Isaura gostava muito de suas bonecas, mas gostava mais ainda de sua coleção de porcelanas. E também curtia brincar de cozinha com sua louça, e para isso preparava várias comidas falsas com a sua louça. No sábado, antes do domingo de Páscoa, ela estava brincando com seus pratos, porém seu irmão passou correndo e quebrou seus pratos. Sem saber o que fazer, a garota começou a chorar, porque já tinha se preparado para servir os pedaços de seu ovo de chocolate para seus ursinhos, Adamastor e Elconor."

3) Acentue as palavras destacadas nas frases a seguir conforme as regras estudadas:

- Eles resolveram instalar câmeras no bairro.
- Então chegou a polícia e o negócio esquentou.
- Mas já estou acostumado, até porque aqui onde eu moro tem várias fangues.
- Sua pipa estava voando muito alto e longe, quando de repente caiu em um cemitério.
- No último dia que eles ficaram na casa era sexta-feira 13.
- Você estava desmaiada na rua, eu so quis ajudar.
- Eu, com muito medo, saí correndo desesperadamente e caí dentro de um bueiro.
- Tive um sonho terrível, que no final já era pesadelo.
- Zé Pequeno estava segurando o revólver com as mãos tremendo.

4) Reescreva o trecho a seguir pontuando adequadamente com os sinais de pontuação que estudamos (dois pontos, ponto final, vírgula, travessão e ponto de interrogação e exclamação):

Ela veio caminhando para mim e disse
O que você está fazendo aqui João
Eu estou esperando o Alberto voltar
Margarida parecia surpresa em me ver porque provavelmente ela não me esperava ali
O que o Alberto está fazendo?
Foi pegar uns papéis na casa de Tereza respondi

Ela veio caminhando para mim e disse:
- O que você está fazendo aqui João?
- Foi esperar o Alberto voltar.
Margarida parecia surpresa em me ver, porque provavelmente ela não me esperava ali.
- O que o Alberto está fazendo?
- Foi pegar uns papéis na casa de Tereza, respondi.

5) Reescreva as palavras sublinhadas do trecho a seguir procurando adequar a **concordância** dos substantivos e adjetivos (plural e singular) e a **conjugação** dos verbos (plural e singular, presente e passado).

Pedro caminhou até a porta, mas para antes mesmo de chegar lá. Sua professora, Marionilda, o interrompeu porque não admite que aluno se caminhe durante a explicações da matéria. Marionilda pediu, gentilmente, para que Pedro se sentasse, ordem que ele acaba obedecendo, embora quisesse mesmo fugir da aula horrorosa. Todas as aula daquela professora era chata, ela vivia falando e falando e falando, e os aluno não podia falar nada. Um dia, quando Pedro crescesse, se ele fosse professor, iria fazer uma aula para seus aluno poder falar bastante. Mas, naquele dia, ele não pôde fazer isso, teve que abaixar a cabeça e voltar para seu lugar. A professora Marionilda continuou a dar a aula falando e falando, e todos foi embora sem prestar nenhumas atenção.

Pedro caminhou até a porta, mas parou antes mesmo de chegar lá. Sua professora, Marionilda, o interrompeu porque não admite que aluno se caminhe durante a explicações da matéria. Marionilda pediu, gentilmente, para que Pedro se sentasse, ordem que ele acabou obedecendo, embora quisesse mesmo fugir da aula horrorosa. Todas as aulas daquela professora eram chatas, ela vivia falando

6) Reescreva as seguintes frases evitando as marcas de oralidade:

a) E aí ela foi para o hospital.

E então ela partiu até o hospital.

b) Daí o círculo de estrela virou num dinossauro.

De repente o círculo de estrela virou num dinossauro.

c) Ela gostava de sair, mas sua mãe não que deixava, mas ela era desobediente mesmo e não se importava.

Ela gostava de sair, mas a sua mãe não deixava, embora ela fosse desobediente e não se importava.

d) Pedro dizia que era o melhor jogador do time, que ninguém sabia jogar melhor que ele, e todos falavam que não era nada daqui, que ele nem era tão bom assim e que dava péssimos passes.

Pedro dizia que era o melhor jogador do time, que ninguém jogava melhor que ele, e todos diziam que não era nada daquilo que falava ele nem era tão bom assim e também dava péssimos passes.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EEB Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar
Estagiária responsável pela aula: Jéssica Domingos Mariano
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Sétimo ano Turma: 1

Plano de aula 8 – 2 h/a (31/10 – Terça-feira – 8:45 às 10:15)

Tema: Análise linguística

1. Objetivo Geral

- Reconhecer aspectos composicionais da narrativa, aplicados à refacção da *fanfiction*, com base na análise da própria produção.

2. Objetivos Específicos

- Identificar, com base na análise da 1ª versão da *fanfiction*, a presença de elementos estruturais da narrativa;
- Reconhecer o papel dos elementos anafóricos na manutenção da coerência do enredo;
- Reconhecer o papel dos verbos e dos adjuntos adverbiais na construção dos esquemas espaço-temporais em uma narrativa;
- Reconhecer o papel dos adjetivos e das locuções adjetivas na construção de cenários e personagens em uma narrativa.
- Desenvolver a habilidade leitora por meio da ida à biblioteca para leitura-fruição de contos pré-selecionados;

3. Conhecimentos trabalhados

- Aspectos composicionais da narrativa;
- Elementos anafóricos na manutenção da coerência do enredo;
- Marcas de construção de cenários e personagens nas narrativas;
- Marcas de tempo e espaço na construção de narrativas;
- Marcas de narrador e efeitos de sentido na construção de narrativas;
- Escolha autônoma dos livros.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo estimado
No início da aula, o estagiário-professor responsável pela aula chamará os alunos ao quadro para a correção da atividade realizada na aula anterior. As respostas apresentadas pelos alunos servirão de mote para a discussão sobre os elementos linguísticos que explicitam e expressam os elementos da narrativa, como marca de 1ª e 3ª pessoa para o narrador, tempos verbais para descrição de lugares, cenários, personagens e para narração de acontecimentos, marcas das falas das personagens, discurso direto e indireto.	20 minutos

Após a correção, a turma será dividida em grupos para a realização de uma atividade lúdica. A atividade consistirá numa competição entre duas equipes, que deverão responder a “X” rodadas de perguntas. Um aluno de cada equipe terá a chance de ir ao quadro e a resposta certa receberá pontuação (caso os dois acertem, ambas as equipes pontuam). Os alunos não terão material de consulta, por isso deverão estudar em casa para a realização da atividade.	25 minutos
Na segunda aula, a turma se deslocará para a biblioteca, onde os alunos realizarão a leitura-fruição de contos pré-selecionados. Caso sintam-se seguros, os alunos poderão procurar por livros de contos nas prateleiras da biblioteca.	45 minutos

5. Recursos didáticos

- Quadro branco
- Canetão
- Caderno, lápis e borracha
- Livros de contos
- Atividade lúdica.

6. Avaliação

Para a avaliação dos alunos, será considerada a adequação das respostas do exercício, a desenvoltura e compreensão dos conceitos no jogo e a escolha autônoma de livros. A participação, por meio da realização da atividade da aula anterior, da ida ao quadro, e do envolvimento demonstrado na aula de leitura também serão avaliados. Ainda, serão considerados os questionamentos levantados durante a aula.

7. Referências

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras: ALB, 1996.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

8. Anexos

Anexo 1 – Atividade lúdica

Pensamos aqui em elaborar um jogo com os alunos, dividindo-os em equipes, para relembrar os conceitos trabalhados de forma mais dinâmica, como, por exemplo, pedir que algum grupo explique determinada categoria e dê um exemplo, ou ler um trecho de um conto e pedir para que identifiquem determinado elemento. As perguntas seriam feitas pensando nos contos já trabalhados, só que eles não teriam material de consulta, o que possibilitaria a nós avaliarmos a atenção que eles tiverem ao longo das aulas.

Conto lido: “Peixe para Eulália”, de Mia Couto

- 1 - Quem é o autor do conto?
- 2 - Qual é o tipo de narrador?
- 3 - Quantos personagens têm o conto?
- 4 - Quem são as personagens do conto?
- 5 - Qual o elemento fantástico da narrativa?
- 6 - Qual o nome da aldeia em que o conto se passa?
- 7 - No seguinte trecho “(...)” a quem o pronome “ela” está se referindo?
- 8 - Escreva três adjetivos utilizados para caracterizar Eulália.
- 9 - Qual o tempo verbal da narrativa? Escreva três verbos como exemplo.
- 10 - Qual é a situação inicial da história? E qual a situação final?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EEB Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar
Estagiária responsável pela aula: Jéssica Domingos Mariano
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Sétimo ano Turma: 1

Plano de aula 9 – 2 h/a (06/11 – Segunda-feira – 9:30 às 11:15)

Tema: Reescrita da *fanfiction*

1. Objetivo Geral

- Reescrever a 1ª versão da *fanfiction*, tendo em vista os conhecimentos das aulas de análise linguística e a indicação dos estagiários-professores, de modo a melhor adequar ao gênero e às normas da escrita formal da Língua Portuguesa.

2. Objetivos Específicos

- Empregar adequadamente os elementos da estrutura narrativa, como tempo, espaço, enredo, narrador e personagens;
- Escrever a 2ª versão da *fanfiction*, considerando sua função social, esfera e suporte de circulação, assim como a forma de composição;
- Empregar corretamente sinais de pontuação, elementos anafóricos e tempos verbais, considerando as indicações dos estagiários-professores;
- Aprimorar a habilidade de escrita no gênero *fanfiction*, pela reescrita da 1ª versão.

3. Conhecimentos trabalhados

- Elementos anafóricos na manutenção da coerência do enredo;
- Marcas de construção de cenários e personagens nas narrativas;
- Marcas de tempo e espaço na construção de narrativas;
- Marcas de narrador (foco narrativo) e efeitos de sentido na construção de narrativas;
- Pontuação (vírgulas, dois pontos, ponto e vírgula e travessão);
- Elementos da estrutura narrativa: narrador, tempo e espaço, personagem e enredo;
- Gênero *fanfiction*: função social, esfera de circulação, forma de composição;
- Escrita da 2ª versão de uma *fanfiction*.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo estimado
O primeiro momento da aula será destinado à reescrita das <i>fanfictions</i> . Para isso, o estagiário-professor responsável pela aula relembrará os	45 minutos

aspectos que devem ser considerados para uma boa produção. Durante o período em que os alunos estiverem escrevendo, os estagiários-professores estarão disponíveis para auxiliá-los em suas dúvidas.	
Intervalo	15 minutos
Após o intervalo, os alunos continuarão a atividade de reescrita. Conforme os alunos forem terminando a reescrita, os estagiários-professores entregarão um questionário para a autoavaliação e avaliação das aulas ministradas.	45 minutos

5. Recursos didáticos

- Quadro branco
- Canetão
- Caderno, lápis e borracha
- 1ª e 2ª versão da fanfiction
- Questionário de autoavaliação.

6. Avaliação

Para a avaliação dos alunos, será considerada a participação, por meio da atenção dispensada às explicações iniciais, o preenchimento da autoavaliação e a reescrita da produção, considerando os avanços da 2ª versão em relação à 1ª versão. A reescritura da *fanfiction* constituirá, também, uma nota somativa para o bimestre.

7. Referências

AGUIAR, E. C. **O conto fantástico e a fanfiction nas aulas de língua portuguesa: uma experiência com leitura e produção de textos multimodais**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. O professor como leitor do texto do aluno. In: MARTINS, M. H. (Org.). **Questões de linguagem**. São Paulo: Editora Contexto, 1991. p. 47-53.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

Anexo 2 – *Fanfictions* lidas pelos alunos para aprofundamento do gênero tendo em vista a reescrita.

Vingança e Perdão - Capítulo 1

Escrita por: ~xHasashi

Postado em 06/07/2016 19:54

Categorias Mortal Kombat

Personagens Bi-Han (NoobSaibot), HanzoHasashi (Scorpion), Kuai Liang (Sub-Zero)

Tags Mortal Kombat, Scorpion, Sub Zero

NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 12 ANOS

Gêneros: Ação, Ficção, Luta

Avisos: Linguagem Imprópria, Tortura, Violência

Capítulo 1 - Capítulo Único

Os dias no Shirai Ryu são calmos, desde que tudo se resolveu de alguma forma. Ainda sinto pelo sangue derramado injustamente pelas minhas mãos, de certa forma paguei o preço por minhas escolhas ruins e a manipulação que fui submetido. A vingança, a raiva e o ódio só deturpam minhas escolhas, das quais carrego as consequências como um guerreiro honrado, um ninja.

Por muito tempo acreditei que pagar sangue com sangue aliviaria as feridas de minha alma, mas sinto que me enganei: Elas apenas ganharam novas dores e ficaram cada vez mais expostas. A morte de meus inimigos não trouxe minha família de volta, infelizmente. Me reconciliei com o Lin Kuei e acabei com a maldita guerra de clãs, tão inútil quanto o ódio que sentia da pessoa errada.

Shinnok, Quan Chi, Shao Kahn: Mortos. Não havia mais nada o que fazer, apenas rezar aos Deuses que a Exoterra ou qualquer outro inimigo não se levante, mas ao menos: Agora o Plano Terreno pode ser protegido, como deveria.

Olho pela minha janela e vejo jovens empolgados treinando as coisas que ensinei, alguns deles me lembram de meu filho; Satochi dizia que um dia seria o grande Mestre Shirai Ryu, me questionava do porquê dessas guerras sem sentidos. Ele era sábio, mesmo com sua pouca idade. A pureza de seu coração me fazia enxergar o mundo de outras formas.

Uma carta chegou até o Shirai Ryu, trazida diretamente de Takeda; meu aprendiz e posso considerar de certa forma, um filho. Abri a carta sem demora e mal pude acreditar nas palavras que estavam ali.

Apesar das várias coisas ditas, apenas uma coisa me chamava atenção e fazia minha garganta se revirar em nós: *Bi-Han estava vivo*. A letra aparentava ser de Kuai Liang, que me chamou para fazer uma visita ao templo Lin Kuei naquela tarde.

Fui para o banheiro de meu quarto, tomei um banho demorando enquanto pensava se realmente estava preparado para tal confronto. Engraçado, um ninja e guerreiro como eu preocupado com uma mera conversa...

Coloquei minhas vestes, as de um Mestre e representante de um clã. O Shirai Ryu é minha casa, meu lar e minha família. Jurei proteger e ensinar o que poderia para todos que quiserem fazer parte com dignidade.

Não poderia ter pensado alguém melhor para me acompanhar, se não Takeda. Ele esteve presente desde o momento que o clã caiu pela segunda vez. De certa forma, foi quem me libertou do Scorpion. Nós dois partimos por um enorme portal, não demorou para chegarmos até o Lin Kuei. Cumprimentei alguns dos ninjas; Kuai Liang reergueu seu clã de maneira honrada e justa, seria um tolo em não reconhecer isso.

Entrei calmamente acompanhado do Takeda, vi Kuai Liang do lado de fora do Templo em frente a uma grande estátua com seu irmão, de cabeças baixas; acredito que estavam agradecendo pelo que havia acontecido.

Ambos olharam em minha direção, caminharam calmamente até mim.

- Mestre Hasashi. – Kuai Liang fez um pequeno gesto com a cabeça. – Takeda. – O vi sorrindo para o jovem ao meu lado.

- Grão-Mestre -Takeda respondeu com educação.

- Kuai Liang, Bi-Han. – Disse estendendo minha mão para um cumprimento, primeiro para Liang e depois para o irmão.

- Fico grato de ter aceitado o convite de meu irmão, Mestre Hasashi. – Bi-Han começou a falar. – Eu gostaria de conversar com você a sós, se você me permite.

- Tudo bem. – Respondi. Ele apontou a direção de dentro do templo.

Caminhamos em silêncio para o lugar indicado, o mesmo que já era tão familiar a mim: O lugar aonde estava os restos de Sektor.

- Meu irmão me disse que você se livrou o Scorpion. De certa forma, nunca fui um homem digno e honrado. Meu passado é tão sujo quanto o sangue que derramei, incluindo o de sua família. Quan Chi pode tê-lo enganado se passando por mim, mas por anos alimentei essa briga de clãs. Achava que você era apenas um homem que não aceitava a tragédia de sua família.

- Eu tenho as minhas mãos manchadas com seu sangue, Bi-Han. – Respirei fundo – O matei injustamente, isso sempre foi contra as minhas convicções e a honra que sempre achei ter. Me arrependo de não ter escutado minha alma que ainda insistia em ter um pouco de humanidade.

- Nós dois temos muito em comum, Hanzo. Ambos fomos reduzidos a um espectro com convicções próprias que nos fizeram meras marionetes. Não me orgulho do que fiz como Noob. Mas em vida, ao contrário de você, não fui um homem honrado. Todo ódio, amargura e ser tão indigno me fizeram aquele monstro.

- Eu devo o devido perdão a você, Bi-Han. Eu te matei porque pensei que a culpa da morte da minha família fosse sua. Jamais teria te assassinado injustamente se soubesse das mentiras de Quan Chi.

- Eu também fui uma marionete por muito tempo, Hanzo. Não há nada para perdoar.

Apenas peço que nossos clãs prossigam aliados, hoje vejo que tudo que fiz em vida foi errado e indigno. Não pretendo cometer os mesmos erros novamente.

- Não iremos, Bi-Han. – Fiz um pequeno cumprimento com a cabeça e uma saudação.

- **Aliados?**

- **Aliados.**

Duelo De Raposa - Capítulo 1

Escrita por: ~DarthDolly

Postado em 26/04/2016 23:24

Categorias Naruto, The Seven Deadly Sins (Nanatsu no Taizai), Yu Yu Hakusho

Personagens Ban, Kurama (Kyuubi), KuramaYouko

NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 12 ANOS

Gêneros: Ação, Aventura, Crossover, Luta

Avisos: Violência

Capítulo 1 - O Encontro

A Raposa De Nove Caudas estava atacando o próspero Reino de Lionês, Estava destruindo cidades e vilas, Nenhum Paladino conseguia conter o poder dela.

Foi posto uma recompensa de 10 milhão de moedas de ouro sobre a cabeça da Nove Caudas, Ban dos 7 Pecados Capitais ficou interessado na recompensa e foi atrás da Raposa.

Um demônio disfarçado como um homem ruivo chamado KuramaYouko também foi atrás da Raposa, A Nova Caudas estava atacando a cidade de Byzel quando Ban a confrontou.

-Você é a minha pressa, Raposinha!

Nove Caudas atacou Ban com suas garras aranhando Ban e jogando ele para uma montanha ao longe que com o impacto, foi destruída, em meio aos restos da montanha, Ban levantou-se e gritou:

-É SÓ ISSO QUE VOCÊ TEM?

KuramaYouko observa de longe a luta, Estudando os movimentos da Raposa, Após ouvir o grito de Ban, A Raposa carregou uma Bijuudama e atirou nele.

Houve uma grande explosão, Ban foi parar a 3 km da cidade e chegou a hora de Kurama entrar em ação, Kurama pulou em direção a cidade e confrontou a Raposa.

Kurama atacou a Raposa com o seu Laço, Os ataques não surtiram muito efeito, Após uma serie de ataques consecutivos, Kurama nota que ataques sem energia não farão efeito.

Kurama começa a jogar uma serie de bolas de energia espiritual na Raposa, Após uma série de ataques com energia, Kurama joga uma de suas sementes na Raposa.

A Nove Caudas começou a se sentir estranha, ate que vários espinhos perfurassem sua pele de dentro pra fora. A Nove Caudas estava Morta.

Goodbye, Marcy - Capítulo 1

Escrita por: ~JakeYagami

Postado em 21/02/2017 00:13

Categorias **Hora de Aventura**

Personagens **Marceline, Rei Gelado**

LIVRE PARA TODOS OS PÚBLICOS

Gêneros: **Drama (Tragédia), Fantasia**

Capítulo 1 - I Remember You

Aquele lugar jazia em um silêncio gélido.

Era a primeira vez que visitava o Reino desde que Simon partira. O Reino se tornara frio e vazio, não passando de um Iceberg colossal, desprovido de beleza. O único barulho que se ouvia era o som cortante do ventos gelados, uivando através das montanhas, lamentando a perda de seu rei.

Na abertura triangular, que um dia fora a única passagem para seu "castelo", se via, sobre a mesa, o único objeto remanescente de sua existência. Brilhando friamente, a Coroa esperava, de forma convidativa, alguém para despoja-la. O que, com sorte, jamais aconteceria.

Ainda estava perplexa por sua decisão de se livrar da magia, mesmo sabendo dos efeitos que teria. Ninguém esperava isso vindo dele. Pelo menos eu não esperava.

- Então é isso. - Murmurei para mim mesma. - Esse era o seu grande plano.

Fitei, frustrada, o grande cômodo vazio. O brilhante Simon se fora, deixando nada além de um reino congelado. Sem lágrimas, sem despedidas. Apenas o duro e impiedoso frio.

Não devia ter vindo.

Flutuei a caminho da janela, dando um última olhada para trás.

- Adeus, Simon. - Me despedi.

Entretanto, um pequeno reflexo me chamou a atenção...

Encoberto por uma enorme camada de gelo, sua bateria reluzia sob a fraca luz do recinto. Era incrível como o sol se espelhava montanha adentro, iluminando seu interior.

- Será que eu...

Olhei ao redor, como que pedindo permissão. Não... É claro que não me precisava. Não depois de tudo.

Quebrei a barreira com facilidade, desfazendo-a com um estrondo de vidro estilhaçado, que ecoou pela salão. Em minha frente, seu instrumento preferido me trazia à memória aquele dia perturbador, a canção ainda fixada em meu cérebro.

- "Quando não lembrar de você". - Alisei um dos pratos, lembrando do final da música; a última vez que nos conectamos. - Parece que é sua vez de ser esquecido, amigo.

Precisava sair dali, mas não sabia como. Algo parecia simplesmente não estar certo. Sentei-me no pequeno banco de apoio e peguei as baquetas, largadas no chão. Dei uma pequeno toque no surdo.

- Um aviso seria legal. - Sussurrei, dando outra batida. - Ou um recado estúpido dos seus pinguins.

Dei mais uma pancada, aumentando a intensidade, assim como minha voz.

- Ou quem sabe um adeus. - Batuquei, descontando minha frustração no objeto. - Mas tudo o que você me deu foi esse maldito silêncio!

Mal percebia e já estava gritando, tocando a bateria com uma força além da necessária. Logo ela se partiu, desmontando no chão com um último baque ensurdecedor.

- Mas que droga! - Dou minha última tacada, chutando tudo para longe, os olhos escorrendo de raiva. - Tudo nesse lugar tem que ser uma porcaria?!

Assisti-a se espatifar, deixando para trás um rolo de papel enrolado. A contragosto o peguei. Nada além de uma antiga sinfonia, rasurada de cima a baixo.

- É claro que ele iria...

Calei-me. Desta vez não era apenas mais uma de suas maluquices ou fanfics sobre "Fiona". Era justamente aquilo que eu estava procurando, escrito com uma caligrafia rápida e desajeitada. Sua despedida...

" Querida Marcy

Espero que algum dia possa me perdoar por ter ido assim desse jeito. Acredite, estou partindo com uma imensa dor no peito.

Tentei te contatar, mas era covarde de mais para te contar. Além do mais, sei que não me deixaria tomar essa decisão.

A magia não mais me manterá vivo ou terá controle sobre mim novamente. Pela última vez poderei ser eu mesmo, sem uma névoa de loucura em minha mente.

Depois de mais de mil anos vivendo como estranhos, posso finalmente te dizer, que tudo que fiz, Marceline, não foi por mim. Foi por você.

O rei de coração gelado se despede da rainha dos imortais, deixando como legadonada além de um inverno eterno para trás.

Mas se em seu coração achar um espaço para me perdoar, minha jornada terá valido a pena. Sempre te guardarei comigo, Marcy, a minha pequena. "

Apertei suas últimas palavras contra o peito, me sentindo quente pra primeira vez desde que adentrara aquele local. Sabia que ele não havia me esquecido.

Eu te perdôo, Simon... E eu sempre me lembrarei de você.

Assel - Capítulo 1

Escrita por: ~HyllianRobot

Postado em 23/07/2017 22:39

Categorias **Originais**

Personagens **Personagens Originais**

Tags **Angel, Assel, Power, School**

LIVRE PARA TODOS OS PÚBLICOS

Gêneros: **Ação, Aventura, Colegial, Escolar, Fantasia, Ficção, Ficção Científica, Luta, Magia, Universo Alternativo**

Capítulo 1 - Caos da Definição

Oi! Me chamo Akira, e quero lhes contar uma história que aconteceu comigo e com minha amiga.

Era para ser um dia normal de seminários na escola, alguns grupos se apresentaram, logo era nossa vez. Assel e eu começamos a apresentação, mas algo nos interrompeu, veio primeiramente uma espécie de sombra, a sala escureceu bastante, embora a luz estivesse acesa, pois era uma espécie de aura, não era algo comum. Em seguida, podemos perceber a presença de uma coisa que, com certeza, não pertencia ao nosso mundo, essa coisa se parecia bastante com uma nave. E por qual motivo teria uma nave sobrevoando a escola? Bem, eu não sabia a resposta exata, porém consegui deduzir o que se passava.

Começaram a descer daquela "nave" uns seres que me pareciam familiar, ainda que eu nunca os tivesse visto, Assel sempre me contava muitas coisas, então provavelmente ela já havia me falado deles. Assel e eu não demos bola para aquilo, pois não contávamos com o pior, os seres começaram a invadir a escola, especificamente, a nossa sala de aula, junto a eles, havia um líder, o mesmo foi em direção a Assel.

[Lorde da escuridão]: Em nome do mestre supremo, terei que levá-la para nossa terra.

[Assel]: O que?! Eu não posso ir! Eu não fiz nada!

[Lorde da escuridão]: Então serei obrigado a levar a força.

[Assel]: Não se movam do lugar, estes seres são de outra dimensão, eles estão atrás de mim...

[Akira]: E por que? Acho que já é hora de contar a verdade...

Assel olhou para mim, eu acenei com a cabeça para que fizesse o que pedi.

[Assel]: Certo... Bom, eu não sou um ser humano, isto é um disfarce, sou um anjo enviado pelo mestre celestial, para proteger uma pessoa em específico...

Parte da sala caiu na gargalhada, alguns pareciam acreditar no que foi dito e expressavam espanto. Descontente com a reação da turma, Assel deu evidência às suas asas de anjo, aqueles que não levaram à sério o comentário acabaram se chocando após o feito.

Logo, Assel contou em detalhes o que precisavam saber, tudo estava esclarecido.

A nave ainda sobrevoava o pátio da escola, eis que surgiram mais três seres, porém desta vez eram anjos da luz, assim como Assel. Um deles veio em direção à ela.

[Azharriel]: Este lugar está um caos! O que você fez, Assel?!

[Assel]: Eu juro que não fiz nada! Eu realmente não sei por que esses caras apareceram aqui!

Enquanto Azhariel e os outros dois anjos tentavam resolver a situação, mais soldados da escuridão surgiram, eles pareciam se multiplicar rapidamente. Seguindo a última aparição, surgiu uma espécie de luz amarelada na mesma direção da qual os anjos vieram, aos poucos ia sobressaindo um ser de asas douradas, não me restavam dúvidas, era o mestre celestial, o caos era tão absurdo que resultou na vinda dele.

Assel foi vê-lo e lhe disse o que estava acontecendo, o mestre apenas olhou em direção ao lorde da escuridão e desapareceu, Assel havia entendido, queria que ela resolvesse tudo sozinha.

Sendo assim, ela foi conversar com o lorde da escuridão, que propôs um duelo.

O duelo foi longo até que, finalmente, Assel venceu.

[Lorde da escuridão]: Você demonstrou confiança ao aceitar o duelo, vencendo, não há mais nada que eu possa fazer aqui... Você pode ficar.

[Assel]: Então... Tudo não passou de um teste?

[Lorde da escuridão]: Exato.

O lorde da escuridão virou as costas e voltou para sua nave, os soldados que estavam feridos sumiram.

Após tudo, Assel finalmente pode voltar a viver normalmente no mundo dos humanos, ainda que todos soubessem a verdade.

Uma conversa entre vilões - Capítulo 1

Escrita por: ~LadySmoak

Postado em 14/04/2016 18:18

Categorias **Devil May Cry, Resident Evil**

Personagens **Albert Wesker, Vergil**

Tags **Devil May Cry, Resident Evil**

NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 10 ANOS

Gêneros: **Comédia, Crossover**

Capítulo 1 - Capítulo Único

Era uma sala rústica, com um tapete no centro dela; com duas cadeiras, uma de frente para a outra. Nela, um homem jovem com os cabelos brancos e um homem loiro com olhos escuros estavam conversando e saboreando uma bebida, em frente a lareira acesa que os aquecia. Os homens que conversavam se chamavam Vergil Sparda e Albert Wesker.

Os dois tinham muita coisa em comum. Além de serem propriedade da Capcom, ambos eram fascinados por poder. Um queria obter o mesmo poder que seu pai demônio, e outro queria ter o direito de ser um deus. Cada um desejava poder em seu universo, porque se pertencessem ao mesmo mundo, não estariam tão pacíficos um com o outro.

Mas o foco daquela conversa era outro. Eles não falavam sobre poder. Mas sim sobre outra coisa que tinham em comum: Ambos tinham filhos. Filhos com os quais, os dois homens nunca nem ao menos tinham convivido. Quando souberam da existência desses "filhos"; bem; eles não eram como os pais esperavam.

- Ele tem o meu sangue. Tem a minha espada; e tudo com que ele se preocupou, foi com uma garota o jogo inteiro!- Vergil, com toda sua compostura, lamentava.- Como aquele garoto não honra o próprio pai, indo atrás de mais poder!?

- Pelo menos o seu filho não age como um imbecil.- Wesker disse em um tom de decepção. - Tudo o que meu filho fez foi correr o jogo inteiro de um monstro, ao lado de uma menina que queria o sangue dele para uma vacina. E ainda por cima de tudo, ao encontrar o homem que matou seu próprio pai, aquele acéfalo apenas deu um tiro de raspão na cara do desgraçado, disse uma frase tosca e voltou a fugir com a garota. Que tipo de filho de vilão, não vinga a morte do próprio pai!?

- As vezes quando vejo ele tenho vontade de voltar. Voltar e ensinar para ele como um filho de demônio se comporta. Aquele menino infelizmente se parece mais com o tio dele do que com seu próprio pai!- Vergil dizia em quanto bebia sua bebida.

- O meu filho é só um projeto de mercenário. Ele consegue agir pior do que as pessoas que me mataram. Age que nem um Bad Boy, mas no fundo, é só um retardado metido. Ao ver ele, tenho vontade de voltar para acabar com a raça dele. Mesmo que seja meu filho, aquilo não me representa nem um pouco!

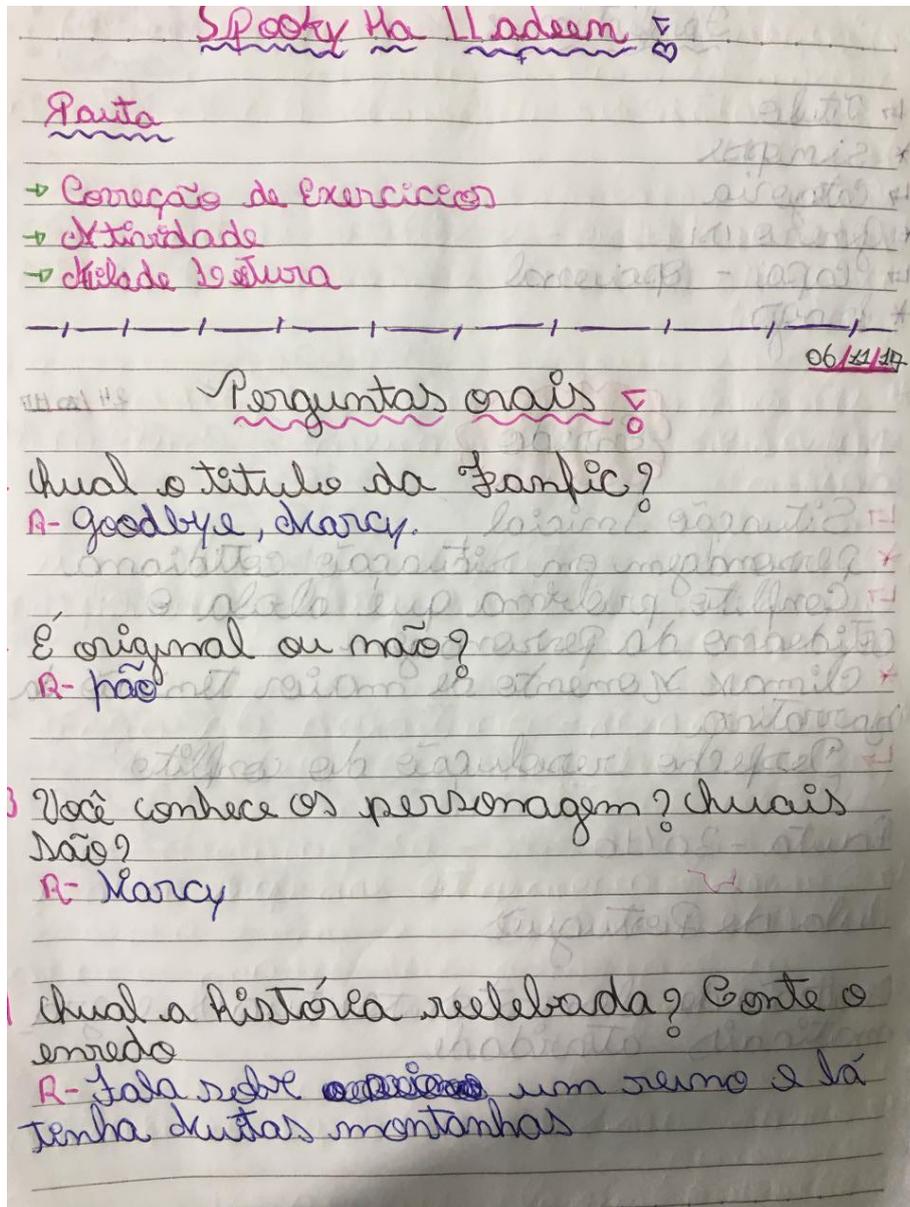
- Voltar... Será se um dia isso nos será permitido? Fui revivido em uma versão especial de Devil May Cry 4, mas foi somente isso. Eu gostaria muito de voltar... Ver meu irmão, e conseguir mais poder... Aposto que alguns de meus fãs iriam gostar. Pena que isso não é possível.

- Eu entrei em um mod de Resident Evil 0. Mas não é canônica minha participação. Eu gostaria muito de voltar também. Muitos de meus fãs sentem minha falta e não acreditam na minha morte. E o direito de ser um deus, ainda pertence a mim. Sabe o que é interessante? Poucas pessoas gostaram do meu filho, e muitas pessoas querem minha volta... Então... Porque não me mandam de volta ao meu universo!?

-Porque você pertence à Capcom.-Vergil disse como se fosse óbvio-E ninguém consegue entender como as franquias dela andam tão ruins.E nem vou entrar no mérito de falar de Street Fighter e do abandono do Megamen... Sei lá o que se passa na cabeça destes homens...

Os dois homens continuaram a conversar, desta vez sobre coisas que fizeram contra seus inimigos, e o que gostariam de ter feito enquanto personagens vivos. Acreditem, esse era só mais um dia normal na geladeira da Capcom.

Anexo 3 – Respostas ao roteiro de leitura de *fanfictions*



Perguntas orais

1- Qual o título da fanfic?

R: Vingança e Perdão

2- é original ou não?

R: Não

3- Você conhece os personagens? quais são

R: TAKEDA, KUNO LIANG, BI-RUN, SUB-ZERO
SCORPION

4- Qual a história resumida

R: MORTAL-KOMBAT

5- Conte o enredo.

R: ~~o~~ conta que eles faz um conflito

~~o~~
 ENREDO ESTÁ BEM ESTRUTURADO?
 IDENTIFIQUE SITUAÇÃO INICIAL, CONFLITO,
 CLÍMAX E SITUAÇÃO FINAL!

Anexo 3 – Momento da reescrita



Anexo 4 - Fanfictions reescritas

O outro lado do universo

Em um planeta muito distante havia um homem treinando, neste mundo só tinha montanhas, árvores e lá no planeta chamado Gótica, Goku olhava todos os dias pra lá até que ele pensou em ir viajar para aquele planeta.

Passaram horas, até que ele chegou, lá ele não viu nada apenas uma nave milha estava escrito A.P. Ele foi mais perto ir lá ver vai aparecer uma garota ela perguntou:

- Quem é você?

- Goku filho de Bardock pai dos saiyãs. Mas que é você que vive neste mundo sem nada e ninguém?

- Meu nome é Arieli.

Estou a procura do meu pai chamado Piccolo. A 2 anos eu e meu pai vivíamos do outro lado do universo BUUMM eles ficaram espantados foram olhar pro céu e o sol estava vindo em sua direção até que morreram.

FIM

① Espadachim

9,5

Em um mundo antigo, onde existiam vários e vários monstros um jovem espadachim e aventureiro, havia acabado de terminar seu treinamento especial contra essas criaturas, malignas, e nome de seu futuro herói era Ifuri. Quando ele estava no caminho de sua vila, um aventureiro se deparei com uma fumaça estranha, saindo de meio de uma floresta, então o jovem, saiu correndo para ver o que estava acontecendo. Ao chegar mais perto, ele percebeu que não se tratava de um incêndio comum, era um ataque de monstros de uma classe não muito baixa em algumas dessas regiões. Depois de ajudar algumas pessoas que ali moravam, Ifuri, derrotou os monstros, eles estavam prestes a destruir uma família. Então, ele tirou uma espada de sua cintura, era uma espada com um poder mágico muito poderoso, sua lâmina brilhava como uma estrela e sua guarda era totalmente negra, logo depois o espadachim saiu correndo e gritou:

- Deixem essas pessoas em PAZ!!!

E ele pulou em cima de um monstro, e com um golpe partiu a criatura ao meio...

As outras criaturas tentaram e tentaram derrotar Ifuri, mas todas morreram sem causar dano sério ao jovem e poderoso espadachim.

- Muito obrigado meu jovem, você salvou o nosso família! - agradeceu o homem saindo apressado.

- Não foi nada. - respondeu Ifuri.

- Qual é o seu nome?

- Meu nome é Ifuri. E o seu?

- Meu nome é Cassius.

No fim, a família levou o seu abrigo por um escondido onde os aventureiros estavam chegando, todos os aventureiros chegaram com o ponto para os aventureiros e o poderim foi que os jovens não era uma pessoa muito comum. Ele carregava um corcovo longo e vermelho com um copo preto, além disso seu rosto tinha uma cicatriz que atravessava seu olho e mais algumas cicatrizes nas mãos. De repente houve um estouro lá fora eles saíram para ver o que era, e lá estava um grande bando de monstros, então o líder dos aventureiros gritou:

- Corram! Voltem para o escondido!

Todos obedeceram e voltaram para seu abrigo o mais rápido que podiam. As estruturas já tinham chegado e por alguns instantes tudo ficou quieto, mas de repente eles começaram a correr até seu abrigo, alguns não fez nada até um deles pulou um círculo. Depois de um tempo todos já estavam mortos menos o poderim só que ele estava diferente seus olhos estavam vermelhos como sangue. Era o poder do seu poder o nome desse poder era "Alma de demônio", ele precisou usar porque os monstros eram muito fortes, só que os jovens não demorou totalmente a técnica. Então ele ficou louco e começou a matar todos os aventureiros e depois foi embora com um olhar vazio, pois ele sabia que isso não aconteceria mais usou o poder mesmo assim.

80

OS TRÊS IRMÃOS

Em uma comunidade muito distante havia os três irmãos Norberto, Zé Pequeno e Picule. Norberto era o mais velho, Zé Pequeno era o do meio e Picule era o mais novo.

Em um certo dia eles construíram cada um uma casa. O Norberto construiu uma casa que era de tijolo, Zé Pequeno construiu uma casa de madeira e Picule construiu uma casa de palha. Em um dia muito quente eles foram na praia e encontraram três mulheres que respocharavam suas mães sabendo que eram mãezada dos deuses de merende que a mãe deles eram a Rubinha, Sabia e Matrugação eles ficaram sabendo que o Norberto, Zé Pequeno e Picule também nomearam as suas mãezadas.

Em uma noite muito escura fizeram uma guerra Rubinha, Sabia e Matrugação entre o Norberto, Zé Pequeno e Picule. Foi muito bom de guerra mas Picule não resistiu e o Norberto e Zé Pequeno ficaram com as suas mãezadas e matou os três Norberto e Zé Pequeno ficaram com as mãezadas viveram felizes Para sempre

F.M

Biblo e et!

Pablo, um etzimho amigavel, carente que vivia sozinho.

Como de ficar Biblo decidiu ir sair de seu planeta e ir para o planeta vizinho.

Chegando na terra, Pablo ficou surpreso com tantas belezas naturais que tinha no planeta.

3 dias depois a chegada dele na terra Pablo resolveu sair de seu esconderijo e sair pelo rio. Quando se escondendo, ouvindo o barulho dos arbustos, ele não viu mas havia uma menina que ia vir ele escondido, e começou a gritar.

-Um et, um et, aaaa...

O et ficou tão chateado, pelo menino ter medo dele que voltou para o esconderijo e a menina correu para casa contou para a sua mãe o que aconteceu.

2 dias passado o et Pablo resolveu voltar para a cidade, mais escondido e claro.

E de novo apareceram ele só que dessa vez o et não se escondeu, resolveu se mostrar para todos, ele viu a menina que ficou com medo e foi até ela...

-Ei, pode ficar tranquiha não vou machucá-la.

A menina parou e respondeu

-Você não está mentindo me-?

Ele respondeu

- Não, pode confiar

Então assim eles começaram uma amizade que ninguém apreciava, por ele ser um elf e ela um ser humano.

Os anos passaram, e um por um a intimidade com o outro, os parentes e vizinhos não gostaram muito desse convívio e rejeitou ele.

E assim eles provaram a todos que não importa o que aconteça, caso algum tiver que ser feito, faça a escolha certa, a sua lhe dá seu coração.

Fim.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EEB Hilda Teodoro Vieira
Professor regente da disciplina: Evimárcio da Cunha Aguiar
Estagiária responsável pela aula: Jéssica Domingos Mariano
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: Sétimo ano – Turma: 1

Plano de aula 10 – 2 h/a (07/11 – Terça-feira – 8:45 às 10:15)

Tema: Socialização da produção dos alunos.

1. Objetivo Geral

- Socializar as produções realizadas e as experiências vivenciadas durante o período de atuação dos estagiários-professores.

2. Objetivos Específicos

- Publicar as *fanfictions* em sua esfera de circulação, tendo em consideração os aspectos composicionais do gênero e o suporte;
- Ler e comentar as *fanfictions* produzidas pelos colegas no *site* Spirits;
- Compartilhar as experiências vivenciadas ao longo do desenvolvimento das aulas relativas à implementação do projeto de docência “O processo de autoria: da leitura de contos fantásticos à produção de *fanfictions*”.

3. Conhecimentos trabalhados

- Gênero *fanfiction* em sua esfera da atividade humana;
- Leitura-fruição de *fanfictions*;
- Respeito ao outro e a suas produções.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo estimado
Na primeira aula, os estagiários de docência levarão os alunos até a sala de informática, para que eles possam publicar suas <i>fanfictions</i> nos <i>sites</i> onde esse gênero circula. Terminada a publicação, os alunos poderão acessar as produções de seus colegas.	50 minutos
Após o intervalo, os estagiários de docência premiarão o autor da melhor <i>fanfiction</i> com um livro.	5 minutos
Atividades realizadas, poderá ser feito o encerramento do projeto. Nesse momento, os estagiários-professores agradecerão à turma pelo período de realização das aulas.	10 minutos
Em seguida, os alunos receberão de volta as atividades que realizaram no bimestre.	5 minutos

Por fim, será realizada uma cerimônia de confraternização, momento em que alunos e estagiários conversarão sobre suas vivências.	20 minutos
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------

5. Recursos didáticos

- Quadro branco
- Canetão
- Laboratório de informática com computadores conectados à internet

6. Avaliação

Para a avaliação dos alunos, será considerada a participação, por meio da publicação das *fanfictions*, da leitura efetiva, atenta e respeitosa das produções dos colegas e da troca de experiências sobre o estágio.

7. Referências

AGUIAR, E. C. **O conto fantástico e a fanfiction nas aulas de língua portuguesa**: uma experiência com leitura e produção de textos multimodais. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

Anexo 1 – Roteiros de leitura preenchidos

EEB Hilda Teodoro Vieira
 Professor regente da disciplina: Evandro da Cunha Aguiar
 Estagiário-professores: Elton da Silva Rodrigues e Jessica Domingos Mariano
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Ano: Sétimo ano – Turma: J
 Aluno(a): _____

Título	Autor	Narrador (Quem conta a história participa ou não?)	Personagem	Enredo (O que acontece no texto?)	Quando	Onde	Elemento Fantástico
FITA-VERDE NO CABELO	SÓFIA GUIMARÃES ROSA	NÃO PARTICIPA	FITA-VERDE AVO	CONTINUA COM UM TÊNIS E VEM VISITANDO O	—	NO CORO DA ONÇA	—
Um karibona autântico	Clayton C. Moura	Não Participa	SOBRIJEM KARIBONA	ELA UM QUE NOME VEM DO FANTASMA	—	PARTE DAS DE LOUDES	KARIBONISMO
Os três caribonas	UM TIO BERTO	Não Participa	ASTROLOGIA SUECINO SASSONIANO	ELAS VIVEM A DIFERENÇA ENTRE	—	PARTE DA PARTE	MÁCIAS
ÁRIA DO VELHO DO RESTELO DO AUSTRIANO	JOSÉ SERRA	Não Participa	NÃO TEM	RESSONS RESPONDO	1960	RESTELO	—
A MEDALHA	LYGIA FREGUES	Não Participa	ABRILINHA	ACONTECE VEM ABRILINHA	—	NO ABOA	—
O gato Profeta	Adlam Paul	Participa	gato, sobre homem	O gato é que ajuda a fazer a vida	—	CARA	gato
STAR VS A FORÇA DO MAL	—	Não Participa	STAR, sobre o ludo em	é que ajuda a fazer a vida	—	MEU TIO TERA	Vozinha mágica.

EEB Hilda Teodoro Vieira
 Professor regente da disciplina: Evamário da Cunha Aguiar
 Estagiário-professores: Elton da Silva Rodrigues e Jessica Domingos Mariano
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Ano: Setimo ano - Turma: 1
 Aluno(a): _____

O Rei não que não
 consegue de uma vez
 e pode participar o poder
 com o Reino Purific.

Titulo	Autor	Narrador (Quem conta a história participa ou não?)	Personagem	Enredo (O que acontece no texto?)	Quando	Onde	Elemento Fantástico
A OPINIÃO em PALÁCIO	ORLEANS de ANDRÉ	ELE NÃO PARTICIPA	Rei o Reino seus filhos			NO PALÁCIO e na rua	NÃO TEM nenhum
CASA TAVANNA	ALCANTARA COSTA Mendes	ELE PARTICIPA	Rei o Reino seus filhos			EM MARQUE em casa	TEM SIM O município
OS 3 AULADOURA	UMBERTO de RUY	ELE NÃO PARTICIPA	os 3 AULADOURA município			EM MARQUE em casa	TEM SIM O município
PAU DE VENTO DO RETOLOHO ANTONIO	JOSE de ALMEIDA	ELE PARTICIPA	PAU DE VENTO município			EM MARQUE em casa	NÃO TEM nenhum
A MENALHA	LYGIA FAGUNDES	NÃO PARTICIPA	ADRIANA ROMA				NÃO TEM
1 GATO PRETO PRETO	ERIKO de ALMEIDA	ELE PARTICIPA	o gato a mulher e os animais		1893	NA CASA	O GATO gigante
Dialgio medicava		ELE PARTICIPA	o gato a mulher e os animais		205-1893	NA CASA	O GATO gigante

ASO TAVANNA
 O GATO PRETO / O ENREDO
 O PRONOME ALICHA MATOU O GATO
 ANFOTERONA MULHER E NO
 FIM ATE OS POLICIAIS FORM A CASA
 E O CORPO DA ESPUSA CAIU NA SOBR

ELA QUE O CENAL GOSTA DE DIA
 MIGN E QUE ELAS QUANTAS AS LARANJAS
 DE FICAVO E ANOJAVO

EEB Hilda Teodoro Vieira
 Professor regente da disciplina: Evmarcio da Cunha Aguiar
 Estagiário-professores: Eliou da Silva Rodrigues e Jessica Domingos Mariano
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Ano: Séptimo ano - Turma 1
 Aluno(a)

Titulo	Autor	Narrador	Personagem	Enredo	Quando	Onde	Elemento Fantástico
A OPINIÃO EM PALACIO	CARLOS DUMMOUD DE AUDEBERT	Não participa	REI, ESCURVALIS DE MÃO NEGRA	O REI OCIDI O PRINCEPE E O PRINCEPE FUGIU	Não fala	CRISTELO	+
UM FANTASMA AUTÊNTICO	KHOMBS CARLYLE	Não participa	SCHANDOR E PROTRAYTH	ERA UM NOVO GATO QUE FALAVA FANTASMAS	Não fala	DETRORADO DE LINDOES	SEM O FANTASMA
OS IRMÃOS ASTRONAUTAS	UM BÉATICO E CO	Não participa	OS ESTROFOTURAS MACRITIO E SORRUBANIS	ELIS VIVIA E DIRIGIA A E MACHINETA	Não fala	PRINCEPE E MARIET	SEM O MACHINETA (COMO TER) NÃO TEM
HAJA DO VELHO DO RESTRICAO DO TRERETUM	SOSÉ GUARIMCO	Não participa	INOCEN	POSSUI UM GATO QUE FALAVA COM O	1960	RESTRICAO	+
O VERÃO DO TONITE	KAYEIRO BUKY	Não participa	CAIANINHAS DONDE DESM	ELIS E BUKY NAM VE	1999	QUIL	NÃO FALA
O GATO PRETO	ALAN	Participa	O GATO E DO SENHOR A ESCOLA	O GATO MORAG	—	CASA	GATO
Os três Sinos	HENRIQUE SILVA	Não participa	PARUTE DE PEQUENO PICULO	OS DONOS DO MORAG MORAG MORAG	1	NA PRATA ENQUANTO	+

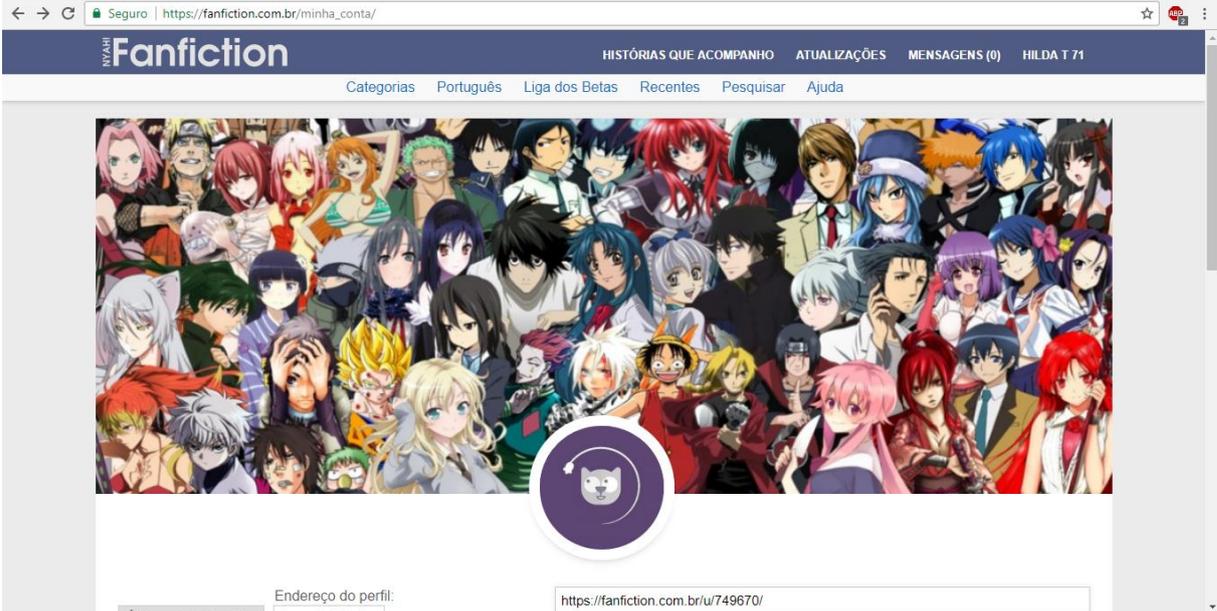
Professor regente da disciplina: Evimarco da Cunha Aguiar
 Estagiário-professores: Elton da Silva Rodrigues e Jessica Domingos Mariano
 Disciplina: Língua Portuguesa
 Ano: Sétimo ano – Turma: 1
 Aluno(a): _____

Titulo	Autor	Narrador (Quem conta a história participa ou não?)	Personagem	Erelo (O que acontece no texto?)	Quando	Onde	Elemento Fantástico
Fantasia num sentido amplo.	I. A. IRELAND	não participa.	meço e Anomim.	Quem possuiu a informação mas não participou de seu uso.	—	num quarto em uma sala.	meço que desapareceu.
Personagens que não são reais.	Romuald Murnasvuku	não participa.	Rege, Osmingo, Gato	O meço não sabia quem ele era, ele não sabia quem ele era, ele não sabia quem ele era.	—	na sala, e no quarto.	não tem.
Os dois autômatos	Numberto E. So	não participa.	Chun, ruvo, alvoro e mureca	meço que está na sala, e não sabe quem ele é.	há cerca de 60.	no espaço em meço.	meço.
Fala do velho do jardim	José Sacramento	não participa.	Automata.	Automata que não sabe quem é.	—	fora do quarto.	não tem.
O avô de Anom Fraznek	Anom Fraznek	Participa	Corpo, Imã e Amulphrek	A avô de Anom Fraznek que não sabe quem ele é.	há cerca de 1400	Estados Unidos	não tem.
Precurador de Papan	—	não participa	Juizinho	meço que não sabe quem ele é.	1400	Em Portugal	não tem
Os mistérios dos fenômenos como a terceira.	—	Não	Automata, Anomim, Automata, Automata	meço que não sabe quem ele é.	há cerca de 1400	Em Portugal	Automata, Automata.

para o espaço
 vá com o
 Automata.

Vic
 Luciano
 Romã

Anexo 2 – Print da página em que as *fanfictions* foram publicadas

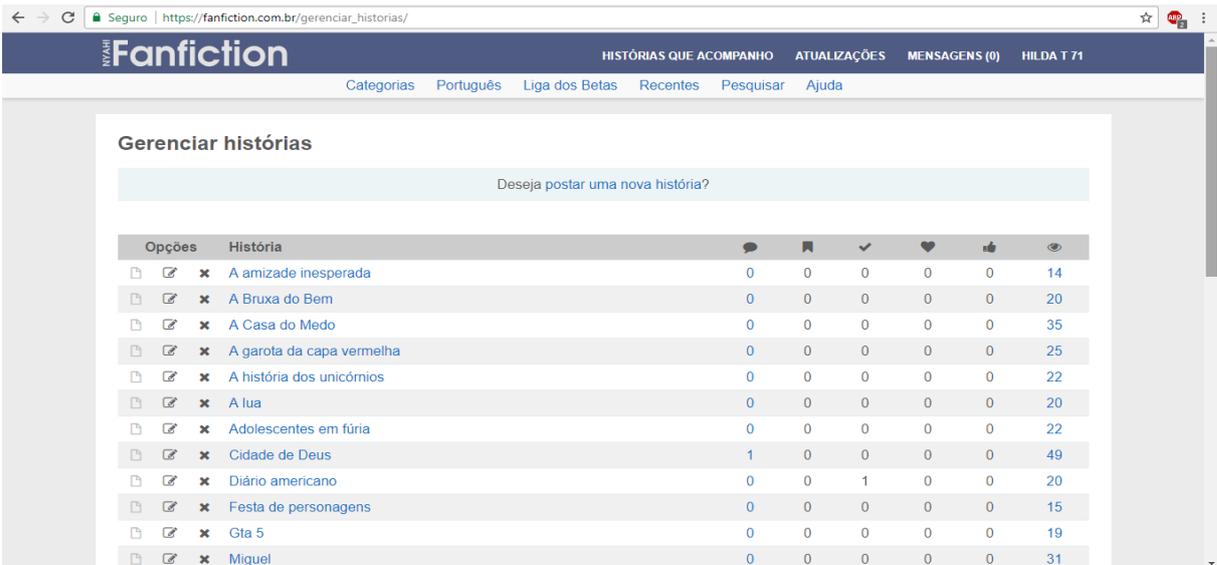


Seguro | https://fanfiction.com.br/minha_conta/

Fanfiction HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO ATUALIZAÇÕES MENSAGENS (0) HILDA T 71

[Categorias](#) [Português](#) [Liga dos Betas](#) [Recentes](#) [Pesquisar](#) [Ajuda](#)

Endereço do perfil: <https://fanfiction.com.br/u/749670/>



Seguro | https://fanfiction.com.br/gerenciar_historias/

Fanfiction HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO ATUALIZAÇÕES MENSAGENS (0) HILDA T 71

[Categorias](#) [Português](#) [Liga dos Betas](#) [Recentes](#) [Pesquisar](#) [Ajuda](#)

Gerenciar histórias

Deseja postar uma nova história?

Opções	História	🗨️	🔖	✓	❤️	👍	👁️
<input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>	A amizade inesperada	0	0	0	0	0	14
<input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>	A Bruxa do Bem	0	0	0	0	0	20
<input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>	A Casa do Medo	0	0	0	0	0	35
<input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>	A garota da capa vermelha	0	0	0	0	0	25
<input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>	A história dos unicórnios	0	0	0	0	0	22
<input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>	A lua	0	0	0	0	0	20
<input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>	Adolescentes em fúria	0	0	0	0	0	22
<input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>	Cidade de Deus	1	0	0	0	0	49
<input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>	Diário americano	0	0	1	0	0	20
<input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>	Festa de personagens	0	0	0	0	0	15
<input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>	Gta 5	0	0	0	0	0	19
<input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>	Miguel	0	0	0	0	0	31

O espadachim escrita por Hilda T 71

[Comentários]



Capítulo 1
Capítulo 1

Opções da História

[Denunciar](#)

[Versão para Impressão](#)

[Recomendar esta história](#)

[Adicionar a história aos favoritos](#)

[Adicionar autor\(a\) aos favoritos](#)

[Editar história](#)

[Editar capítulo](#)

Em um mundo antigo, onde existiam vários e vários monstros, um jovem espadachim e aventureiro, havia acabado de terminar seu treinamento especial contra essas criaturas malignas. O nome desse futuro herói era Yuri. Quando ele estava a caminho de sua vila, o aventureiro se deparou com uma fumaça estranha saindo do meio de uma floresta. Então, o jovem saiu correndo para ver o que estava acontecendo. Ao chegar mais perto, ele percebeu que não se tratava de um incêndio comum, era um ataque monstros, de uma classe não muito baixa, em algumas casas daquela região. Depois de ajudar algumas pessoas que ali moravam, Yuri avistou os monstros. Eles estavam prestes a devorar uma família. Então, ele tirou uma espada da sua bainha, era uma espada com um poder mágico muito poderoso, sua lâmina brilhava como uma estrela e sua guarda era totalmente negra. Logo depois, o espadachim saiu correndo e gritou:

— Deixem essas pessoas em PAZ!!!

Ele pulou em cima de um monstro, e com um golpe partiu a criatura ao meio. As outras criaturas tentaram e tentaram derrotar Yuri, mas todos morreram sem causar dano sério ao jovem e poderoso espadachim.

Sério ao jovem e poderoso espadachim:

— Muito obrigado, meu jovem, você salvou nossa família! — agradeceu o homem ainda apavorado.

— Não foi nada — respondeu Yuri.

— Qual é o seu nome?

— Meu nome é Yuri. E o seu?

— Meu nome é Cassius.

No fim, a família levou o seu salvador para o esconderijo onde os outros moradores estavam. Chegando lá, todos os moradores olharam com espanto para o aventureiro e espadachim, já que o jovem não era uma pessoa muito comum. Ele carregava uma armadura cinza e vermelha, com uma capa preta, além disso, seu rosto tinha uma cicatriz que atravessava seu olho e mais algumas cicatrizes nas mãos. De repente, houve um estrondo lá fora, eles saíram para ver o que era, e lá estava uma grande horda de monstros. Então, o líder dos moradores gritou:

— Corram! Voltem para o esconderijo!

Todos obedeceram e voltaram para seu abrigo o mais rápido que podiam. As criaturas já tinham chegado e, por alguns instantes, tudo ficou quieto, mas de repente eles começaram a correr até seu alvo. Yuri não fez nada até um deles pular em cima dele. Depois de um tempo, todos já estavam mortos, menos o espadachim. Só que ele estava diferente: seus olhos estavam vermelhos como sangue. Era o poder da sua espada. O nome desse poder era "Alma de demônio", ele precisou usar porque os monstros eram muito fortes, só que o jovem não dominava totalmente essa técnica. Então ele ficou louco e começou a matar todos os moradores e depois foi embora com uma dor no coração, pois ele sabia que isso ia acontecer, mas usou o poder mesmo assim.

Cidade de Deus escrita por Hilda T 71

[Comentários]



Capítulo 1
Capítulo 1

Certo dia, o Goku, o Kuririn e o Gohan apareceram na Cidade de Deus querendo comandar o morro. Então o Zé Pequeno e o Cenoura não os deixaram comandar o morro, mas os três insistiram, e então começou uma guerra.

Porém, como o Zé Pequeno e o Cenoura eram inimigos, eles também começaram uma guerra.

Todos estavam se matando, só dava para ouvir o barulho dos tiros e muitas pessoas caindo baleadas no chão. Goku, Kuririn e Gohan estava matando muitos traficantes, mas então apareceu o Sabiá e o RB para ajudar os três.

Os cinco estavam matando muitos, e estavam fazendo tudo isso por uma simples coisa: comandar o morro. Mas então chegou a polícia e o negócio esquentou. A polícia estava matando traficantes, e os cinco estavam matando os policiais e os traficantes.

Mas então chegou o Piccolo e começou a matar um por um, até que sobrou o Piccolo e os cinco, que eram RB, Sabiá, Goku, Kuririn e Gohan.

Porém, Piccolo era muito forte e matou todos os cinco.

Opções da História

[Denunciar](#)

[Versão para Impressão](#)

[Recomendar esta história](#)

[Adicionar a história aos favoritos](#)

[Adicionar autor\(a\) aos favoritos](#)

[Editar história](#)

[Editar capítulo](#)

Anexo 3 – Comentário em uma das *fanfictions* publicadas



The screenshot shows a web browser displaying a fanfiction website. The header features the 'Nyah! Fanfiction' logo and navigation links for 'HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO', 'ATUALIZAÇÕES', 'MENSAGENS (0)', and 'HILDA T 71'. Below the header, there are links for 'Categorias', 'Português', 'Liga dos Betas', 'Recentes', 'Pesquisar', and 'Ajuda'. The main content area is titled 'Comentários em Cidade de Deus' and includes a dropdown menu for 'Ver todos os comentários'. A comment by user 'Consuela' is visible, dated '10/11/2017 às 01:24' in 'Capítulo 1', with options to '[Excluir]' or '[Responder]'. The comment text is 'Jajajajaja adorei, pena que foi só isso, escreve mais fanfics assim. Bjs'. To the right, a 'Controle Parental' box states that the site does not display stories classified as +18 and provides a link to 'controleparental.fanfiction.com.br'. The footer contains 'Nossas regras' (Terms de Uso, Regras de Postagem), a disclaimer: 'Todas as histórias são de responsabilidade de seus respectivos autores. Não nos responsabilizamos pelo material aqui contido.', and 'Nyah! Fanfiction' (Suporte, Imprensa).

Nyah! Fanfiction
HISTÓRIAS QUE ACOMPANHO ATUALIZAÇÕES MENSAGENS (0) HILDA T 71

Categorias Português Liga dos Betas Recentes Pesquisar Ajuda

Comentários em Cidade de Deus

Ver todos os comentários

 **Consuela**
10/11/2017 às 01:24 • Capítulo 1 [Excluir] [Responder]

★ Jajajajaja adorei, pena que foi só isso, escreve mais fanfics assim.
Bjs

Controle Parental

Por padrão o site não exibe histórias classificadas como +18. Para alterar suas opções de exibição, acesse controleparental.fanfiction.com.br

Nossas regras
Termos de Uso
Regras de Postagem

Todas as histórias são de responsabilidade de seus respectivos autores. Não nos responsabilizamos pelo material aqui contido.

Nyah! Fanfiction
Suporte
Imprensa

2. 3. ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL

2. 3. 1. Relato das aulas

Primeiro encontro, 2 de outubro

Ao chegarmos na sala de aula, o professor de português da turma tomou a palavra para explicar que começaríamos nosso período de docência na turma. Após sua fala, a professora orientadora afirmou para a classe que esse era um período muito importante e que precisaríamos da colaboração de cada um deles para que tudo desse certo. No momento seguinte, explicamos nossa proposta de estágio e entregamos as pastas com os textos para os alunos. Essas pastas, contendo os textos e atividades, seriam entregues aos alunos a cada início de aula e recolhidas no final, formando o portfólio dos alunos. Dois alunos haviam sido transferidos nesse mesmo dia, portanto não tínhamos pastas para eles, mas tínhamos cópias dos textos para entregar-lhes.

Em seguida, a estagiária-professora leu o texto de apresentação, redigido sob a forma de conto para introduzir os alunos ao tema do projeto, que foi explicado em seguida. Terminada a explicação do projeto de docência, o estagiário-professor responsável pela aula fez uma pequena introdução sobre os autores dos contos que seriam lidos na sequência. Os alunos perguntaram se leriam textos diferentes e explicamos que sim.

O momento de leitura foi bastante silencioso, o que foi uma surpresa, devido ao comportamento da turma durante o período de observação. As aulas de segunda-feira são divididas pelo recreio, o que fez com que os alunos estivessem mais agitados e demorassem um pouco a chegar na sala na segunda aula. Durante o recreio, organizamos as carteiras em círculo para que eles pudessem socializar as leituras. O momento do preenchimento do roteiro de leitura, que consistia em uma tabela na qual os alunos anotariam informações como autor, enredo, tempo e espaço da narrativa de cada texto lido, visando a apropriação desses elementos para escrita da *fanfiction*, foi menos silencioso do que a leitura, mas todos os alunos participaram. Alguns deles apresentaram dificuldades, principalmente com “final para um conto fantástico”.

Chegada a hora da socialização, muitos alunos responderam às perguntas, mas se recusaram a falar sobre o conto, talvez pela forma como falamos, perguntando quem queria falar sobre ao invés de enfatizar que era parte da avaliação. O estagiário-professor, então, fez um pequeno resumo de cada conto, para que os outros alunos pudessem conhecê-los. Terminada a socialização, foi feita a correção oral da atividade. Os alunos que não

conseguiram completar o roteiro ou apresentaram dificuldades foram orientados a corrigir as suas respostas.

Segundo encontro, 3 de outubro

O início da aula foi um pouco agitado, com os alunos fora da sala de aula, circulando pelos corredores ou próximos à porta. Após a nossa chegada, porém, todos se sentaram e demos início a aula. Primeiramente, a professora estagiária separou os participantes da leitura jogralizada do conto, uma vez que essa leitura era um dos objetivos da aula, que tinha como intuito aproximar os alunos desse gênero. Logo após os participantes terem recebido os textos com suas falas marcadas, a estagiária-professora deu início à leitura como personagem narrador. Os alunos que participaram da leitura do conto demonstraram bastante atenção e leram bem as suas falas, aqueles que não haviam participado como personagens acompanharam a leitura silenciosamente.

Após a leitura jogralizada do conto, os alunos tiraram de suas pastas a atividade de interpretação do conto. Nós então nos distribuímos pela sala de aula auxiliando os alunos em suas possíveis dúvidas. Após a maioria ter finalizado, a estagiária-professora iniciou a correção das respostas oralmente. Os alunos participaram ativamente da correção, socializando suas respostas. Com a correção feita, a estagiária-professora deu início à segunda atividade. Diferentemente do que havíamos planejado, por questão de tempo, os alunos primeiro leram a notícia silenciosamente, mas a compreensão do texto com base em um roteiro de questões previamente elaborado foi realizada oralmente e não por escrito como inicialmente previsto. Aproveitando o ensejo, a estagiária-professora e os alunos discutiram sobre a criminalização do funk, sendo que, ao saber que a proposta não havia sido aceita, a turma vibrou.

Estendendo-se um pouco mais que o planejado, a aula de leitura teve seu início no primeiro quarto da segunda aula. Até a caminhada à biblioteca, o agito voltou, mas logo que todos se assentaram a estagiária-professora pôde iniciar a explicação sobre algumas observações para a escolha de um livro, como prestar atenção no título, no autor, nas informações da quarta capa, das orelhas e da contracapa, utilizando um livro de Edgar Allan Poe como exemplo.

Após a explicação, foram distribuídos os roteiros de leitura para o preenchimento, sendo que alguns alunos conseguiram realizar, enquanto outros que ora liam, ora conversavam não conseguiram finalizar o preenchimento. Por fim, a aula acabou e os alunos foram liberados para o recreio.

Terceiro encontro, 9 de outubro

Logo no início da aula, o professor da disciplina avisou que não poderia ficar para acompanhar a aula. Essa notícia deixou os alunos um pouco agitados, mas isso não interferiu no decorrer da aula. O estagiário-professor responsável pela aula organizou a turma para formar um círculo com as carteiras, com o objetivo de iniciar a contação do conto *Os três astronautas*, de Umberto Eco. A pauta do dia foi colocada no quadro e a contação ocorreu sem problemas, contando com a atenção dos alunos. Após a leitura, o estagiário-professor propôs uma discussão sobre diversidade e respeito, na qual os alunos ouviram com atenção, mas sem fazer muitos comentários. Os alunos tiveram, então, um tempo para preencher o roteiro de leitura com informações do conto. Após o preenchimento do roteiro, o professor fez a declamação do poema “Fala do velho do restelo ao astronauta”, de Saramago, e debateu com os alunos os temas presentes no texto.

Nossa intenção inicial era realizar a leitura do conto e a declamação do poema para depois fazer as atividades relativas a ambos. Contudo, após conversar com a professora orientadora e repensar a aula, decidimos dividir as leituras e suas respectivas atividades, realizando a correção no final da aula.

A declamação do poema, a discussão subsequente e a atividade correspondente correram bem, com uma participação maior dos alunos se comparada à discussão anterior. Terminada a atividade, foi realizada a correção no quadro, para a qual diversos alunos se ofereceram. A proposta seguinte foi a leitura de um conto de Rubem Alves, cujo final havia sido suprimido, e a criação de um novo final, com o acréscimo de um elemento fantástico. Para a realização dessa atividade, a estagiária-professora acompanhou um dos alunos, que tem déficit cognitivo, enquanto o estagiário-professor responsável pela aula percorria a sala ajudando os outros. Inicialmente, os alunos se desanimaram com a ideia de escrever, mas após o início da atividade, a grande maioria se envolveu na atividade, elaborando finais muito criativos, sendo que poucos não inseriram o elemento fantástico, que era o objetivo da atividade.

Quarto encontro, 16 de outubro

Logo que chegamos à sala de aula, uma aluna se ofereceu para distribuir as pastas contendo os textos; enquanto isso, passamos a pauta do dia no quadro. Após os alunos estarem organizados e munidos dos materiais para a aula, o estagiário-professor escreveu, no quadro, definições resumidas dos conceitos trabalhados até o momento (autor, narrador,

personagem, enredo). Alertamos os alunos sobre a necessidade de anotar o conteúdo no caderno, para que este servisse de consulta nas próximas aulas, mas alguns deles ainda perguntaram se “precisava copiar”.

A cada conceito colocado no quadro, o estagiário-professor perguntava à turma o que entendiam daquilo e pedia por exemplos. A participação da turma foi efetiva, embora esperássemos por mais envolvimento.

Antes do início da aula e durante o recreio, a estagiária-professora foi até a sala de informática da escola para abrir os navegadores nos sites onde comumente postam-se *fanfictions*. Após o recreio, os alunos se encaminharam até essa sala e sentaram-se em duplas e trios para conhecerem os *sites* e lerem algumas *fanfictions*, com o objetivo de se aproximar do gênero. Antes de iniciarem a leitura, o estagiário-professor fez uma pequena introdução sobre o que eram as *fanfictions* e onde elas se encontram, além de mencionar o famoso exemplo da saga *Cinquenta tons de cinza*, que teve seu início como uma *fanfiction* da saga *Crepúsculo*. Apesar das dificuldades técnicas, como a velocidade da *internet* e os poucos computadores, alguns dos quais não funcionavam, cada aluno conseguiu ler pelo menos um texto. No decorrer da atividade, consideramos necessário orientar sobre alguns subgêneros de *fanfictions* que possuíam cenas eróticas explícitas; para evitar esses textos, os alunos deveriam atentar se o campo “gênero” possuía palavras como *hentai*, *yaoi*, *yuri*, *lemon*, e respeitar a classificação indicativa. Por fim, o estagiário-professor ainda procurou discutir as diferenças e as similaridades das *fanfictions* com os contos fantásticos.

Quinto encontro, 17 de outubro

A aula teve seu início com a estagiária-professora retomando o conceito de *fanfiction* e escrevendo no quadro as suas características. Alguns alunos copiaram, outros em vez de copiar mantinham conversas paralelas. Após finalizar as anotações, a estagiária-professora começou a explicação, que teve a atenção dos alunos. Ao fim da explicação, os alunos que ainda tinham alguma dúvida fizeram perguntas pertinentes.

Na hora da instrução para a elaboração da primeira versão da *fanfiction*, os alunos ficaram em silêncio. Novamente, algumas dúvidas surgiram, mas após as respostas da estagiária-professora, os alunos deram início à escrita. Alguns alunos começaram a escrever rapidamente, enquanto outros apresentavam alguma dificuldade em começar. Após o início da atividade, a sala ficou em silêncio por algum tempo, até que, com a finalização da produção por alguns alunos, conversas começaram a surgir.

Ao final da aula, a grande maioria já havia terminado, apenas alguns alunos não conseguiram terminar e tiveram a oportunidade durante a aula prevista para reescrita.

Sexto encontro, 23 de outubro

Nessa aula, não pudemos proceder conforme o planejamento, devido à nova data escolhida para o conselho de classe, que ocorreria a partir do recreio, deixando-nos apenas com uma das aulas. Portanto, ao invés de realizar as atividades previstas no plano de aula 6, acabamos inserindo uma aula de leitura na biblioteca. A aula que daríamos nesse dia foi transferida, de modo que o projeto se cumprisse e que não houvesse prejuízo para os alunos. Apesar do imprevisto, tudo correu bem, levamos os alunos para a biblioteca, onde eles leram livros de contos lá disponíveis e levados pelos estagiários-professores e pela professora orientadora. Os contos lidos deveriam ser registrados no roteiro de leitura.

Sétimo encontro, 24 de outubro

O início da aula foi um pouco agitado, mas após a chegada dos estagiário-professores e a organização da turma em círculo, a estagiária-professora iniciou a leitura do conto “Passeio noturno (parte I)”. Os alunos prestaram atenção e, finalizada a leitura, aluno por aluno foi lendo o final escrito para o conto. Poucos se recusaram a ler por conta da timidez, mas aqueles que não haviam ido no dia em que a atividade havia sido dada leram o final dos colegas que se recusaram a ler.

Após a salva de palmas, a professora-estagiária começou a passar no quadro a matéria sobre enredo e suas partes constituintes enquanto os alunos copiavam. Finalizada a cópia pela maioria da turma, a professora deu início à explicação das categorias (situação inicial, conflito, clímax e situação final) com exemplos, sendo que esses exemplos às vezes eram sugeridos pelos próprios alunos com base nos contos lidos.

Com o fim da explicação, todos se dirigiram à Sala de Cidadania para a exibição do curta-metragem “Vincent”, a fim de que os alunos relacionassem os aspectos narrativos e os recursos utilizados no conto e no curta-metragem. De início, a turma ficou um pouco agitada, mas aos poucos todos silenciaram para assistir ao curta. Todos prestaram atenção na animação, porém enquanto alguns assistiam silenciosamente, outros faziam comentários sobre as cenas. Após a exibição a estagiária-professora deu início à leitura da adaptação do conto “O gato preto”, de Edgar Allan Poe, presente no livro didático. Poucos alunos haviam trazido o livro, portanto, alguns puderam acompanhar a leitura com o texto, enquanto outros tiveram que prestar bastante atenção.

Finalizada a leitura, os alunos tiveram um tempo para preencher os roteiros de leitura. Enquanto isso, a estagiária-professora fez circular seu livro de contos escritos por Poe. Por fim, a estagiária-professora discutiu com os alunos os recursos utilizados em um audiovisual e os que se fazem presentes na escrita, dando dicas para a reescrita das *fanfictions*. Como o sinal para o intervalo tocou antes de a estagiária-professora terminar, o estagiário-professor teve que intervir, pedir para os alunos se sentarem e acompanharem o fim da explicação. Por fim, eles foram liberados para o intervalo.

Oitavo encontro, 24 de outubro

A primeira coisa que fizemos ao chegar na sala foi instalar o projetor, pois a aula seria de análise linguística com base nas necessidades evidenciadas na 1ª versão da fanfiction produzida em aulas anteriores e havíamos elaborado slides com o conteúdo e exemplos das produções deles, de forma a facilitar a compreensão. O estagiário-professor explicou o conteúdo dos *slides*, que versavam sobre o uso de pronomes para manutenção da narrativa sem repetições, adjetivos e advérbios para descrição de personagens e criação de cenários, tempos verbais para narração e descrição, o uso de conectivos para evitar marcas de oralidade etc.

Cada questão linguística era explicada e ilustrada com um exemplo retirado dos textos dos alunos, acompanhado de uma sugestão de melhora. Antes, contudo, de mostrar a sugestão, pedíamos que os alunos contribuíssem, ao que eles corresponderam. É curioso notar que tomamos as devidas precauções para não identificar os autores dos trechos destacados, para que não houvesse nenhuma situação de constrangimento, mas os próprios alunos fizeram questão de destacar quando os textos lhes pertenciam. Interpretamos esse comportamento de maneira positiva, como indicador de que os alunos de fato estavam assumindo a autoria de seus textos.

A parte expositiva da aula acabou apenas depois do recreio. Terminado esse momento, o estagiário professor leu os enunciados de uma atividade elaborada com base nas questões linguísticas analisadas que os alunos realizariam a seguir, visando tirar possíveis dúvidas. Caminhamos pela sala enquanto os alunos respondiam às questões, ajudando quem apresentasse dificuldades e verificando a participação de todos. Por se tratar de uma atividade com muitas questões, à qual não foi destinada uma aula cheia, boa parte dos alunos não conseguiu terminá-la. Deixamos que eles levassem a folha com os exercícios para casa, com a condição de que não perdessem e trouxessem-nos resolvidos na aula seguinte.

Nono encontro, 31 de outubro

Essa aula também foi destinada à análise linguística. Os alunos que levaram os exercícios para casa não os trouxeram resolvidos — alguns alegaram ter atividades da disciplina de ciências para entregar —, portanto disponibilizamos mais dez minutos para a finalização. Nesse meio tempo, corrigimos as atividades dos alunos que já haviam terminado. Em seguida, realizamos a correção dos exercícios, atividade da qual os alunos participaram bem, voluntariando-se para ir ao quadro. Embora um dos alunos falasse bastante a aula inteira, a turma, no geral, mostrou-se tranquila e participativa, com os focos de conversa paralela comuns.

No segundo momento da aula, realizamos uma leitura jogralizada de um conto de Mia Couto, primeira etapa da atividade lúdica planejada para a aula, que consistia em responder perguntas sobre categorias narrativas presentes no conto lido. Um integrante de cada equipe se dirigia ao quadro e escrevia sua resposta, e a equipe com a resposta certa pontuava. Quatro alunos participaram como personagens e os demais deveriam acompanhar a leitura do texto silenciosamente, porém duas alunas demonstram não prestar nenhuma atenção. Depois da leitura, pedimos à turma que se dividisse em dois grandes grupos para a realização de uma atividade lúdica de retomada de conteúdo. Precisamos operar alguns ajustes em sua organização, para que os grupos ficassem com um número semelhante de alunos.

A turma se mostrou bastante agitada e envolvida com a atividade, contudo apenas uma parte de cada grupo participou efetivamente, talvez devido ao número de pessoas ou ao fato de não gostarem de trabalhar com determinados colegas. A agitação durante a atividade não foi problema, contudo, após a premiação da equipe vencedora, assim como da outra equipe, os alunos começaram a se postar na porta e a pegar as mochilas para sair. O estagiário-professor precisou ser um pouco mais enérgico para estabilizar a turma, destacando que a aula ainda não havia acabado.

Ele explicou que naquela data eram comemoradas três coisas diferentes: no exterior, o Halloween; no Brasil, o dia do Saci; e, para nós, alunos de letras, comemorava-se o dia de Drummond. Por esse motivo, explicou que levamos para eles uma pequena lembrança, constituída por um pirulito de halloween e por um poema do autor mineiro. Após termos entregado os pirulitos, pedimos aos alunos que lessem os poemas recebidos para os colegas, pois todos estavam com poemas diferentes; alguns alunos leram, depois foram dispensados para o recreio.

Décimo encontro, 06 de novembro

Essa aula não havia sido planejada, tanto que deveria ser a aula da socialização das *fanfictions*, no entanto, com a alteração da data do conselho de classe e por conta de alguns apontamentos do professor regente da disciplina, que considerou a aula de leitura na sala de informática insuficiente para a apropriação do gênero por parte dos alunos, elaboramos uma aula para que os alunos tivessem mais contato com as *fanfictions* antes da reescrita. A aula foi um pouco agitada no início, houve problema na formação de grupos, já pré-selecionados pelos contos divididos nas pastas. Cinco *fanfictions* selecionadas pela estagiária-professora no site *Spirit* foram colocadas nas pastas dos alunos, sendo que os alunos deveriam se organizar em grupo considerando o texto que estava na sua pasta, que possibilitou a formação de cinco grupos. Com a recusa de um aluno em fazer parte de um grupo e a falta de outros, foi necessário realizar um remanejamento, o que fez com que a turma se agitasse, mas por fim os alunos silenciaram e iniciaram as leituras.

Em um primeiro momento, os alunos realizaram a leitura silenciosa das *fanfictions*, até que, com o término de alguns membros, a turma voltou a ficar agitada. A estagiária-professora então passou algumas perguntas sobre o conteúdo, o universo ficcional e a estrutura das *fanfictions* no quadro e pediu para que os alunos anotassem as perguntas a serem respondidas no caderno, sendo que outras deveriam ser respondidas oralmente, visando a socialização do texto lido.

Após finalizarem a cópia das questões, os alunos iniciaram as respostas, alguns discutindo com seus colegas, outros fazendo sozinhos. Por fim, os eles socializaram as suas respostas, sendo que em cada grupo havia um porta-voz para ler oralmente a resposta das questões.

Décimo primeiro encontro, 7 de novembro

Este encontro foi dedicado à reescrita da 1ª versão das produções textuais dos alunos. A estagiária-professora anunciou que finalmente era chegada a hora de os alunos reescreverem seus textos. Um dos alunos, que perguntou ao longo das últimas aulas quando esse momento chegaria, mostrou-se contente.

Após a turma se acalmar um pouco, a estagiária-professora fez as orientações para a reescrita, alertando para que atentassem aos comentários e anotações na primeira versão da produção e enfatizando que o material disponível nas pastas e no caderno poderiam ser consultados para tirar dúvidas sobre questões mais pontuais. Os alunos envolveram-se bastante com a atividade, embora alguns apenas tenham mudado o que foi apontado na

primeira produção, enquanto outros revisitaram os próprios textos. Houve também o caso de alunos que decidiram mudar de história, começando do zero.

O aluno que esperava pelo momento da reescrita, por não ter terminado seu texto na primeira aula, pedia com frequência sugestões sobre a adequação nas escolhas de falas e trechos. Outro aluno, que havia faltado no dia da primeira produção, escrevera sua *fanfiction* em casa e a entregara na aula anterior. Devido à limitação de tempo, os estagiários-professores fizeram apenas alguns apontamentos antes de devolver o texto para reescrita. Entre os alunos que não escreveram a primeira versão, destaca-se o caso de um aluno que havia faltado várias aulas devido a problemas pessoais, mas agora voltara a frequentar a escola e demonstrou interesse em participar da atividade. Esse aluno decidiu contar sua história, e por isso estava inseguro quanto à socialização, mas garantimos a ele que ninguém seria identificado, o que o levou a aceitar ter o texto publicado.

O estagiário-professor se responsabilizou por olhar os cadernos dos alunos, componente da nota de participação, enquanto sua colega auxiliava os alunos em suas produções. Ao final da aula, todos os alunos entregaram sua versão final, exceto o menino que estivera esperando pela reescrita, que alegou ter pouco tempo para terminar e muito a escrever. Como percebemos seu interesse em terminar a história ao longo das aulas e que seu texto já estava relativamente grande, permitimos que ele terminasse até o final da manhã e entregasse a produção para nossas colegas que realizaram estágio no oitavo ano.

Décimo segundo encontro, 10 de novembro

Após o trabalho realizado ao longo de onze encontros, chegou o dia da socialização das *fanfictions* produzidas pelos alunos. Para que pudéssemos encerrar nossas aulas antes de iniciar as atividades do projeto extraclasse, o encontro aconteceu na sexta-feira, nas aulas de geografia e religião. Num primeiro momento, os estagiários-professores foram à sala de aula e conversaram com os alunos sobre como a aula funcionaria. Após a explicação, todos se dirigiram à sala de informática para realizar a leitura das *fanfictions*.

Diferentemente do planejado, as *fanfictions* foram postadas em uma conta única no site *Nyah! Fanfiction*, por problemas técnicos com relação ao *Spirit* e por problemas com o tempo para fazer uma conta individual. Por conta disso, os alunos não puderam comentar as *fanfictions* de seus colegas, mas se mostraram bastante interessados em ler, comentar e até mesmo postar suas histórias em contas próprias.

Apesar dos problemas técnicos, os alunos conseguiram ler as *fanfictions* postadas, sendo que deveriam escolher uma para finalizar o preenchimento do roteiro de leitura.

Enquanto os alunos liam, uma surpresa aconteceu, tanto para um dos autores quanto para os estagiários-professores, o professor de Língua Portuguesa e a professora orientadora: o aluno havia recebido um comentário de um usuário do *site* que elogiava a sua produção. Contentes pelo resultado do trabalho, continuamos na sala até pouco tempo após o recreio.

Após o retorno à sala, os alunos e os estagiários-professores se reuniram em círculo para fazer uma autoavaliação da prática docente. Muitos se mostraram contentes com o resultado, elogiando o trabalho, ainda que tenha havido um comentário sobre a leitura rápida da estagiária-professora. Além dos alunos, falaram a professora orientadora e o professor regente da disciplina.

Por fim, os estagiários-professores premiaram os alunos que ficaram nas três primeiras posições, sendo que o terceiro lugar (por desempate, cujo critério foi elaboração das atividades) ficou com a coletânea *Medo*: história de terror, da Companhia das Letrinhas, o segundo lugar recebeu um box com *Alice no País das Maravilhas* e *Alice através do espelho*, de Lewis Carroll, e o primeiro lugar ficou com *Contos de imaginação e mistério*, de Edgar Allan Poe. Após a premiação, todos os participantes receberam bombons pela participação e depois todos se serviram com os lanches levados para comemoração.

3. 3. 2. Reflexão sobre a prática pedagógica

Com o término do período de docência, chega o momento em que nos voltamos para analisar nosso fazer pedagógico, visando refletir se cumprimos os objetivos propostos. Como futuros professores, esse processo, no qual teoria e prática são postas lado a lado, é de extrema importância, pois permite que reavaliemos nossas práticas e não caiamos no conformismo.

Para planejarmos as aulas para a docência, após termos acesso ao planejamento do professor e passarmos pelo período de observação, adotamos as concepções de língua como interação e de sujeito historicamente datado e socialmente constituído. Consequentemente, trabalhamos com os gêneros conto fantástico e *fanfiction* numa perspectiva de letramento ideológico, o que orientou a escolha de temas significativos, abordados a partir da tríade leitura, produção e análise linguística, proposta por Geraldí. Visamos, assim, proporcionar aos alunos situações de interação situadas na esfera literária da atividade humana, as quais se dão na e pela língua.

Os momentos de leitura deram-se desde o início do período de docência e estenderam-se até seu término. Foi realizada a leitura de contos, notícia, poema e *fanfictions*, na sala de aula e em outros espaços da escola, como a sala de informática, a biblioteca ou mesmo a sala

de cidadania. Procuramos manter as aulas de leitura previstas no planejamento do professor, mas com algumas alterações que as adequassem às necessidades do projeto, incluindo a leitura de contos e expandindo o espaço de leitura ao ambiente virtual. No questionário realizado no período de observação, percebemos que muitos deles usavam celulares e computadores, mas poucos o faziam para ler, e o contato com as *fanfictions* abriu uma nova possibilidade de uso das tecnologias e mídias para a prática da leitura.

Ao escolher os textos e as atividades relacionadas ao interesse dos alunos, preocupamo-nos em proporcionar momentos de leitura estudo-do-texto (GERALDI, 1993), visando promover uma atitude responsiva do aluno em relação à literatura. Procuramos, também, incentivar a leitura fruição, a partir das visitas à biblioteca e da liberdade e identificação proporcionados pelas *fanfictions*. Tais textos foram selecionados de modo a dialogar com a realidade e interesses dos alunos, como é o caso da notícia sobre a criminalização do funk, cuja leitura provocou uma discussão a respeito dos argumentos apresentados pelo criador do projeto de lei que mobilizou toda a sala.

Em alguns momentos, percebemos que os alunos não responderam como esperado, como é o caso de alunos que se preocuparam mais em procurar as informações para preencher o roteiro do que em efetivamente ler os contos. Contudo, ressaltamos que desenvolver o hábito da leitura é um processo complexo, que envolve as práticas e eventos de letramento que os indivíduos carregam. Além disso, observando essas práticas foi possível perceber como a lógica de proeminência da nota sobre o aprendizado ainda está arraigada na cultura escolar.

Tendo por gêneros orientadores de nossa ação docente o conto fantástico e a *fanfiction*, decidimos focar o trabalho de leitura nos contos e realizar a produção textual de *fanfictions*. Isso porque cremos que o conto, por ser um gênero mais estabelecido na esfera literária, apresentaria textos cuja “[...] leitura permite a exploração das configurações textuais” (GERALDI, 1993, grifos do autor). Durante as aulas, os momentos de leitura foram aqueles em que os alunos mais se mantiveram concentrados, e como resultado, todos conseguiram elaborar produções adequadas ao gênero. Quanto à *fanfiction*, é possível afirmar que sua configuração textual engendrou a participação massiva dos alunos. Além disso, ao trabalhar com esses gêneros, possibilitamos a ampliação de repertório cultural dos alunos, proporcionando o acesso tanto a autores canônicos quanto àqueles cuja obra limita-se a um pequeno público na *internet*.

É característico das *fanfictions* que a faixa etária dos autores concentre-se principalmente na adolescência. Esse fator de identificação, somado à convergência de

interesses, dá ao aluno o que dizer e motivos para dizer. Já a circulação virtual do gênero implica em escrever para leitores reais; desse modo, o indivíduo torna-se autor de sua própria produção. Percebemos a efetivação do sentimento de autoria por parte dos alunos ao vê-los apontando trechos de seus textos durante a análise linguística, ao comentarem com os colegas e ao mostrarem as postagens uns aos outros no momento de socialização.

A produção foi realizada em dois momentos, primeira versão e reescrita, intercalados por aulas de análise linguística. Essas aulas haviam sido apenas parcialmente planejadas antes da docência, uma vez que usaríamos as dificuldades apresentadas pelos alunos para criá-las e preparar os exercícios. Ao lermos os textos escritos pelos alunos, verificamos que elementos dos textos lidos em sala e de suas próprias experiências permeavam suas produções, evidenciando o caráter responsivo do enunciado, conforme explicita Bakhtin ao afirmar que “toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal”.

Quanto à reescrita, apesar dos comentários deixados nas primeiras produções e da retomada de pontos identificados como problemáticos, os alunos apreenderam-na de diferentes maneiras. Alguns textos apresentaram evoluções significativas, principalmente os de dois alunos que plagiaram na primeira versão, mas escreveram histórias autorais posteriormente; outros apenas realizaram as trocas indicadas em comentários ao longo do texto. Para alguns, ainda, a reescrita foi o momento em que puderam realizar sua primeira produção. Por isso, tentamos ser um pouco mais atenciosos com esses alunos, acompanhando e dando indicações enquanto eles produziam.

Ao longo de nosso percurso, pudemos confirmar, também, a importância do planejamento como instrumento do professor. Além de estabelecer um rumo para a aula, o planejamento serve para repensar e avaliar a aula ministrada, pois possibilita verificar se os objetivos foram cumpridos e visualizar quais as melhores estratégias para que estes sejam atingidos. Em nosso período de docência, a avaliação realizada em conjunto com a professora orientadora e por sugestão do professor da turma demonstrou a necessidade do acréscimo de uma aula para a leitura de *fanfictions*, visando a maior apropriação do gênero por parte dos alunos. Tal movimento de repensar as aulas evidencia a importância do planejamento, não só como instrumento norteador, mas como documento que permite a avaliação dos objetivos alcançados e das mudanças necessárias no curso das aulas para que esses objetivos se cumpram.

Como pontos negativos de nossa experiência, podemos destacar as faltas frequentes dos alunos que, devido ao pouco tempo de trabalho, dificultaram o processo de construção de

conhecimento. Os conteúdos das aulas estavam bastante atrelados uns aos outros, portanto cada aula perdida influenciava diretamente nas aulas seguintes. Em alguns momentos, ainda, a turma se mostrou bastante agitada, apresentando um empecilho para a fluência da aula. Contudo, ainda assim é possível afirmar que os objetivos principais deste projeto foram alcançados.

É importante destacar o curso de Letras – Português da UFSC é voltado para o bacharelado, portanto o enfoque dado em grande parte do curso a teorias literárias e teorias linguísticas de núcleo duro muitas vezes não estabelece contato ou se preocupa em criar pontes com o ensino de língua materna. Contudo, ao longo de nossa trajetória acadêmica, alguns professores se mostraram preocupados com a formação de docentes para a educação básica, apresentando-nos teorias que nos auxiliaram na prática docente do estágio e as quais carregaremos durante toda a nossa vida como profissionais da educação.

As diversas teorias que conhecemos nas disciplinas de educação ao longo do curso nos permitiram escolher a concepção que consideramos mais adequada para a nossa prática na escola. Adotamos o sociointeracionismo por acreditarmos que a concepção de língua como interação social permite a realização de um trabalho mais completo, atuando não apenas em conhecimentos gramaticais, mas propiciando uma formação crítica a partir do conhecimento de língua. A escolha de uma concepção teórica influencia, também, na escolha de conteúdos e textos, bem como na forma de abordá-los em sala de aula. Dessa forma, aliando a teoria à prática (o que estava estabelecido no planejamento do professor de Língua Portuguesa), a leitura e o estudo dos gêneros conto fantástico e *fanfiction* se tornaram o meio para a formação de leitores críticos e de alunos que assumem sua autoria.

Cabe ressaltar, também, que mesmo com todo o acesso a teorias pedagógicas e diferentes concepções de educação, a formação de um professor não se limita a suas leituras. A sala de aula, assim como a escola como um todo, são espaços nos quais nos deparamos e entramos em contato com seres humanos complexos e historicizados. Por último, gostaríamos de acrescentar que exercer a prática docente nos moldes da teoria sociointeracionista culmina em ótimos resultados, mas exige tempo, esforço e recursos do professor, tempo este nem sempre disponível, devido à situação que os profissionais da educação enfrentam.

4. A DOCÊNCIA NO PROJETO EXTRACLASSE

3. 1. O PROJETO EXTRACLASSE

3. 1. 1. Introdução

3. 1. 1. 1. Apresentação

Na semana do dia 20 de novembro de 2017 foi celebrada, na instituição em que a turma 08428A do curso de Letras - Português realizou o estágio, a Semana da Consciência Negra. Incluído como efeméride no calendário escolar em 2003, o Dia Nacional da Consciência Negra, celebrado no Brasil dia 20 de novembro, data escolhida por ser o dia atribuído à morte do líder quilombola Zumbi dos Palmares, foi instituído em âmbito nacional mediante a Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011. Fazendo menção à consciência negra, a ocasião foi oportuna para refletir e debater sobre a inserção e as dificuldades de negros na sociedade brasileira ao longo dos séculos. Aproveitando o ensejo, as estagiárias-professoras que estagiaram na Escola de Educação Básica Hilda Teodoro Vieira, cada dupla com seu plano de trabalho, optaram pela temática da consciência negra para o projeto extraclasse, uma das atividades do estágio de docência no ensino fundamental. O projeto extraclasse se configura como o exercício da docência em atividades que ultrapassam a sala de aula e a disciplina de língua portuguesa, em projetos que a escola desenvolve ou a serem criados pelos estagiários, que envolvem o ensino da língua portuguesa, cuja ideia é vivenciar a docência em outros espaços e de outros modos, “quebrando”, um pouco a lógica disciplinar e de anos séries. O projeto teve como objetivo responder a demandas da escola e foi realizado em forma de oficinas que envolveram todos os estagiários-professores do curso de Letras-Português da UFSC e todos os alunos dos anos finais da escola onde foi realizado o estágio de docência, conforme será detalhado na seção de Metodologia.

Desse modo, levando em consideração o evento do calendário escolar, o projeto político-pedagógico da escola e o trabalho com o ensino de língua materna, planejamos a oficina “A contação e a seleção de contos: por uma antologia da consciência negra”. Nosso intuito foi retomar o conto como narrativa oral e gênero da esfera literária que permite o debate e a reflexão sobre temas tão atuais como, por exemplo, o racismo, a xenofobia e o subjugamento de uma etnia que ainda enfrenta diversos problemas sociais, políticos e econômicos no Brasil.

A contação de histórias, muito realizada durante a educação infantil, mas pouco utilizada ao longo do ensino fundamental, é uma prática de suma importância para o ensino de língua portuguesa, uma vez que, constituída pela oralidade, possibilita o trabalho com a escuta e a leitura. O desenvolvimento de habilidades de leitura está relacionado também à seleção dos contos que compõem a antologia, uma vez que os alunos, a partir da atribuição de sentido/valor, escolheram aqueles que lhes pareceram mais pertinentes para refletir o propósito da coletânea, isto é, coletar narrativas capazes de proporcionar a reflexão e o debate sobre a consciência negra.

Ademais, o trabalho com contos possibilitou o seu estudo como gênero da esfera literária, sendo ele narrativa oral ou escrita, de modo que os alunos pela prática da escuta e da leitura puderam perceber sua função social e suas características próprias. Vale ressaltar que o projeto político-pedagógico da escola destaca a diversidade como princípio formativo e, assim, possibilita que se aborde a questão de sujeitos negros. Desse modo, levando em consideração o caráter humanizador da literatura, a leitura e a seleção de contos da literatura africana possibilitou aos alunos o confronto com uma realidade outra, contribuindo não apenas para a habilidade leitora e o estudo do gênero, mas também para a formação humana e cidadã. Assim sendo, a oficina consistiu em os alunos entrarem em contato com textos da literatura africana pela via da escuta e da leitura para, então, selecionarem os que consideraram significativos para constituírem uma coletânea disponibilizada para leitura pelos demais alunos da escola.

3. 1. 1. 2. Justificativa

Em um período em que os casos de racismo se aglomeram por meio de ataques virtuais em redes sociais e haitianos são vítimas de xenofobia, falar sobre a intolerância e incompreensão do outro enquanto ser diferente, ainda que seja um ser humano, é de suma importância. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) abordam, com relação à disciplina de Língua Portuguesa, a possibilidade de ampliação da visão de mundo do adolescente/educando, contribuindo significativamente para sua formação.

A busca de reinterpretação das experiências já vividas e das que passa a viver a partir da ampliação dos espaços de convivência e socialização possibilita ao adolescente a ampliação de sua visão de mundo, na qual se incluem questões de gênero, etnia, origem e possibilidades sociais e a rediscussão de valores que, reinterpretados, passam a constituir sua nova identidade. Desse ponto de vista, a

formação do adolescente implica maior autonomia nas tomadas de decisão e no desempenho de suas atividades. Implica, ainda a partir da nova percepção da realidade, dos direitos e deveres sociais e da responsabilidade crescente por seus atos, a constituição ou reformulação de valores e novos desdobramentos para o exercício da cidadania. (BRASIL, 1998, p. 46)

A possibilidade de conhecer, estudar, compreender, respeitar e também refletir sobre o outro, principalmente no que tange às questões de etnia, também é encontrada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em razão da Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003, a qual altera alguns artigos da LDB e torna obrigatório o estudo da história das culturas que caracterizam a formação da população brasileira a partir dos grupos étnicos africanos e indígenas. O segundo parágrafo dessa lei determina, ainda, que o ensino desses conteúdos esteja presente em todo currículo, em especial nas áreas de educação artística, literatura e história. Desse modo, a importância do trabalho pode ser não apenas pela possibilidade de ampliação do repertório cultural dos alunos, mas também pela reflexão e pelo contato com uma realidade diferente da sua a ser possibilitada pela leitura do texto literário.

Ressaltamos, ainda, que, no projeto político-pedagógico da escola, o qual apresenta a diversidade como princípio formativo, um dos objetivos é promover a análise de textos literários afro-brasileiros para reflexão sobre estereótipos e conceitos acerca do negro. O PPP prevê, ainda, o direito à diferença e a uma educação antirracista, de modo que a realização deste projeto extraclasse contribui também para com os objetivos da escola.

Além de ampliar os conhecimentos acerca das literaturas africanas e despertar o interesse dos alunos pela leitura, o trabalho com a literatura ofereceu a possibilidade de refletir sobre o outro por meio da imaginação, fazendo com que os alunos observassem alegrias e medos de seres diferentes de si. A seleção de contos para a coletânea propiciou, também, um trabalho coletivo, de modo que o respeito mútuo pela opinião do outro e pela sua subjetividade também consistiu em aprendizagem. Por fim, ressaltamos a importância da leitura literária nesse processo de ensino-aprendizagem e o trabalho com um tema tão pertinente em nossa sociedade.

3. 1. 2. Reflexão teórica

Retomamos aqui as concepções já abordadas na seção relativa ao projeto de docência, tais como o sujeito constituído a partir da sua localização espaço-temporal e escola como uma instituição complexa, com ênfase na concepção de língua como produto da interação verbal e

da leitura em sala de aula como prática que provoca e responde necessidades. Tendo como ancoragem teórica o trabalho com os gêneros do discurso, optamos pelo trabalho com contos africanos, haja vista a estrutura da narrativa oral presente mesmo em textos escritos, que possibilitam aos alunos o reconhecimento da estrutura do gênero durante a sua leitura. Um trabalho dessa natureza, contribui para a ampliação de repertório dos alunos, tal como proposto pelas teorias do letramento, principalmente o *modelo ideológico*, que considera as vivências do aluno como sujeito histórica e socialmente situado, visa a ressignificação da realidade do estudante, possibilitando um trânsito entre o local, isto é, o que faz parte da sua realidade, e o universal.

Compreendemos a importância da leitura literária em sala de aula como prática que possibilita ao aluno não apenas a ampliação de seu repertório cultural e a possibilidade de conhecer o outro, outras culturas e outros modos de vida, mas também a aprendizagem de léxicos, formas sintáticas diferenciadas e formas narrativas. Ainda retomamos aqui a importância da leitura coletiva, que fez parte da nossa metodologia, em razão da possibilidade de explorar os livros de maneira conjunta, construir significados e perceber jogos intertextuais, estruturas paralelas e repetições. Para Colomer (2007), o sentimento de pertencer a uma comunidade interpretativa é o mecanismo básico para aprender a desfrutar formas literárias.

3. 1. 3. Objetivos

Os objetivos do projeto extraclasse foram pensados a partir do referencial teórico apresentado no projeto de docência e retomado no plano de trabalho desta oficina, que considera o sujeito como constituído, situado e incompleto; a língua como relação dialógica entre os sujeitos; os gêneros do discurso e o letramento como orientadores da prática docente.

Desse modo, elaboramos um projeto de docência extraclasse que, voltado para a formação de leitores, possibilitou a ampliação do repertório dos alunos na leitura de contos africanos de língua portuguesa e conscientização sobre questões como marginalização e racismo. Ao possibilitar o contato com tais contos, além de promover a abertura de novos horizontes e a ampliação das experiências de leitura dos alunos, contribuimos para a sua formação como leitores. Outro objetivo consistiu em promover o contato com culturas e hábitos diferentes, o que contribui, pela empatia e por outras reações aos contos, para a humanização dos alunos a partir da literatura.

3. 1. 4. Conhecimentos trabalhados

Os conhecimentos trabalhados no projeto de docência extraclasse, visando ao cumprimento dos objetivos estabelecidos para o desenvolvimento dos alunos enquanto leitores, foram apropriados pelos alunos por meio do contato e da leitura fruição de contos africanos pré-selecionados pelos ministrantes da oficina. O trabalho envolveu conteúdos de disciplinas como História e Geografia, uma vez que abordamos o tráfico negreiro entre os continentes europeu, africano e americano para uma maior compreensão do Dia da Consciência Negra. A partir da leitura e do trabalho com os textos no gênero, foram abordados os conhecimentos de postura para a escolha autônoma de contos, assim como o trabalho organizado e respeitoso em equipe envolvendo diversas turmas para a confecção da antologia, o gênero conto na oralidade e na escrita, o aprimoramento da leitura de contos, e a desenvoltura, o ritmo e a entonação na atividade de exposição da antologia.

3. 1. 5. Metodologia

As atividades relativas à docência do projeto extraclasse foram desenvolvidas com alunos de diversas turmas do segundo ciclo do ensino fundamental, em uma oficina de dois encontros de 3h/a nos dias 13 e 14 de novembro, realizadas pelos estagiários-professores do Curso de Letras Português que atuaram na escola. As oficinas foram divulgadas previamente pelos estagiários em todas as turmas e através de cartazes fixados nas paredes da escola. Com base nessa divulgação, os alunos escolheram uma das oficinas para participar. Por essa razão, em cada oficina houve alunos de diferentes anos escolares, já que o objetivo foi a escolha deles pelo tema que lhes interessasse e não pelo ano que frequentavam. O resultado desse trabalho foi socializado em 2h/a no dia 20 de novembro, data em que é celebrado o dia da Consciência Negra e no qual professores de todas as áreas trabalharam com o tema.

No primeiro encontro, os alunos ouviram a leitura de um poema e de um conto, que serviram de mote para a discussão de temas concernentes à Semana da Consciência Negra. Esse encontro foi dedicado à leitura e escolha dos contos, já o segundo focou no aprimoramento da leitura oral para a apresentação dos contos escolhidos a diversas turmas da escola. A partir dos contos lidos e escolhidos pelos alunos participantes da oficina, foi elaborada e impressa uma antologia de contos, cuja socialização para o restante da escola ocorreu na Semana da Consciência Negra de duas maneiras: através da fixação de cartazes nas paredes da escola e da leitura de contos nas salas dos anos iniciais.

Foram utilizados, como recursos materiais, cópias dos contos e cópias de alguns de seus trechos, retalhos de panos, os livros com os contos, cartolinas, caneta hidrocor e revistas para recorte. Como recursos bibliográficos, foram utilizados o poema “Vozes de sangue”, de Agostinho Neto, e os contos “Lumina”, de Rui Knopfli, “As mãos dos pretos” e “Futebol na areia”, de Luís Bernardo Honwana, “Um estranho barqueiro”, de Calane da Silva, “Ngilina, tu vai morrer”, de Suleiman Cassamo, “Cobra de uma só cabeça”, de Nelson Saúte, “Os Molwewnes”, de Isaac Zita, “A fogueira” e “Os machos lacrimosos”, de Mia Couto, e “Jangada para longe”, “Coração de porco”, “O colchão da Mongólia”, “O sangue no cavalo”, “O engraxador”, “Os passeadores” e “Na encruzilhada”, de Ondjaki.

Em anexo, seguem os planos trabalho de cada um dos encontros com as atividades previstas.

3. 1. 5.1. Planos de trabalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio Cunha Aguiar

Estagiários-professores: Elton da Silva Rodrigues e Jéssica Domingos Mariano

Disciplina: Língua Portuguesa

Encontro 1 – 3 h/a (13/11 – Segunda-feira – 10:15 às 12:00)

Tema: Conhecendo contos africanos

1. **Objetivo Geral**

Conhecer contos africanos de língua portuguesa em sua esfera de circulação a partir da leitura e escuta de textos representativos do gênero.

2. **Objetivos Específicos**

- Atribuir sentido à fala do outro, pela escuta atenta e efetiva da declamação do poema “Vozes de sangue”, de Agostinho Neto e do conto “As mãos dos pretos”, de Honwana;
- Confeccionar bonecas Abayomi durante a escuta do conto a ser lido pelo colega, percebendo a importância da questão histórico-cultural da confecção;
- Ler contos de autores africanos, relacionando com seus conhecimentos prévios e percebendo a sua estrutura similar à narrativa oral;
- Discutir os contos, atentando para temas socialmente relevantes, como a criminalização da cultura da periferia;
- Expressar-se com clareza, coerência, fluência e ritmo na leitura oral de contos e nas discussões acerca dos temas abordados nos contos lidos.
- Selecionar contos para a publicação da antologia a partir da atribuição de valor com relação aos aspectos culturais de países africanos de língua portuguesa presentes nas narrativas.

3. **Conhecimentos Trabalhados**

- Tráfico negreiro;
- Escravidão no Brasil e na África;
- Contos africanos em sua esfera da atividade humana;
- Leitura-fruição de contos africanos;
- Expressividade, clareza, coerência e fluência no uso oral da língua.

4. **Metodologia**

Procedimentos	Tempo estimado
No primeiro momento, o estagiário-professor realizará a declamação do poema “Vozes de Sangue”, de Agostinho Neto. A partir da	30 min.

leitura, será feita uma exposição sobre tráfico negreiro e escravidão no Brasil e em África.	
A seguir, o estagiário-professor explicará a origem das bonecas abayomi e organizará o grupo para a contação de história, momento em que lerá o conto “As mãos dos pretos”. Enquanto o estagiário professor lê o conto, a estagiária-professora confecciona as bonecas com os alunos, que receberão retalhos para a realização da atividade.	30 min.
Após, será dado aos alunos tempo para lerem os contos. Terminada a leitura, será realizada a primeira parte da seleção e a discussão sobre os contos lidos e escolhidos.	45 min.
Caso algum aluno apresente interesse em escrever o próprio conto, será disponibilizado tempo para essa atividade.	30 min.

5. Recursos didáticos

- Retalhos
- Cópias dos contos
 - Lumina, de Rui Knopfli
 - As mãos dos pretos, de Luís Bernardo Honwana
 - Futebol na areia, de Luís Bernardo Honwana
 - Um estranho barqueiro, de Calane da Silva
 - Ngilina, tu vai morrer, de Suleiman Cassamo
 - Cobra de uma só cabeça, de Nelson Saúte
 - Os Molwewnes, de Isaac Zita
 - A fogueira, Mia Couto
 - A vingança de Macandza, de Aldino Muianga
 - As cicatrizes do amor, Paulina Chiziane
 - Jangada para longe, de Ondjaki
 - Coração de porco, de Ondjaki
 - O colchão da Mongólia, de Ondjaki
 - O sangue no cavalo, de Ondjaki
 - O engraxador, de Ondjaki
 - Os passeadores, de Ondjaki
 - Na encruzilhada, de Ondjaki
 - Os machos lacrimosos, de Mia Couto
- Livros com os contos.

6. Avaliação

Para a avaliação dos alunos, será considerada a participação, por meio da escuta da leitura do conto e do poema e da leitura dos contos, considerando a sua postura de concentração e de respeito às condições para a leitura silenciosa de um texto, assim como os questionamentos e comentários feitos na discussão e a confecção da boneca abayomi. Também será avaliada a

autonomia na escolha dos contos e a fluência, ritmo e entonação na discussão dos temas dos contos.

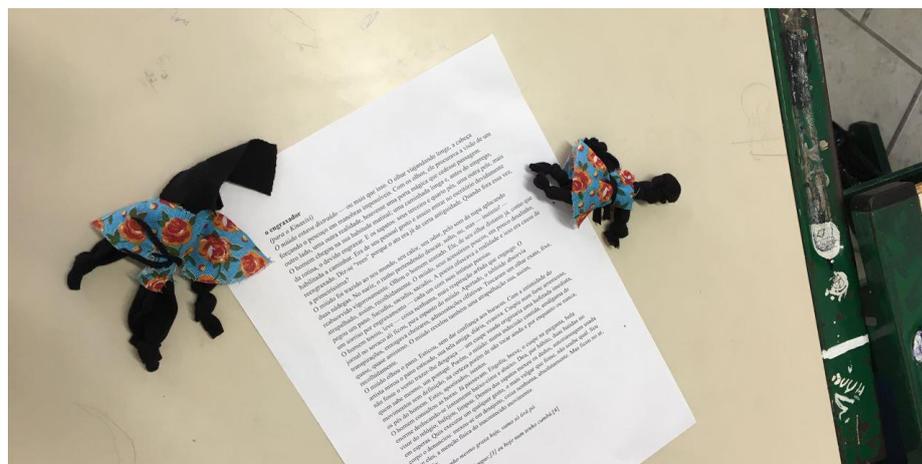
7. Referências

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ONDJAKI. **E se amanhã o medo**. Rio de Janeiro, Língua Geral, 2010.

SAÚTE, N. (Org.). **As mãos dos pretos: antologia do conto moçambicano**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

Anexo 1 – Confeção das bonecas abayomi



Anexo 2 – Seleção dos contos para a coletânea



Anexos – Contos lidos pelos alunos para realização da seleção

A FOGUEIRA

A velha estava sentada na esteira, parada na espera do homem saído no mato. As pernas sofriam o cansaço de duas vezes: dos caminhos idosos e dos tempos caminhados.

A fortuna dela estava espalhada pelo chão: tigelas, cestas, pilão. Em volta era o nada, mesmo o vento estava sozinho.

O velho foi chegando, vagaroso como era seu costume. Pastoreava suas tristezas desde que os filhos mais novos foram na estrada sem regresso.

«*Meu marido está diminuir*», pensou ela. «*É uma sombra.*»

Sombra, sim. Mas só da alma porque o corpo quase que não tinha. O velho chegou mais perto e arrumou a sua magreza na esteira vizinha. Levantou o rosto e, sem olhar a mulher, disse:

— *Estou a pensar.*

— *É o quê, marido?*

— *Se tu morres como é que eu, sozinho, doente e sem as forças, como é que eu vou-lhe enterrar?*

Passou os dedos magros pela palha do assento e continuou:

— *Somos pobres, só temos nada. Nem ninguém não temos. É melhor começar já a abrir a tua cova, mulher.*

A mulher, comovida, sorriu:

– *Como és bom marido! Tive sorte no homem da minha vida.*

O velho ficou calado, pensativo. Só mais tarde a sua boca teve ocasião:

– *You ver se encontro uma pá.*

– *Onde podes levar uma pá?*

– *You ver na cantina.*

– *Vás daqui até na cantina? É uma distância.*

– *Hei-de vir da parte da noite.*

Todo o silêncio ficou calado para ela escutar o regresso do marido. Farrapos de poeira demoravam o último sol, quando ele voltou.

– *Então, marido?*

– *Foi muito caríssima – e levantou a pá para melhor a acusar.*

– *Amanhã de manhã começo o serviço de covar.*

E deitaram-se, afastados. Ela, com suavidade, interrompeu-lhe o adormecer:

– *Mas, marido...*

– *Diz lá.*

– *Eu nem estou doente.*

– *Deve ser que estás. Você é muito velha.*

– *Pode ser – concordou ela. E adormeceram.*

Ao outro dia de manhã, ele olhava-a intensamente.
– *Estou a medir o seu tamanho. Afinal, você é maior que eu pensava.*

– *Nada, sou pequena.*

Ela foi à lenha e arrancou alguns toros.

– *A lenha está para acabar, marido. You no mato levar mais.*

– *Vai, mulher. Eu vou ficar covar seu cemitério.*

Ela já se afastava quando um gesto a prendeu à capulana e, assim como estava, de costas para ele, disse:
– *Olha, velho. Estou pedir uma coisa...*

– *Queres o quê?*

– *Cova pouco fundo. Quero ficar em cima, perto do chão, tocar a vida quase um bocadinho.*

– *Está certo. Não lhe vou pisar com muita terra.*

Durante duas semanas o velho dedicou-se ao buraco. Quanto mais perto do fim mais se demorava. Foi de repente, vieram as chuvas. A campá ficou cheia de água, parecia um charco sem respeito. O velho amaldiçoou as nuvens e os céus que as trouxeram.

– *Não fala asneiras, vai ser dado o castigo – aconselhou ela. Choveram mais dias e as paredes da cova ruíram. O velho atravessou o seu chão e olhou o estrago. Ali mesmo decidiu continuar. Molhado, sob o rio da chuva, o velho descia e subia levantando cada vez mais gemidos e menos terra.*

– *Sai da chuva, marido. Você não aguenta, assim.*

– *Não barulha, mulher – ordenou o velho. De quando em quando parava para olhar o cinzento do céu. Queria saber quem teria mais serviço, se ele se a chuva.*

No dia seguinte, o velho foi acordado pelos seus próprios ossos que o puxavam para dentro do corpo dorido.

– *Estou a doer-me, mulher. Já não aguento levantar.*

A mulher virou-se para ele e limpou-lhe o suor do rosto.

– *Você está cheio com a febre. Foi a chuva que apaixonaste.*

– *Não é mulher. Foi que dormi perto da fogueira.*

– *Qual fogueira?*

COBRA DE UMA SÓ CABEÇA

Nestes tempos em que as desgraças prosperam, as cobras teimam nas suas visitas. Não falo aqui da cobra de sete cabeças, a moçambicana cobra mais famosa do Mundo, com sete cabeças, que arrasou o monte, lá no Tumbine, permitindo que maningue vidas, que habitavam as encostas, fossem engolidas na fúria das pedras, fazendo com que aquela gente, que já vivia dos andrãos da própria desgraça, marcasse uma audiência definitiva com o maior infortúnio da natureza, entre nós. Falo somente de uma cobra, uma cobra digamos normal, dessas menos profissionais, quase nada ofensivas, muito mais avisadoras. Porque existem, entre nós, cobras que não atacam, não matam, mas desempenham papel de mensageiras. Dou um concreto exemplo: essa que entrou lá em casa dos meus velhos.

Não a mataram, desconseguiram. Apenas parece que a viram. Não deu para contar mais do que uma cabeça. Ela escapulira-se por um desses buracos da casa dos meus pais. Ninguém a sabe descrever. A verdade é que não é a primeira vez que aparece uma cobra. A última vez ela também era portadora de um presságio. Um mau agouro. Sempre que está para acontecer

entregou os dinheiros, as economias que foi guardando, para quando chegasse ao fim. Não tinha comprado o lugar, como a moda de hoje, nem encomendado o caixão como fazem os novos na riqueza. Tinha apenas guardado os meticais para que a enterrassem.

Este dinheiro será para me enterrarem. O homem, guardador desse magro pecúlio, também acorreu ao hospital de onde informaram que a ocupante da cama centro e vinte e três da enfermaria abandonara este mundo dos que estamos do lado de cá da vida. Ele foi o primeiro a preocupar-se com a falecida. E agora como é que vamos fazer o enterro?

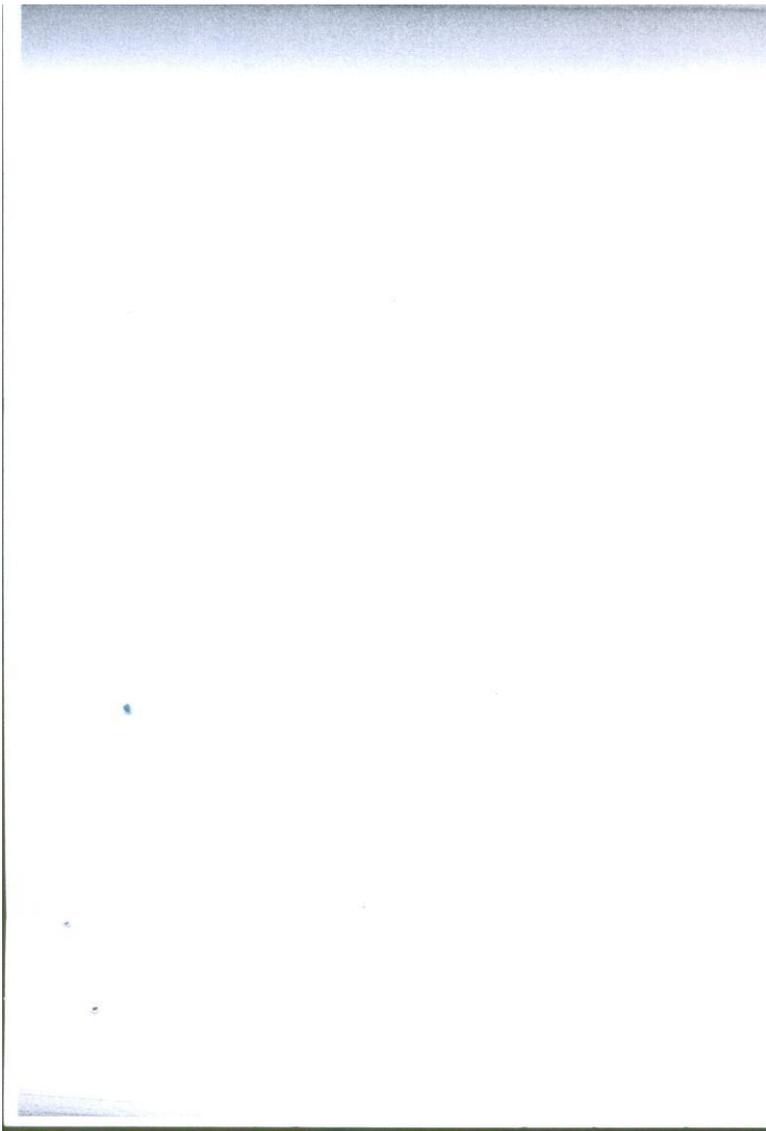
Como? Reagiram os outros, seus acompanhantes na tristeza do momento, em quase unísono. Sim, como? Os funerais exigem maningue dinheiro. Mas se o dinheiro ela te deu para guardar. Para guardar? Não recebi nem uma quinhenta. A discussão já se alastrava ali mesmo no hospital, pelos ânimos até parecia zaragata à porta de bar, entre bebedores falidos, putas com olheiras de meia-noite e eles sem dinheiro para lhes desenganar nos seus destinos matinais quando regressassem da labuta. Mas não. Ser pobre é mais triste nestas circunstâncias. Discute-se por tudo. Por aquilo que não existe.

Tudo isto me contava a velha, ela própria contadora de histórias. A realidade na sua boca se transforma em ficção. Pelo enredo. Pela forma como descreve os personagens. Pela efabulação. Se eu soubesse metade do ofício de contar de minha mãe seria escritor. Juro. Entretanto, antes de desligar o telefone, a velha ainda tem tempo de narrar os pormenores da cobra que entrou

lá na casa dela. Pela estória e os milandos que a coitada da falecida deixou, eu já nem me lembrava da cobra que iniciara a conversa.

Essa gente é assim – conclui minha mãe. Sempre que quer morrer, nos envia uma cobra.

(in *O Apóstolo da Desgraça*,
Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1999.)



NGILINA, TU VAI MORRER

Assim é vida? Insultos sempre-sempre, trabalhar todo o dia do xicumbo parece burro de puxar nholo, muito purrada assim parece mesmo boi de puxar charrua. Chaga na bochecha, boca inchada, nariz arranhado, dentes partido, é vida mesmo? Assim não é vida, não. É melhor morrer mesmo. Morrer é mesmo bom. Tudo acaba, tudo. Sim valapena morrer... Mas é assim vida de mulher Paciencia Só o xicumbo sabe

Mas a pilar assim, olhos sempre no pilão, a bater sempre de maneira igual, muito muinto Ngilina parece mesmo máquina de moer farinha.

A voz do pilão foge para o mato. A sombra do pilão e da Ngilina cresce, fica comprido. Os seios pequenos na sombra são grandes mas só saltam um mucado só. Ngilina pila. A sombra também pila. Ngilina pára. A sombra também pára. Zombeteira, imita a Ngilina que esfrega saliva nas mãos. Esta e todas as outras sombras crescem silenciosamente, abraçam-se para dançar xigubo do pilão da Ngilina.

A noite vai chegar mesmo. O homem da Ngilina vai voltar.

É preciso ferver nancana depressa, botar amendoim. Ferver água, botar um mucado de farinha de milho que agora começou a peneirar. Esperar mucadinho. Mais farinha. Depois mexer com libôndzo até ficar wusua, servir e pôr na mesa. Não esquecer moringa de água para beber. Não esquecer piri-piri, água na bacia e toalha. Não esquecer nada mesmo, nada. Mas primeiro água no balde na casa de banho. Depois de ele banhar, ir ajoelhar com respeito e dizer:

— Tatana, vai comer.

Agora falta mucado só. Ngilina acompanha a dança da peneira nos dedos com uma cantiga. Mas como canta assim parece choro de rola, parece lamento de xivambalana?

Esta cantiga é mesmo choro de rola picando o coração da savana, gemido do coração inchado daquela minina.

Mas porquê esta vida Ngilina?

Ngilina tinha só dezassets anos quando o marido, um homem da idade do pai e gaiça na altura reuniu com os pais na palhota grande.

Só depois dessa reunião ela soube que estava lobo-lada. Não queria. Mas o pai queria. Mandava.

Ngilina nunca até ali dormiu com homens e nunca mais gostou desde aquele dia em que o marido a pos-suiu. Mas ele queria sempre, todos os dias. Como diria não se lhe pertencia? Acordava com dores na coluna, nas ancas, na cabeça, todo o corpo. Como diria qu'estou doente? Lá estava a sogra — aquela velha maldita — a dizer: tu, lenha; tu, água; tu, balde de barro na cabeça; tu, enxada; tu, panela de barro no lume; tu, pratos lavados... Mas lá estava a sogra a chamá-la preguiçosa, preguiçosa, preguiçosa todo o dia do xicuembo.

Evocava sempre o lobolo que o filho gastou.

Um ano passou. O marido começou com zangas. Diz que Ngilina não nasce filhos. Não sabe porque a lobolou. Não é mulher. Bate-a por tudo e por nada. Com cinto que tem ferro, com paus, com socos, com pontapés, com tudo. Coitadinha, Ngilina, era uma minina xonguile mas agora ficou velha num ano só. Ngilina é xiluva que murchou.

O corpo dói, sim, mas dói é muito muinto o coração. O coração está inchado, vai rebentar no peito. Ngilina, tu vai morrer. Pode ir para casa descansar sofrimento. Mas qual maneira se o pai comeu todo o dinheiro do lobolo no nthonthonho e no vinho do monhé da vila? Yotatanéé, é melhor não pensar nada.

UM ESTRANHO BARQUEIRO

Conheci-o à beira do lago do Saber. Viajava sem pressas no seu pequeno barco à vela, murmurando palavras que o vento brando parecia compreender e sentir.

Recordo que o conheci por acaso. Uma manhã, enquanto meditava, fui arrancado à volúpia do transcendental por um ruído seco de algo batendo no molhe improvisado na margem do lago. Embora contrariado pela interrupção, fiquei deslumbrado pela singeleza do que me era dado observar.

Um homem dos seus 60 anos, de carapinha alva encapelando uma cabeça bem assente em ombros largos e emoldurada por uma tsnada face negra, onde também uma barba branca e rala dava ainda maior dignidade à pessoa, acabava de atracar um barco. Se bem que ainda curvado, pois naquele momento passava uma corda pela estaca do molhe, o velho aparentava ser pessoa bastante alta e bem constituída.

Contudo, o que mais me chamou a atenção quando se pôs a andar, foi um estranho saco que trazia às costas.

— Bons dias! — Cumprimtou-me, continuando a caminhar até às dunas arborizadas que delimitavam o lago do Saber da planície da Vida, extenso e fértil pedaço de terra a perder-se para lá da linha do horizonte.

Mais tarde, havia de entender o significado profundo destes nomes dados por alguém a estas águas e a esta terra que me viram nascer.

Sentado que estava orientado para o Sol nascente, a sua figura ofuscou-se no contra-luz, mas a voz, dum timbre antigo e quase sobrenatural, vibrou intensamente naquele ar matinal e tive uma espécie de despetar. O saco, que irradiava enigmáticas fulgurações, parecia conter o segredo do mundo.

Não me recordei de o ter visto regressar, mas sei que o fez, porque ao pôr-do-sol, quando voltei ao lago do Saber para a habitual meditação do fim da tarde, o barco já tinha partido.

Aguardei ansiosamente pela sua chegada no dia seguinte, mas o velho não regressou. Passaram-se semanas, depois meses, sem que fosse honrado com a chegada do velho barqueiro. Um ano depois, exactamente ao entrarmos no Equinócio de Março, que eu tão bem conhecia pelo viajar do Sol sobre o lago do Saber, e quando quase me tinha esquecido daquela bela e serena figura, eis que o respeitável velho aparece no pequeno molhe.

Novamente, os mesmos gestos, o mesmo caminhar, a mesma saudação a provocar singulares sensações dentro e fora de mim. Novamente, o mesmo enigmático saco aos ombros, irradiando as mesmas fulgurações e parecendo conter o nome de todas as coisas.

Segui-o com o olhar até à entrada de um dos múltiplos caminhos da planície da Vida.

Assim aconteceu durante sete anos, ao mesmo dia e à mesma hora. Precisamente neste sétimo ano e quando

as minhas meditações já me tinham feito compreender e penetrar profundamente no grande lago do saber existente dentro de mim, permiti-me interpelar pela primeira vez o velho barqueiro, perguntando-lhe o que fazia e o que trazia naquele saco tão estranho:

— Trago palavras, Palavras sempre novas que pesco no lago do Saber e cultivo na planície da Vida.

Silencioso e digno continuou o seu caminho. Sentado que estava, como sempre orientado para o Sol em lenta ascensão, a figura do velho mais uma vez se ofuscou no contra-luz, mas o timbre antigo da sua voz magnetizou todo o ar matinal e, naquele momento tive, na verdade, um despertar para o Conhecimento.

(Inédito em livro, Maputo, 1991.)

AS MÃOS DOS PRETOS

Já não sei a que propósito é que isso vinha, mas o Senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo. Lembrei-me disso quando o Senhor Padre, depois de dizer na catequese que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores do que nós, voltou a falar nisto de as mãos deles serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles, às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar.

Eu achei um piadão tal a essa coisa de as mãos dos pretos serem mais claras que agora é ver-me a não largar seja quem for enquanto não me disser porque é que eles têm as palmas das mãos assim mais claras. A Dona Dores, por exemplo, disse-me que Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa.

O Senhor Antunes da Coca-Cola, que só aparece na vila de vez em quando, quando as coca-colas das

cantinas já tinham sido todas vendidas, disse que tudo o que me tinham contado era aldrabice. Claro que não sei se realmente era, mas ele garantiu-me que era. Depois de eu lhe dizer que sim, que era aldrabice, ele contou então o que sabia desta coisa das mãos dos pretos. Assim:

«Antigamente, há muitos anos, Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu, fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram-no em moldes usados e para cozer o barro das criaturas levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum, ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber porque é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia!»

Depois de contar isto o Senhor Antunes e os outros Senhores que estavam à minha volta desataram a rir, todos satisfeitos.

Nesse mesmo dia, o Senhor Frias chamou-me, depois de o Senhor Antunes se ter ido embora, e disse-me que tudo o que eu tinha estado para ali a ouvir de boca aberta era uma grandíssima pêta. Coisa certa e certa: que Deus acabava de fazer os homens e mandava-os tomar banho num lago do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos

e as plantas dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo.

Mas eu li num livro que por acaso falava nisso, que os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco de Virgínia e de mais não sei aonde. Já se vê que a Dona Estefânia não concordou quando eu lhe disse isso. Para ela é só por as mãos deles desbotarem à força de tão lavadas.

Bem, eu não sei o que vá pensar disso tudo, mas a verdade é que ainda que calosas e gretadas, as mãos dum preto são sempre mais claras que todo o resto dele. Essa é que é essa!

A minha mãe é a única que deve ter razão sobre essa questão de as mãos de um preto serem mais claras do que o resto do corpo. No dia em que falámos nisso, eu e ela, estava-lhe eu ainda a contar o que já sabia dessa questão e ela já estava farta de se rir. O que achei esquisito foi que ela não me dissesse logo o que pensava disso tudo, quando eu quis saber, e só tivesse respondido depois de se faltar de ver que eu não me cansava de insistir sobre a coisa, e mesmo assim a chorar, agarrada à barriga como quem não pode mais de tanto rir. O que ela disse foi mais ou menos isto:

«Deus fez os pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho, Ele pensou que realmente tinha de os haver... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais. Mas como Ele já os não pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habi-

tuado a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exactamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes por que é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem, é apenas obra de homens... Que o que os homens fazem, é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tiverem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos».

Depois de dizer isso tudo, a minha mãe beijou-me as mãos.

Quando fugi para o quintal, para jogar à bola, ia a pensar que nunca tinha visto uma pessoa a chorar tanto sem que ninguém lhe tivesse batido.

(in *Nós Matámos o Cão Tinboso*, Afrontamento, Porto, 1991.)

HELIODORO BAPTISTA

- Chicaláua Milele
- O Corvo

Poeta inconformado, está na primeira linha da poesia moçambicana. Herdeiro e depositário do lirismo e do eclectismo que atravessa a melior da nossa lírica, Heliodoro Baptista é ainda um contista exemplar. Nos primórdios dos anos 70 empareceiro com Carneiro Gonçalves na experimentação de um dos universos mais inexplorados da nossa ficção — as lendas que ambos magnificamente vertiram para o jornal Notícias da Beira. Publicou, tardiamente, os seus livros de poesia: Por Cima de Toda a Folha e A Filha de Thandi. Nasceu em Gombane, Quelimane, Zambézia, a 19 de Maio de 1944. Vive na Beira, Sofala.

Naquele dia, quando o marido voltou, a sogra fez queixa. Disse que Ngilina estava com mufanas no poço quando ia carretar água. Youé! Aquilo não foi bater não. Os dentes ficou partido. Quase Ngilina queria morrer, faltou mucadiiinho.

Ngilina acordou cedo. Pegou na corda e no machado. Parecia que ia na lenha. O sol encontrou-a no caminho. Chegou no mato andando devagarinho. Subiu no canhoeiro, amarrou corda no ramo e a outra ponta no pescoço. Depois largou-se no ar e ficou a lengalengar. Morrer é fácil. É mesmo bom. Ngilina dorme o sono de xiluva no meio da selva. Ngilina foi xiluva que murchou.

No mato, os bichos lutam e amam. O choro da rola é choro de verdade mesmo. E todos os outros bichos do mato vão também chorar Ngilina. Ela tem agora o pescoço na corda tesa. Embora os olhos muito abertos dorme o sono de nunca acabar, nunca, nunca mais. Tem pena sim.

Mamanô. Youé.

(in *O Regresso do Morto*, Associação dos Escritores Moçambicanos, Maputo, 1989.)

ORLANDO MUHLANGA

- A Fúria da Camponesa
- A Xigungumana

A sua morte precoce privou a nossa literatura do mais importante nome revelado nos anos 90 no domínio da ficção narrativa. A despeito, legou a esta década, cujo refluxo foi evidente, o Diário de Sangue, um verdadeiro exorcismo aos demónios que nos vão perseguir ao longo de muitos anos. Livro escrito no interior e sobre a guerra. A sua inquietante imaginação, a sua esquizofrénica ebulção, lembram, por vezes, o efeito que o surgimento de Ungulani Ba Ka Khosa e Ualalapi significaram na década imediatamente anterior. Mas Orlando José Leão Muchanga (Muhlanga, assinava ele nos seus escritos), nascido a 6 de Maio de 1963, na margem do rio Incomati, entre os distritos de Magde e Xinavame (Manhiça, o cenário da mais cruel demência daqueles que atacavam inocentes, incendiavam autocarros e massacravam populações — o libelo deste belo livro sobre a última das nossas guerras no século XX) subscreeu o mito da tragicidade que marca a nossa ficção desde o início. Morreu, num inexplicável acidente de viação, a 7 de Abril de 1996, pouco depois de publicar o seu breve testamento literário, suficiente para o sufragar nos armoriais da nossa literatura. Antes fora jornalista. Antes mesmo disso professor de História e Português nas escolas secundárias. Esteve no exército, entre 1984 e 1988. Publicou alguns contos.



FUTEBOL NA AREIA

Passa!

Mundau acompanha a jogada, foge para a aberta, pede, pede, a baliza ali.

Passa!

Rungo tem a bola: Psonho! Um cai. Outro: dêmo, conho – drible de manhembana, curto, cara séria, passo de kwela. Outro: bassopa!, (um pontapé a vir com toda a força, um remate mesmo, tudol. esse outro fecha-se.

Homem-gôlo!, homem-golo de graça!, o Rungo não passa, joga para a assistência, driblar, driblar sem pro-gredir, driblar até para trás, e nós a perder dois-a-zero! Não tem sentido de jogo, nunca viu se calhar jogos na Baixa, o Sportivo, o Ferroviário, o Sporting, nunca viu. Os Cra-ques!, os Cra-ques!

Handa os Craques, hê-hê!, Rungo, mostra, buza o gajo!

Issufo, o árbitro, ri com o apito na boca e apita sem querer.

O quê?, o que é que foi?

Livre. Contra!

Batota! A claque invade, Afonso, o presidente, as veias do pescoço do tamanho de um dedo, agarra Issufo pelos colarinhos: você estás a fazer pôco?

Mundau com a zanga de uma rivalidade antiga, avança para Rungo – viu?, viu? – as palmas das mãos reviradas, a mostrar o vazio desses dribles todos assim para nada.

O árbitro, na calma de quem apita o que sabe, cabeça levantada, palavra por palavra, explica ao Senhor Afonso que a bola é redonda, eu aqui não sou nem dos Craques nem do Mafalalense! Paciência.

Paciência é nome de cão, tu estás masé a roubar à minha equipa. Vá, diz lá, queres alguma coisa comigo ou quê?

Deixa lá, compadre, deixa lá, perder ou ganhar é desporto. Está bem, vamos a ver. Depois do livre, Ben, o beque dos Craques recupera, avança, tractor humano, pára, olha, Mundau pede, sempre lá longe, na gosma. Aí Issufo apita três vezes: intervalo.

Tindleve ta nwaku!

A quem é que Mundau insulta com esse insulto dito baixinho para ninguém ouvir? O ronga não é língua para o futebol, mesmo nos insultos. Vira costas ao presidente que também é treinador e quer dar conselhos à equipa. Vira costas ao campo, à claque e afasta-se para onde?, para ali, para aquela velha mafurreira, bem longe do barulho da varanda da cantina do Santos. Senta-se triste, a frescura do suor que seca, a respiração funda de cansaço e de raiva.

Pelo carreiro em frente, passam pessoas no vagar de sábado à tarde, roupa de sair, o pisar cuidadoso de quem quem quer chegar ainda com brilho no sapato. Do outro local do carreiro, no capim rasteiro, o enfileirado de casas de madeira e zinco com quintais de caniço. Conversas e risos ao longe. Conversas lentas, conversas que têm toda a tarde para serem conversadas.

À varanda de sua casa – que é de duas águas – Hussene Brasileiro, de camisola interior, tem uma viola sobre os joelhos e ouve a história de um filme do Capitão Blood, gritada pelo irmão, que daqui não se vê, mas que deve estar sentado à máquina de costura, a talhar fazenda. Um cão vagabundo que trota pelo carreiro, ouve os gritos do irmão do Hussene, pára, ladra e segue o seu caminho.

Quando o cão desaparece, ao fundo, Mundau dá-se conta de que tem os olhos no rosto lindo, lindo, lindo da menina Julinha, que vem para cá, a lata de água à cabeça, direita como uma rainha. Passa, nem olá nem nada, os olhos baixos, toda a vergonha que as rainhas

deverem sentir quando são vistas a acarretar água a uma duzenta a lata.

Hussene Brasileiro, estica-se todo para ela, faz nãoão com a cabeça, assobia um fiu-fiu bem longo, passa um indicador atravessado pela garganta, a dizer que por ela até se mata, beija o dedo que há-de ser faca, a jurar tudo isso!

Mundau, com orelhas em fogo, cerra os lábios com força para não deixar escapar (desta vez bem alto) o insulto de há bocado, que afinal era mesmo para esse Hussene Brasileiro, que julga que isto aqui é como no Sábîè e que se mete com a menina Julinha sabendo que ela anda na Escola Comercial e tudo!

O apito do Issufo soa insistentemente.

Na loja do Santos o velho Mateus quer levantar-se, mas a bebedeira já lhe tirou toda a força às pernas.

Então?, a segunda parte vai começar, anda ó velho – é o Santos, a picar.

O velho Mateus tem a testa franzida no esforço de manter os olhos abertos.

Anda, anda o quê? Você não paga nada... – responde.

Todos os sábados à tarde o velho Mateus está no Santos porque quando regressa do serviço, ao meio dia, passa pela cantina para um copinho antes do almoço. O vinho misturado com a fome obriga-o a ficar mais um pouquinho até os miúdos começarem com a bola. Quando a família o não vem buscar, o Santos, à hora de fechar, empurra-o para a varanda.

O velho, que conhece coisas do futebol e viveu em Ressano Garcia, já desistiu de ir ver jogos da AFA. Enumera os clubes um por um, com a boca torcida de

desprezo: o Nova Aliança?, o Beira-Mar?, o Mahafîl?, o João Albasini?, o Munhuanense Azar? – para ele os que ganham têm murrêde: corvos que sobrevoam o campo, galinhas pretas em sacrifício, frascos que no segredo da noite se enterram atrás das balizas, jogadores untados com banha de porco... Eu sei tudo, meus filhos, estes olhos já viram muito. E tu julgas que os brancos ganham os jogos sem murrêde? Há clubes da Baixa que trazem as camisolas ao Bhai Hamina. Não!, para mim futebol só daqui, o desses miúdos aí fora. Futebol da areia. O Saide Amir começou aqui. O Bon-guana. O grande Rondeu.

Do futebol de areia vem o bruá duma falta perigosa, alá à boca da grande área. Issufo, o árbitro, apita uma vez mais e explica que o livre é directo.

O velho Mateus fica sozinho, a repetir coisas que o Santos, por detrás do balcão já ouviu mil vezes. Santos, se eu deixar a minha caderneta você dá mais um copo fiado? Não chateia branco, velho. A tua caderneta já está aqui desde o mês passado.

Senhor Afonso, o presidente, decide que quem mar-ca é o Mundau. O Mundau ajeita com a mão um montinho de terra, pousa a bola bem no topo e recua. Os gestos que ele repetirá um dia, daqui a quatro anos, lá na Baixa, já de botas calçadas, com máquinas fotográficas a espreitá-lo e quinze mil pessoas de respiração suspensa. Nesse dia, correndo para a bola com esta mesma fúria, chutando com uma raiva já maior do que esta, ele sairá definitivamente desta história.

(in *Notícias*, Maputo, 26 de Março de 1975.)

autores da actualidade, quer na experimentação da linguagem como na incorporação de alguns vocábulos de línguas oriundas do bantu na escrita em português. Rui Manuel Correia Knopfli nasceu em Maputo a 10 de Agosto de 1932 e morreu em Lisboa no dia 25 de Dezembro de 1997.

LUMINA

A N. S.

I

A terra vermelha abriu-se em milhentas bocas que pediam água, – o chão gretado de barrento.

Pelo carreiro segue um negro alto de olhos doces. Nas costas magras, um saco esfarrapado.

Samuel caminha rápido.

Tem pressa de chegar à palhota. Lumina, a mulher, está grávida de muitos meses. Falta pouco para dar à luz e Samuel queria uma tombazana. Queria uma rapariga, mas não como a mãe, não que Lumina fosse má companhia, o que era, é bastante magra, de ancas finas e apertadas e Samuel quer uma filha, uma filha forte de quadris largos para que seja boa mãe e para que renda bom lobolo. Sim, era bom uma rapariga. Quinze libras. Vinte libras. Ou vacas. Muitas vacas. Shilunguile.

Os pés de Samuel, enormes e deformados, parecem prolongamentos da terra e pisam forte.

– *Eh Samuel. Tana léuo! Tutsuma... n'cata ya uéne...*

– *Shilunguile! n'a buya...*

E Samuel corre mais depressa, cada vez mais depressa.

– *Depressa, Samuel...*

Quando o negro chegou junto da palhota inclinada, já lá estavam em grupo, cocuanas das cercanias, dis-

cutindo em largos gestos, dos braços secos e encarquilhados. Mamana Macuma assim falou:

— *Samuel, uãno ja mine! Tua mulher não aguenta para ter filho... tem ossos de barriga maningue apertado... Shilunganga Samuel!*

O negro ficou parado, meio estúpido, mexendo os dedos num gesto nervoso:

— *Shilunganga... Shilunganga...*

Foi nessa altura que negro João, que fora marinheiro durante muitos anos e percorrera meio mundo nos navios da *Colonial*, e que agora era o piteiro predilecto do médico da vila, disse, soltando dos lábios grossos o velho e queimado cachimbo:

— *Melhor é levar ela para docodela. Docodela tem maneira... Melhor é levar depressa; não demora.*

As cocuanas rezingaram mas calaram-se quando o velho João ergueu para elas a mão magra e nodosa.

Mamana Macuma, como boa sogra que era, cobriu a filha com uma capulana e amparou-a. Lumina caminhava penosamente arrastando o ventre inchado. Nos seus olhos e nos seus lábios havia dor, uma dor funda, feita de gemidos surdos. Na testa, bagas e bagas de suor.

Começou a caminhada, uma caminhada dolorosa feita através da planície árida e seca como todas as planícies do Sul do Save.

Samuel segurou a mulher pelos ombros.

— *Canimambu, Samuel, canimambu...*

João remexeu as cinzas da fogueira, pegou uma brasa e acendeu o cachimbo, depois caminhou.

O Sol não faz sombra das barrancas da planície. O Sol não

autores da actualidade, quer na experimentação da linguagem como na incorporação de alguns vocábulos de línguas oriundas do bantu na escrita em português. Rui Manuel Correia Knopfl nasceu em Maputo a 10 de Agosto de 1932 e morreu em Lisboa no dia 25 de Dezembro de 1997.

LUMINA

A. N. S.

I

A terra vermelha abriu-se em milhentas bocas que pediam água, — o chão gretado de barrento.

Pelo carreiro segue um negro alto de olhos doces. Nas costas magras, um saco esfarrapado.

Samuel caminha rápido.

Tem pressa de chegar à palhota. Lumina, a mulher, está grávida de muitos meses. Falta pouco para dar à luz e Samuel queria uma tombazana. Queria uma rapariga, mas não como a mãe, não que Lumina fosse má companheira, o que era, é bastante magra, de ancas finas e apertadas e Samuel quer uma filha, uma filha forte de quadris largos para que seja boa mãe e para que renda bom lobolo. Sim, era bom uma rapariga. Quinze libras. Vinte libras. Ou vacas. Muitas vacas. Shilunguile.

Os pés de Samuel, enormes e deformados, parecem prolongamentos da terra e pisam forte.

— *Eh Samuel. Tana léno! Tutuma... n'cata ya uéne...*

— *Shilunguile! n'á buya...*

E Samuel corre mais depressa, cada vez mais depressa.

— *Depressa, Samuel!*...

Quando o negro chegou junto da palhota inclinada, já lá estavam em grupo, cocuanas das cercanias, dis-

6

Negro João fumava.

Samuel ficou encostado à parede, do lado de fora, e pensava: não mais mulher, nem filho.

Nem mulher, nem filho, e escondeu a cabeça nas mãos (umas mãos grossas e fortes, mãos de negro).

João soprou para o ar morno daquele fim de tarde uma baforada de fumo espesso.

7

— *Falta pulso, senhor doutor.*

E à boca da noite, bem à boca da noite, Lumina fechou os olhos e nunca mais os abriu, nunca mais os abriu.

A criança foi salva, era uma rapariga gorda e forte.

Disseram a Samuel, e do fundo mais fundo da sua tristeza nasceu um meio sorriso.

Lumina tinha sido uma boa mulher. dera uma filha

Mégombela travou a carroça. Os bois pararam, mastigando, mastigando sempre. Olhou o rosto de Lumina, de Samuel, de João, de Mamana Macuma, das velhas, olhou, coçou o queixo e articulou devagar:

— *Enguéna... não demora Samuel... enguéna...*

E Lumina foi subida e, após tantas horas arrastadas em meio da poeira do caminho, pode enfim descansar na palha fresca da carroça. E o rodar suave embalou-a... De vez em quando vinham as dores.

O Sol já caía do outro lado do Incomáti.

João chamou o seu amigo branco, o docodela. E docodela veio depressa.

Levaram Lumina para a sala de operações e a deitaram numa marquesa longa e branca, numa sala pequena e branca.

O médico falou para o enfermeiro mulato, enfiando as luvas de borracha:

— *Freitas, traz os ferros. Temos uma cesariana.* — e tocou o pulso à negra, que respirava dolorosamente.

— *Freitas, manda avisar o marido, que a mulher não resiste* — e a sua voz foi fria.

Negro João fumava.

Samuel ficou encostado à parede, do lado de fora, e pensava: não mais mulher, nem filho.

Nem mulher, nem filho, e escondeu a cabeça nas mãos (umas mãos grossas e fortes, mãos de negro).

João soprou para o ar morno daquele fim de tarde uma baforada de fumo espesso.

— *Falta pulso, senhor doutor.*

E à boca da noite, bem à boca da noite, Lumina fechou os olhos e nunca mais os abriu, nunca mais os abriu.

A criança foi salva, era uma rapariga gorda e forte. Disseram a Samuel, e do fundo mais fundo da sua tristeza nasceu um meio sorriso.

Lumina tinha sido uma boa mulher, dera uma filha forte.

E do fundo mais fundo da tristeza de Samuel nasceu um meio sorriso.

E foi tudo.

(in *Itinerário*, Julho de 1949.)

OS MOLWENES

Sentiu-se mais aliviado, quando ouviu o rumorejar de diversas vozes diluídas e que vinham de uma longa bicha, ladeando uma das paredes laterais do edifício do cinema «Império».

Com a palma da mão bateu na coxa, onde se encontrava uma das algibeiras das calças, meio sujas de pó de carvão, coçadas nos joelhos e arregaçadas à meia perna. Suspirou de alívio, ao escutar o tinir das moedas.

Rasgou com os lábios um sorriso agorotado, abaixando-se para apertar os atacadores meio desfeitos das sapatinhas, cobertas de tanta sujidade que não era possível reconhecer a sua cor original.

Olhou para o bolso, situado na camisa descosida nos ombros, à altura do mamilo direito e onde guardava uma carteira verde, contendo de certeza um bilhete de identidade que espreitava, a cada movimento do corpo. Quando viu um «jeep» verde a passar lentamente, alargou ainda mais o sorriso e depois de o perder de vista, desenrolou as calças e meteu uma das mãos no bolso de trás, enquanto um assobio trémulo nascia nos seus lábios grossos.

Viu na bicha, gente molwene como ele e que esbracjava, rumorejante. Algumas pessoas vendiam ou tro-

cavam revistas de quadrinhos, romances, «cowboyadas» e fotonovelas. Tinga não gostava lá muito de revistas, pois nem sequer sabia ler ou escrever o seu nome; comprava-as porém de vez em quando, somente para à hora do «dina», as folhear e olhar para as gravuras.

Tinga avançou, às cotoveladas, entre a compacta massa de gente que continuava num intenso vaivém. Parou na bicha, mesmo em frente da bilheteira:

— Eh! Mufana... Pode comprar-me um bilhete?...

O rapaz olhou para ele e depois de uma ligeira hesitação, à espera que Tinga repetisse o pedido, rematou:

— Está bem... Mas terá que me dar cinco escudos...

— Hum!... — resmungou — Tinga.

— Estou na bicha há muito tempo... justificou-se o outro. — É para convencer Tinga. — O filme é porreiro.

O rapaz dá muita porrada... É porreiro o filme... Já viu o «Homem de Ferro»? Yaah! Este é melhor do que esse... O rapaz faz gum! gum! gum! — e levantava o pé, imitando um karateca, aproveitando depois a ocasião para contar um pouco do filme.

— Está bem... Está bem... — cortou Tinga.

Meteu a mão no bolso e retirou-a, em concha, repleta de moedas de cobre que tilintavam ruidosamente.

O miúdo assentia, em silêncio, abanando freneticamente a cabeça e olhando para a mão em concha, com os olhos a brilharem de sofreguidão.

— Sim... Sim...

Tinga começou a contar em voz alta. Têmia enganar-se e apressou-se a guardar de novo o resto no bolso que perdera muito do volume anterior. Voltou a contá-las e entregou-as por fim ao miúdo que, rapidamente, as

fez desaparecer com a satisfação estampada no rosto num bolso que tinha a vantagem de também servir de remendo.

— É plateia...

— Sim... Sim... — corroborou Tinga, tentando fixar o rosto do miúdo, a fim de o reconhecer em caso de necessidade.

Começou a andar às voltas por ali e parou, a certa altura, junto a uma vendedeira e a uma série de bacias brancas, contendo peixe frito com gordura, bolinhos fritos, rissóis baratos e chamuças bem tostadas.

Ficou tempo sem conta a olhar, acabando por não resistir a comprar um peixe frito, grande e ensopado de gordura. Atravessou a estrada e depois de vacilar alguns momentos, meteu-se no «Botequim Lopes».

Colocou o peixe frito — embrulhado em papel castanho aproveitado de algum antigo saco de cimento — numa mesa encostada a um dos cantos da sala e, em seguida, dirigiu-se para o balcão, coberto de mármore. Pediu uma garrafa de meio litro de «masse», bem gelado. Sentou-se, agitou com vigor o líquido e começou a beber, enquanto comia o peixe.

Saiu do «Botequim Lopes» e dirigiu-se, novamente para a bicha onde tinha deixado o miúdo. Tentou de imediato descobrir o miúdo, não se tivesse ele volatizado com as moedas que tanto tinham custado a ganhar. Tranquilizou-se quando o viu na bilheteira, com o dinheiro na mão a comprar os bilhetes.

Aproximou-se e chegou a tempo de ver o bilheteiro meter com uma das mãos o dinheiro que o miúdo lhe entregara numa gaveta, enquanto coçava com a outra

a cabeça e a sua calva luzidia. Molhou a seguir, na ponta da língua, o polegar da mão direita, arrancou vários bilhetes ao mesmo tempo e entregou-os por fim ao miúdo.

— Eh! Mufana!... Mufana! Estou aqui... — gritou-lhe Tínga, desnecessariamente, pois encontrava-se apenas a um passo do outro.

O miúdo olhou-o desconfiado. Só quando se certificou de que tinha sido ele quem lhe confiara momentos antes o dinheiro, se decidiu a entregar a Tínga um bilhete da plateia, com um sorriso a bailar-lhe os lábios.

— Obrigado... — atirou-lhe Tínga, como despedida. Meia-hora depois, tocava a campainha. Formou-se imediatamente uma longa bicha de pessoas para entrar. Quando se encontrou dentro do cinema, Tínga guardou o bilhete no bolso da camisa, sem olhar sequer para o número e a fila correspondentes ao seu lugar.

Dirigiu-se para a casa de banho, mais por hábito do que por necessidade e acabou por esbarrar com um espectador que ia a sair e desatou a vociferar impróprios e obscenidades, numa estranha voz de baixo.

— Desculpe! Conseguiu ainda, apesar de tudo, balbuciar Tínga.

Como todos os urinóis estavam ocupados, viu-se obrigado a esperar, pacientemente, alguns minutos. Enquanto desabotoava a braguilha das calças, distraiu-se a observar os urinóis que exalavam um odor fétido, misto de urina e de fezes.

«E se eu tivesse que comer aqui?» — pensou ele, enquanto apertava com a mão livre o nariz, por causa das náuseas que aquele cheiro principiava a provocar-lhe.

— Fé da mãe!... — deixou escapar, entredentes, a afastar tão macabro pensamento.

Saiu da casa de banho sem lavar as mãos húmidas de urina. Parou alguns momentos no corredor que conduzia à plateia, observando uma montra da «Facobol» e concluiu que tinha que comprar umas novas sapatilhas no fim do mês.

— Estas são boas... São bem boas!

Afastou-se rapidamente quando a campainha tocou de novo e as luzes se apagaram envolvendo a plateia na penumbra. Mostrou o bilhete ao arrumador. Este indicou-lhe o seu lugar, focando o assento com a luz de uma pequena lanterna.

Sentou-se e respirou fundo.

Relanceou o olhar pela sala e verificou que havia uma barulheira diabólica, com assobios à mistura com gargalhadas, berros, vozes desencontradas... Uma confusão!

O ambiente estava impregnado de um odor pestilento que provinha do suor que trespassava muitas das camisas de alguns espectadores. As ventoinhas colocadas nas paredes da sala não conseguiram abrandar o calor, levando os espectadores a abanarem-se, utilizando as mãos como se estas fossem leques.

Na mesma fila de Tínga estava sentado um estudante que não escondia a sua pretensa superioridade, sempre que contactava com os outros espectadores. A certa altura, alguém próximo dele e que já tinha visto o filme, tentou revelar-lhe antecipadamente, levado pelo entusiasmo, algumas das partes mais interessantes:

— Ele vai bater! Hé! Hé! Bate mesmo!...

— Deixa lá isso!... — interrompeu o estudante, num tom de voz contrariada e que parecia mais apropriado para um professor.

— Olha, n'duwé, eu paguei dez escudos, como, você...
— Pôrra! Que merda é essa?... Mas não quero que conte!... — replicou o estudante, já com a voz a ficar rouca de ira.

— Faz o que quiser, mas eu farei aquilo que entender!...

— Merda, pá! Ficar com molwenes, pá, é chato!

— Não fala assim para mim, ouviu? Se sou molwene, qual é o mal? Sou molwene e também sei isto — mostrou o punho cerrado com vigor — e isto! — bateu no crânio — A chim-busol, irmão... Sou de Bilene Mácia, nwana mamana! — e abanou a cabeça. — Preto é duro!

Bateu com o punho no peito, posto a descoberto pela camisa desabotoada, até ao sítio onde começava o ventre.

O estudante achou melhor calar-se e começar a ler um romance de «cowboys».

Tinga não percebeu muito bem como é que ele conseguia ler na penumbra que se tinha estabelecido, antecedendo a exibição do filme. «Se calhar, tem olhos de gato, quem sabe?... Os estudantes têm tudo, até olhos que vêem bem, mesmo na escuridão! Talvez para eles não haja escuridão, seja tudo claridade! Claro, Deus é que sabe, preto só sabe trabalhar, trabalhar, nada mais... Uff!» — pensou Tinga.

«Estes molwenes, pá! Irritam, pá... Chi!» — pensava por seu turno o estudante.

— O rapaz, é aquele que vai naquele filme, «Os Madores!» Como bate! Hé! Hé! Gum! Gum! Hiiaaaa! — recomençara o espectador.

— É o rapaz não morreu? — perguntou alguém do fim da fila.

— Não, não... Não morre, só dá porrada você vai ver, pá... Hé! Hé! Você verá! Cinco bandidos contra o rapaz... Ele dá em todos... Yá! Sai o Suzuki! O gajo aí é pateta... Não sabe dar porrada, mas assusta com um haiaah! de homem forte. — Suzuki come muita porrada!

Tinga esteve para comentar com um — «Ainda bem!» — mas achou mais aconselhável continuar calado, por que não queria irritar ainda mais o estudante. «Somos molwenes mesmo!» — reflectiu ele, atacado de um inesperado pudor, enquanto olhava para o estudante — «Se eu tivesse estudado!»

Como que por artes de feitiçaria, recordou-se de tudo o que fizera naquele dia. Olhou para as mãos, sem con tudo vê-las. Deviam estar doridas nas pontas dos dedos e calejadas nas palmas das mãos pelo machado que aprendera a manejar desde criança. Nesse dia, carregara nem sabia quantos sacos de carvão, acompanhando as mamas, como um animal de carga. Rachara montes de lenha, a suar em bica, excedendo o limite das suas forças e apenas para benefício do patrão.

Por dez ou quinze escudos — para aqueles que queriam imitar os brancos, adquirindo um bilhete de balcão — o cinema «Império» era para ele, como para a gente que trabalhava nas fábricas da Avenida Angola, um sítio onde esqueciam as mágoas e as tristezas do dia-a-dia.

CASTIGO ZITA

– A Viúva de Guijá

O patrão mandava e eles faziam, isto ou aquilo, por-tavam-se bem e não reflavam, sendo assim, talvez aca-bassem por não levar pancada. Entretanto, acontecia que em todos os olhos começava a espelhar-se a revolta. A revolta que apenas o patrão não conseguia distinguir.

Uma onda crescente de assobios sobressaltou-o, quando as ténues e últimas luzes se apagaram, deixan-do a sala envolta num manto espesso de escuridão.

Surgiram no «écran» as primeiras imagens do filme. Distribuindo, sem dar por tal, algumas cotoveladas pelos vizinhos, o espectador loquaz virou-se na direcção do estudante e, com a voz enrouquecida pela excitação, atirou para avivar-lhe a irritação:

– Não tenha medo! (Nesse momento o herói estava a ser espancado) – Não tenha medo!... Rapaz vai dar porrada! Vai ver, vai dar porrada!... Com impaciência, fixando com ansiedade os olhos no «écran», incitou: – Dá porrada, rapaz! Dá porrada!...

Conformado, o estudante resmungou, conclusivo: – São mesmo molwenes!

(in *Os Molwenes*, Associação dos Escritores Moçambicanos, Maputo.)

Castigo Zita morreu a 26 de Dezembro de 1988 sem ver os seus contos publicados em livro e permanece inédito. Foi um dos jovens entusiastas da Brigada João Dias, que editou a revista Forja. Nasceu no Caniçado, Guijá, pro-víncia de Gaza, em 1961.

jangada para longe

Si rotcha é pângina! pedra ê sílaba

sicorpé é caneta! coração ê tinta

CORSINO FORTES, *Árvore & tambor*

Para ele o mundo era um quintal enorme dotado de compartimentos separados por água, e fenómenos como as chuvas, as tempestades, ou mesmo os ódios dos homens carregados em navios enormes, eram gotículas para qualquer sorriso desfazer.

Por hábito, sentava-se no monte observando navios partir e chegar. Vivia obcecado com a ideia de conhecer outros países, *mais do que isso!, outras gentes*, como se as suas veias fossem irrigadas por sensações movediças e volúveis ao empurrão do vento, nisso que era o seu prazer mais íntimo: observar os que chegavam, cheirar-lhes os cabelos, catalogar lhes

o sorriso segundo a proveniência, e, quase imperceptivelmente, fazê-los falar de coisas banais acontecidas do outro lado do mundo.

Trabalhava há meses na secreta engenhoca, desenvolvendo no alpendre barulhos entrecortados com pancadinhas, importando para o habitáculo toda uma gama variada de pregos, panos, tubagens diversas, correntes, metais, tintas, até ao dia em que a barulhagem cessou e apenas restou o som de um assobio simples, desnitrado de qualquer ritmia mais complicada — como cantam os pássaros antes de terem molhado o bico na frescura da manhã.

Sem cerimónias para empolar o acontecimento, retirou o engenho da casa num lento mas eficaz berço semimecanizado, e o povoado sorriu em uníssonos numa candura de espanto e respeito pelo enorme objeto misterioso que desfilava pelas pedras da calçada. O desfile solitário cessou na praça principal.

A estranha criatura de madeira era perturbante e bela, fria e poética, ridícula e cativadora, o que impelia os observadores locais a sorrir de modo involuntário, como se a incompreensão do seu funcionamento, em vez do rancor pelo inventor, antes instigasse uma sensação de autoria coletiva. Todos, cada um a seu tempo, modo e sorriso, sentiam patente na obra o cunho da sua contribuição pessoal e nunca se saberá quem foi o primeiro jovem ou a primeira velha a depositar no corpo do ser móbil a primeira recordação, o segundo objeto de decoração, a terceira folha de árvore, a quarta estátua de madeira ou a quinta folha da seção de poesia do único jornal local. Naquilo que se julgou ser o guiador da máquina, a velha mais velha do povoado (sendo por isso a mais bela) amarrou com vigor o únicos *ibitchique* o engenho levaria.

Durante dois dias a exibição perdurou, numa ânsia que crescia por si e se alimentava de horas e olhares, tendo originado que a máquina fosse já outra, repleta de decorativos tradicionais, besuntada de cores vivas, vítima de peso duplicado pelas oferendas que as suas bagageiras abarrotavam. Crianças, aleijados e idosos, bebês de colo e cães vadios, nuvens e sóis, centopeias negras e pássaros brancos, marinheiros e putas pobres, comerciantes e doidos serenos, pescadores com estórias de sereias e ventos místicos, farmacêuticos e padres, bêbados e beatas, o governador e a esposa gorda e até um caixeiro-viajante, estiveram todos na praça, no terceiro dia, aguardando as primeiras palavras do inventor da escultura já carnavalesca. A velha mais velha do povoado (sendo por isso a mais sabedora) viu o mundo e o povoado banhados pela névoa da sua lágrima idosa e todos então souberam:

era uma máquina de se pedalar para longe.

Depois das palavras do governador, encorajando a atitude criativa do cidadão, elogiando com emoção a sua iniciativa cultural e declarando aquele dia feriado nacional, o inventor tomou a palavra e, nuns modos verbais desajeitados, instigou a população a contribuir com gravuras, comida seca, plantas medicinais, panos, sementes e livros ou registos pessoais de poesia:

— Poesia, sim... — disse, em banho de comoção. — Porque é isso que um povo deve oferecer a outro!

Mais adiantou o local da sua derradeira partida, explicando que faria esse longo percurso em velocidade lentíssima para que os conterrâneos apreciassem as qualidades da máquina, indagassem de suas potencialidades e lhe fossem entregando, nesse percurso inclinado para o lado de lá do mundo, as cartas, os recados e os conselhos válidos para a movimentação humana que aquela viagem materializava.

Ao longo da estrada, entre um e outro solavanco de pedra, exibiu ao povoado o complicado engenho que a sua imaginação fizera eclodir: uma labiríntica máquina de ventos e popas, tubos de refrigeração e reaproveitamento de líquidos e sopros, compartimentos impossíveis, reguladores de temperatura e duas enormes bagageiras para livros já com cantos falsos previstos para a naftalina em bola branca. Era máquina para ocupar meia dúzia de metros quadrados mas com estabilidade estudada e apetrechos científicos que lhe permitiam mover-se a vento, ácido úrico ou força humana que se expressasse em ato de pedalação.

Quando chegou à praia, nesse lento cortejo que havia acontecido, alguns dos ilustres convivas do povoado já lá o esperavam e, na tendência narcísica de se voltarem a ouvir, quiseram mesmo reinventar novos discursos. O dono da engenhoca dissuadiu-os de o fazer, enquanto se desfazia de alguns volumosos mantimentos gastronómicos que a população ofertara, sendo que a praia, azulada e linda, foi palco de um improvisado banquete de que as crianças puderam usufruir com certa euforia.

O fim da tarde, propício a momentos de marítima aventura, havia-se já instalado. Pássaros ao longe, o sol se extinguindo na água salgada, o violão sorridente de Kaká Barbosa, as cervejas derretendo os corações e a mulata triste, ao longe também, que com o olhar se despedia do homem que partia.

Movimento humano, rústico, o homem iniciou as movimentações — correntes puxadas e velas içadas, duas espécies de pedais que se desdobravam de tubos secretos, e a máquina de se pedalar revelou uma poética simbiose de jangada com algo que existisse sob a designação de bicicleta naval. As gentes afastaram-se do homem deixando-o a braços suados com a sequencial preparação mecânica que o ato requeria. E moveu-se — aquilo. Uma onda embateu estrondosa na janguicleta, como seria mais tarde chamada, e os lábios de cima das pessoas se afastaram dos lábios de baixo — espanto e burburinho, pois a máquina dançava encaixada na curva das ondas, resistindo às laterais investidas da água, desenvolvendo um ruído manso e redistribuindo brilhos d'água nas gotas de sol que as enormes pás movimentavam.

A estranha criatura de madeira e o homem nela balouçavam na direção do horizonte estirado, e só então um padre despertou para a evidência do que não havia sido indagado: — Ó nhôôôô... — o berro sobre as gentes, sobre as águas. — Undi ki nhuátabai?[1]

Lá das guelras salgadas da sua garganta, entre sorriso-só e suor-delícia, entre sombra de sol e raio lunar, entre certezismo hirto e utópico deslumbramento, o homem pedalante gritou assim:

— N'tabatê Spanha..., tabatê Merca dibicycleeeeeetaaaaa!

ONDJAKI. Jangada para longe. In: _____. **E se amanhã o medo.** Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010. n. p.

coração de porco

[...] *hay barcos que buscan ser mirados para poder hundirse tranquilos.*

Si el aire soplablandamente

Mi corazón tiene la forma de una niña.

FEDERICO GARCÍA LORCA, *Introdução à morte*

Era muito cedo. Antes da hora do sol — momento regular, encantador, charmoso. A mulher bateu à porta certa de que fossem abrir.

O velho.

O velho aproximou-se lentamente, chinelos inaugurando o chão da manhã e, sorriso no rosto, espreitou. Usava uma face tranquila, embora nos lábios se descortinassem pregas de frio. *Entre, minha filha, entre.* Como se o velho tivesse o dom de perceber ao que vinham as pessoas.

Havia, na mulher, uma expressão de estranheza; mais que frio, incómodo. Precisava ela, certamente, de um chá quente, e que alguém comunicasse com ela numa língua inteligível. O velho não se permitia mais do que três tentativas antes de acertar. Foi ao russo, visitou o castelhano, arranhou o suaíli e resignou-se, já encabulado, ao inglês. Mas ela — passiva, desentendedor. O velho destapou o bule e sorriu. Mais do que satisfação, dentro dele burilava já a sensação de ter encontrado mais um membro do clã: *salve!*, disse-lhe, no seu impecável latim.

Tanta alegria — recordar é crescer! —, o velho nem estranhou as horas, nem perguntou o nome. Num tom franco, indagou: *você leu Kazantzakis?*, ela ainda espantando o frio, o odor de animais vários, o papagaio que acordava declamando sonetos e, lá mais atrás do mundo, dois porcos que, guinchando, conversavam. *Li a obra toda, incluindo notas dispersas e cartas a amigos*, respondeu.

Parados, deambulavam entre olhares mútuos — a divisão complacente de um momento, a alegria mansa de estar. O mundo era uma aurora estreando-se nos seus corações, uma alforreca sem destino definido e sem corrente para agradar. Se havia lugar estranho no mundo, era aquela pequena loja escondida nas arquiteturas mais góticas da Escandinávia.

— Então talvez se lembre da discreta tirada do autor grego — olhou-a com firmeza.

— Sobre?

— Sobre aquilo que a traz cá — o velho mexia na chávena com delicadeza.

— O coração — ela, sempre em latim.

— “Se o coração do homem não transborda de amor ou de cólera...” — ele esperou.

— “Nada se faz no mundo” — ela sorriu. Terminou o chá, levantou-se. — Nikos Kazantzakis, *O Cristo recrucificado*.

O velho acompanhou-a na poética digressão à janela. O sol quase queria chegar, afastar as nuvens com prepotência e, mais do que iluminar a Terra, penetrar nos corações humanos. Como se numa missão divina.

— Cara senhora... — começou o velho, mais sério. — Não vou deixá-la cometer o mesmo erro que os outros.

Ela voltou-se repentina, séria também:

— Os outros?

— Os outros todos que, antes de si, me apareceram na loja procurando novos corações. Esgotaram os estoques, fizeram os mais incríveis pedidos sem nunca, mas nunca, me quererem ter ouvido acerca das propriedades dos corações dos animais.

— Mas veio cá muita gente?

— Oh, sim, gente suficiente para que eu tivesse de mandar vir animais de África, das Américas... — pensativo. — Mas, diga-me: por que precisa você de um coração novo?

— Para dizer a verdade... — tocou-lhe no ombro — para lhe explicar isso, teríamos que divagar por conceitos filosóficos inacessíveis ao latim de ambos. Digamos que a solidão mudou-me a cor do coração.

— Entendo, entendo — o velho dirigiu-se ao balcão, retirou alguns papéis. — Venha comigo — e abriu uma pequena porta, como importantes são sempre as portas pequenas. A mulher suava — no efeito do estranho chá que havia consumido. O velho era dado a estes comportamentos: adiantar-se em anestésias, suavizar cirurgias, pretender adivinhar os desejos dos clientes. A mulher suava — passando por estreitos corredores coloridos, por aves raras que não gritavam (era cedo), por galinhas-do-mato escuras ou rosadas, por porcos-espinhos adormecidos, cobras, ratos brancos e, no fim, os porcos. *Animal muitíssimo asseado*, explicou o velho. Já deitada na cama de dossel, antes de se iniciar o processo de hipnose, ela, suando, sorriu para o velho: *o coração de um porco...?*

E adormeceu.

Quando retornou das abstinências do hipnotismo encontrava-se já à mesa, tonta mas com uma sensação de aconchego no peito. Era, no fundo, o que trazia todas as pessoas àquele local: a magia de renovar o órgão primeiro, o bombeador de sensações, a casa mais íntima de um ser humano.

— Não fale. Poupe as forças — disse o velho.

Quando, no fim da refeição, voltou a fazer um chá, começou:

— Leve isto consigo — entregou-lhe um pequeno aglomerado de folhas, escrito à mão num cuidadoso latim. — Vai servir-lhe para ser feliz!

— E o que é? — a mulher, sensível, curiosa.

— Todos os meus apontamentos sobre a sensibilidade dos porcos. O que é dizer: você é a primeira pessoa a levar um coração com o respectivo manual de felicidade.

— Por que faz isso por mim?

O velho sorveu as últimas gotas de chá e respirou fundo, evitando as lágrimas. Pegou na mão da mulher — gesto simples, inocente, mas brutalmente humano (que só os velhos sabem manusear) — e murmurou a sua frase última:

— Acima de tudo, pela brandura no seu olhar — fez uma longa pausa. — Você é a minha última cliente. A partir de hoje a loja está fechada!

ONDJAKI. Coração de porco. In: _____. **E se amanhã o medo**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010. n. p.

O colchão da mongólia

(para a Suren e para o Piricas)

desta vez vou construir

uma cama de espuma

adequada à função de voar

JORGE PALMA cantando *Boletim meteorológico*

Mãe... Já vais m'bora na tua terra?

O miúdo, seu sorriso torto, era fome?, mas seu sorriso bem evidente, todo ele, olho e dente rasgando a atenção da senhora desatenta no instante. Ela, de olhos deitados numa horizontalidade apertada, denunciando toda sua estrangeirice requintada. E sempre acompanhada de um que fosse guarda-as-costas, mas não: era simplesmente um fiel intérprete. Impossibilitada de comunicar, ela desde sempre requereu os serviços do jovem tradutor

nunca invente nada, por favor... Pergunte cada sentimento
recomendava com doçura intraduzível.

O miúdo, desses *na rua*, não tinha nome, só atendia pela alcunha imposta: *pêçêgê!*, assim, tão velozmente dito que às vezes resultava somente em *gêtinho*, não vale a pena querer pôr corretos portugueses nas falas do miúdo.

Mas, ó menino, pêçêgê significa o quê?

a madama, já traduzida no entretanto.

A mãe não tá ver a minha perna? Assim todos da rua me chamam mesmo pisa com gêto... E quê... Ficou já pêçêgê...

O tal, o tradutor, em gestuais explanações, fosse a senhora vinda da Mongólia não entender os devidos trocadilhos e a alusão evidente ao modo do miúdo pisar o mundo. Mas a *mãe* tinha entendido e bem; pausara a olhar a criança na rua, no meio dela, investigando-lhe o olhar como só ela sabia.

Mãe... Não olha assim então... Assim a mãe tá a chamar as lágrima

o miúdo entrava em pareceres psicológicos, evidentes carências da ternura que aquele olhar lhe entornava.

Pergunte ao menino se gosta de estórias. Melhor: se acredita nelas.

Mas *o menino* virava mais o apetite para uma gasosa. Depois da ternura veio a sede, afinal — o calor, o esforço de mover a perna-sem-gêto, a oportunidade rara. Isso também. A sede morreu, fácil, mas a senhora mantinha a torneira da ternura virada para ele, mangueirando-lhe os olhos enormes, belos, que mexiam de tanta encabulação.

Eu volto para a minha terra amanhã, sabes?

A criança esperou a tradução, sorriu em direção à *mãe*. Ela referiu o seu destino, já não fazendo uso das falas do intérprete, mas na via direta da comunicação pseudomaternal. O miúdo riu, riu.

Mãe... Juro mesmo não tou a estigar a tua terra. Mas aqui tem um miúdo de rua... Ele é lá da tua terra então, é um teleguiado... A mãe sabe... Mas nos disseram ele é mongoloide.

Mesmo o tradutor disfarçando a cara feia, o ralhete facial, mas a senhora querendo os devidos detalhes, a explicação completa. Entendeu. Para espanto do miúdo, ela sorriu e pegou-lhe na mão. Ele quase sentiu o gesto queimar-lhe o peito. Essa senhora, *mãe assim bem estrangeira*, lhe tocava com esse gostar evidente?

Amanhã eu vou para a minha terra, mas tenho uma prenda para ti.

O miúdo sorriu — se sentia para lá da felicidade, sentado no muro com essa senhora do mesmo país que o *teleguiado*, lhe pondo gasosa na barriga e ainda prometia prendas. Era um miúdo tão miúdo que tinha esquecido as suas normais desconfianças. A senhora se embalou no seu texto poético, esquecendo o destinatário era uma simples criança:

Tens de prometer que vais fazer com essa prenda o que te apetecer... Tudo o que te apetecer.

Aí a tristeza repentina voltou, o miúdo estava a aguar o mundo, querendo esconder as suas vistas enormes.

Mãe... Não diz isso. Eu nem posso correr com os meus amigos. Eu quando quero correr só sonho já... Mas de manhã sou gêtinho de novo.

A senhora mongol não se comoveu com os olhos. Talvez a voz. Sorriu e voltou a queimar-lhe a mão com a sua ternura intensa. O sorriso confundiu o miúdo.

Tens de me prometer... Vais fazer com a prenda o que bem te apetecer

deu outra gasosa, fosse a doçura do líquido um carinho bem mais fácil e certo que seus gestos de mão e olhar. O miúdo, intrigado, deixou-se estar no muro, pensando era o pleno pôr-do-sonho.

Veio a noite — seus barulhos mais quietos, suas estrelas pintalgando os olhos desses miúdos mais acordados para as noites dentro deles. O miúdo confirmava sucessivas movimentações na casa da senhora, longe, do outro lado da rua. Os empacotamentos, os cartões que eles mesmos iam aproveitar para reforçar a casa — *o castelo*. Com prazer, o miúdo recordava na pele os carinhos sinceros da senhora, parecia sentir a mão latejar lembranças e afagava sua perna-sem-gêto, recolhendo-a para adormecer mais junto com ele, essa perna, um ente externo, maldoso.

Veio a manhã — iluminada de ânsias que não soube desvendar. O sono lhe fora interrompido pelas vespertinas movimentações no casarão — os voos internacionais eram muito matinais, ele sabia. Mirava, ele, o portão cerrado. Na mão esquerda, uma ramela sólida deambulava de dedo em dedo — sensação que lhe era muito familiar, fosse um pacto secreto ele e as ramelas tinham: cumprimentar-se todas manhãs. O portão emitiu um ruído mínimo, provocando-lhe nos lábios o sorriso da indecisão. Ajoelhou-se sobre o papelão úmido — a sua cama afinal.

O intérprete, sozinho e ensonado, trazia nas costas um colchão castanho, misterioso em seus bordados alguns, os aparentes. A viatura escura saiu do útero profundo da casa — *nunca vi quintale assim bem bigue...!* O colchão tapava o homem, parecendo que ele mesmo — o colchão — se deslocava nos ares, em direção ao *castelo*. O que parecia um lençol, eram imagens curvilíneas desenhadas na pele do confortável objeto. O tradutor não quis dar confiança, via-se que obedecia ordens. E o miúdo, em absoluto espanto:

Pra mim mesmo?

Lá longe a senhora sorria para ele, ajeitava a carteira no ombro, olhava, mesmo na distância, como nunca tinham lhe olhado. Ele afagou o colchão, lhe recebeu sem despendurar os olhos dos olhos da senhora, *a mãe*, caminhando, ela, lentamente em direção à porta já aberta da viatura.

Ê!,ouve lá, pá, a senhora mandou te entregar esse colchão... Vê lá isso, pá, podemos conversar depois, eu vô só no aeroporto mas depois volto...

O colchão era de suaves afagaduras e o miúdo, absorto, quis entender uma ordem da lágrima — que queria aparecer. Mais dois ou três passos e a senhora se esconderia no para sempre da escura viatura. O intérprete, apressado, ingressou no carro também, se foram. Ficou o gesto dela — mão mágica, leve, perdida na janela.

Tinha que repensar a sua condição no *castelo*. Aquele colchão era afinal uma menosvalia. A inveja dos outros, a polícia mesmo, e esse, o tradutor, cobiçando-lhe a sua melhor oferta. Em tamanho, sim, e o cheiro, esse, misterioso, e, mais ainda — a sensação esquisita de um silencioso segredo por desenterrar.

Hoje de noite, hoje tenho que bazar.

Mas a mudança foi mais que imediata. O colchão não pesava nas costas, pelo contrário, acrescentava levezas, modos fáceis de caminhar e sentir-se livre de olhar os céus, apetecia-lhe era mesmo imitar os pássaros, e riu, riu muito das propriedades do colchão, seus desenhos, suas manchas castanhas e amistosas.

Procurou o jardim, um longínquo, nos seus secretos sítios, antigas suas moradias. O colchão lhe retirava o medo de passar a noite ali. Era uma mais que necessidade: um chamamento. Sentou. Entre as árvores, lá no cimo, um avião riscou-se nos céus, barulho e fumo. Não que fosse o avião da senhora, mas a ideia lhe era idêntica, todos aviões são iguais espreitados do chão. Deitou-se, esqueceu o estômago, quis adormecer. Arrumou a perna — estranho fazer isso tão de manhã ainda; esse seu gesto noturno, recolhido. Já não tinha dúvidas: aquele colchão lhe estava a ornamentar a existência de modo incompreensível. O dia, função dele é passar — tempo d'água passageira num rio maior. Bateu as palmas o crepúsculo, e chegou. O miúdo, desses *na rua*, voltava da sua sonolência e ocupava as ruas do mundo. Desarticulava a perna para novas caminhadas, e abria os olhos em espanto nesse fenómeno que o sol emprestava no seu colchão: o objeto brilhava pirilampescamente, um ouro de nada, estranhos filamentos iluminosos — coisas da magia, não duvidou. Ele ali sozinho, uns grilos por vizinhança e nada mais, talvez areias, relvas e estranhos odores, ele ali, se promovendo a práticas aladinas, tudo carregado na canoa do sonho. Mas estava tão acordado que ouviu a traduzida frase da senhora ecoar no seu jardimzito:

Tens de prometer que vais fazer com essa prenda o que te apetecer... Mas tudo o que te apetecer...

Na sua boca de medo desaguou um sorriso infantil, extenso, faz conta a cor do trigo. Toda situação era muito amarela: lava queimando o coração. As luzes do colchão lhe sugeriam uma outra postura, tudo ensinamentos repentinos, instantâneos. Havia lugar — no colchão — para dispor a sua perna-sem-gêto, outras colorações indicavam o sítio das mãos, e ele, sentado no sonho daquela realidade, sentiu o objeto terramotear-se todo.

O coração vibrava, e cessou toda a comichão antiga na sua perna mais magra. Ele era já dono de um voo, seu riso comandava o alado colchão, tudo em automáticas hipnoses do vento, se deslocando plenamente entre os galhos afagantes das árvores.

Velozmente, *pêçêgêsobrevoava* a cidade numa extensa mancha de despedida.

Adaptara-se simbioticamente às densidades daquele voar, compreendera dentro dele as significâncias orientais daquelas luzes, fizera crescer em si o exímio pilotador do colchão mongol. Lá embaixo, no *castelo*, seus companheiros de rua e de frio e de carência e de imaginação olhavam a estrela ascendente julgando era defeito da droga consumida.

Assim, mágicos os dois, miúdo e colchão ultrapassaram nuvens no que elas sabem de correria, e se dirigiram, esvoaçantes, para as bandas de um outro mundo — repleto de luzes lentas, discretas, adequadas às funções de sonhar.

ONDJAKI. O colchão da mongólia. In: _____. **E se amanhã o medo.** Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010. n. p.

Os passeadores

Às seis e meia da tarde o sol preparava a sua lenta retirada.

No canil o alvoroço instalava-se; não porque ainda houvesse algum resto da excitação do lanche, não porque a escuridão se abatesse sobre os cães, não porque as andorinhas iniciassem a sua algazarra. Era o cheiro. O cheiro dos velhos, das coleiras desmaiadas que traziam nas mãos; o cheiro, os seus sorrisos e o brilho lindo, pueril, nos seus olhos mansos. Às seis e meia da tarde os passeadores de cães abriam as jaulas e levavam dois cães cada um. Como eram menos que eles, os olhinhos tristes dos cães ficavam nas jaulas quando não era o seu dia de passeio. Os passeadores assumiam com algum sarcasmo o prazer dessa decisão. O sol adormecia. Doze cães saíam, encoleirados, passeantes. O canil deixava a noite tombar e repousava num silêncio compacto.

Da sua janela, Dina Renascença admirava a saída dos velhos. Contentes, arrastados pela felicidade dos cães, perturbados com os seus gritinhos alternados. Todas as tardes, ao pôr do sol, o cenário acontecia ininterruptamente ao longo dos anos: na luz parca, na amarelada calmuosidade dos sítios que ficam à beira do mar, vultos debruçados sobre coleiras e cães dirigiam-se ao outro lado do monte. Havia algo de belo no contraste notório entre a parcimónia dos velhos e a delicada bestialidade daqueles cães pretos, enormes, inquietos.

Havia algo de incompleto na quietude daquela praia. Certo dia, um velho lembrou-se: *e se fôssemos passear os cães?*, sorriu, brilhantoso no olhar. *Temos que falar com a Dona Dina.* Dina Renascença, uma das últimas pessoas a tratar os velhos com dignidade, respeito e carinho simultâneos, sorriu à proposta. Dispensou uma verba para que se comprassem casacos, gorros, luvas e coleiras. Na caderneta escreveu a justificação: *gastos inerentes ao grupo de passeadores de cães.* Pediu que se revezassem e que revezassem os cães também. Tornou-se um hábito harmonioso.

Às nove e trinta e três, Belito interrompeu a refeição de Dina:

— Dona Dina, Dona Dina — começou, ofegando. — Os passeadores não voltaram!

Dina Renascença pousou os talheres sobre a inacabada refeição, juntou-se a Belitona sua curta digressão à janela e pôs-se a olhar a lua. O mar fazia cócegas brancas à praia adormecida, embalando-a para lá de um sorriso salgado. Uma paz oceânica extravasava os limites da água e chegava-lhe certa ao coração.

— Vá-se deitar, Belito — disse Dina. — Eles tiveram que partir. Amanhã os cães terão outros passeadores.

ONDJAKI. Os passeadores. In: _____. **E se amanhã o medo.** Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010. n. p.

O sangue no cavalo

Éramos eu e um cavalo/ E era um cavalo bravio

[...] *Éramos eu e um cavalo/ Indo de encontro ao vazio.*

DORI CAYMMI cantando *Desafio*

O cavalo — e eu ardendo de febre; a bala no peito sufocando-me a circulação, eu sentindo aos poucos o coração resvalar para a dança da morte. O cavalo correndo imparavelmente, a minha mão tecendo festinhas no pelo curto, a cela apertada demais, e a correria desenfreada rompendo a noite. De suor nos lábios, de pés gretados e doloridos, de bala no peito instilando-me frio, soube que morreria feliz. O vento bateu-me na face e eu caindo senti o meu último calafrio — o chão aproximou-se-me da narina e desferiu um poirento golpe; engoli sangue e grânulos de areia; e, do chão amigo, vi o cavalo distanciarse em circular galope. Um círculo enorme, no que foi uma ventoinhação de cauda e crina espavoneada só para mim. Vi o cavalo descrever o círculo que o conduziria até mim — que me calcificaria a pele pisada; que me aumentaria o sangue em redor; que me rebentaria a boca; que me esmagaria o coração de encontro à bala; que me traria a dor que é mãe da lágrima; que me faria não chorar, não rezar, não berrar, mas apenas contrair-me de medo. Depois do círculo, o meu cavalo — o meu cavalo humano, amigo, terno, tímido, caloroso, despido, desimpedido — viria com força pisar-me. Instituir-me a morte; apresentá-la num momento sem hesitação ou cerimónia.

O meu cavalo ferido com a minha ausência; o meu cavalo ainda cheirando a pólvora; o meu cavalo procurando por mim; o meu cavalo bravo com os seus duros cascos; o meu cavalo sobre mim, na escuridão que já havia e mais ainda assim houve.

Depois do medo, veio a felicidade. A última instância entre nós havia sido o compacto toque, o êxtase de uma intimidade, ainda que coicemente endurecida, ainda que mortífera. Ao vê-lo galopante, soltando das narinas fagulhas de vapor, intimidando o vento, mesmo sentindo o odor do meu sangue brotar dos seus cascos, mais do que a minha pude inspirar a ofegante paz do meu cavalo. No que foi a gota última de oxigénio que pude reter ou desfrutar, quis compreender que o cavalo não era *meu*, que eu nunca fora seu ascendente e que a minha morte lhe oferecia um belo coice noturno e inconsciente, sangue que se coagularia efemeramente nos cascos e a temida mas chegada liberdade.

A liberdade, sim — sobre os cascos, sobre os dias, sobre as futuras travessias de águas irrequietas chamadas rios.

ONDJAKI. O sangue no cavalo. In: _____. **E se amanhã o medo**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010. n. p.

O engraxador

(para o Kinaxixi)

O miúdo estava distraído — ou mais que isso. O olhar viajando longe, a cabeça forçando o pescoço em manobras impossíveis. Com os olhos, ele procurava a visão de um outro lado, uma outra realidade, houvesse uma porta mágica que cedesse passagem.

O homem chegou na sua habitude matinal; uma caminhada longa e, antes do emprego, da rotina, o devido engraxar. E os sapatos: seus terceiro e quarto pés, uma outra pele, mais habilitada a caminhar. Era de seu pessoal gosto e asseio entrar no escritório devidamente reengraxado. Diz-se “reen” porque o ato era já de certa antiguidade. Quando fora essa vez, a primeiríssima?

O miúdo foi trazido ao seu mundo, seu calor, seu odor, pelo som da napa aplacando duas nádegas. No nariz, o ranho pretendendo descair, solto, nu, mas — instinto! — reabsorvido vigorosamente. Olhou o homem sentado. Ele, de seu olhar distante já, como que atrapalhado, assim, recolhidamente. O miúdo, seus acessórios poucos, em pouco desalinho, pegou um pano. Sacudiu, sacudiu, sacudiu. A poeira ofuscava a realidade e isso era causa de um sorriso por engraxamento — cada um com suas íntimas poesias.

O homem tossiu, leve — coisa nenhuma, mais respiração arfada que engasgo. O jornal no sovaco ali ficou, para espanto do miúdo. Apertado, o tabloide absorvia transpirações, enxugava cheirares, admoestações olfativas. Trocaram um olhar exato, fixo, quase, quase amistoso. O miúdo revelou também uma atrapalhação sua, assim, recolhidamente.

O miúdo olhou o pano. Esticou, sem dar confiança aos buracos. Com a intimidade do artista mirou o pano esticado, sua tela amiga, diária, evasiva. Cuspiu num forte arremesso, não fosse o vento trazer-lhe desgraça — um cuspe voado originaria uma bofetada imediata, quem sabe mesmo, um pontapé. Porém, o miúdo: numa indecisão contida, amálgama de movimentos sem definição, na certeza porém de não tocar ainda e por enquanto ou nunca, os pés do homem. Estes, apoeirados, isentos.

O homem consultou as horas. Já passavam. Engoliu, breve, o cuspe na garganta, bola enorme deslocando-se lentamente baixo-cima e abaixo. Deu, por hábito, duas batidas no visor do relógio; bafejou, limpou. Dentro dos sapatos mexeu os dedos, automassagem usada em esperas. Quis executar um qualquer gesto, o mais vulgar que fosse, não soube qual. Seu corpo o denunciou: mexeu-se em desajeito, coisa nenhuma, absolutamente. Mas ficou no ar, entre eles, a menção física do inacontecido movimento.

O miúdo:

Kota, num tenho mesmo graxa hoje, vamo só tirá pó.

O homem:

Num vale a pena, ndengue;[3] eu hoje num tenho cumbú.[4]

ONDJAKI. O engraxador. In: _____. **E se amanhã o medo**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010. n. p.

Na encruzilhada

*(palavras para o Branco, homem
de muitas estórias, incluindo esta)*

À meia-noite, a natureza instala no mundo diversos palcos para que estranhas manifestações tenham a oportunidade de suceder. Ruídos bafientos, cruzamentos de espécies diferentes, violações de campos desertos, chuvas brilhantes, murmúrios de melação, ocorrências mais assim — equívocas.

Foi uma vez: dois compadres caminhavam. Com olhares, escavavam o breu.

O Outro tinha uma barba imodesta, desarrumada em seus crespos pelos.

Acompanhava-o, há anos, um tédio pegajoso que nem os futebóis nem as cervejas conseguiam despregar. Um semblante gémeo da face obscura da lua. Os olhos, como que amarelados, em franca sonolência. Os pés, metidos muito para dentro, faziam dele um ser desinteressante a quem chamavam, com leveza, “o Outro”.

— Ó compadre — começou o Outro. — O compadre frequenta encruzilhadas?

— Eu? Frequentar encruzilhadas? — suspiro. — Deus me livre!

— Mas porquê? Tem medo?

— Eu? Ter medo? Não me faça rir, compadre!

— Então... — pensativo, o Outro. — Se não frequenta encruzilhadas, tem medo delas.

— Eu?! Medo delas? Tenha juízo, compadre.

Caminhavam. As árvores ao largo chocalhando barulhinhos de folhas nervosas, irritadas com o vento. A lua (quase) grávida, faltando-lhe uma unha negra para isso. E o mocho, certo, no seu olhar e pio.

— Quer dizer que o compadre não tem medo de se pôr, à meia-noite, numa encruzilhada...? — o Outro recomeçou.

— Eu? À meia-noite? Não tenho medo nenhum... mas não tenho razão para fazer isso, compadre.

— Então fazemos uma aposta...! — pararam de caminhar.

— Nós? Uma aposta? Pois seja, compadre; veja lá, não se vá endividar mais... Depois a comadre reclama — sorriu.

— Se o compadre não tem medo de estar à meia-noite numa encruzilhada, também não tem medo que lá apareçam determinadas criaturas... — voltaram a caminhar.

— Eu, medo d’outras criaturas...? Mas quê, fantasmas vestidos de branco?

Assombrações? — desatou na sua aguda gargalhada.

— Ou outras mesmo... — o Outro olhou-o seriamente. — Numa encruzilhada, à meia noite, tudo pode suceder.

— Bem — cogitou o compadre. — Se aparecer o Diabo é mais grave... Se for um lobisomem não há problema nenhum.

— Então..., o compadre também não tem medo de lobisomens?

— Eu? Medo do lobisomem?! Ó compadre, por amor de Deus! Por amor de Deus...

Até lhe fazia festinhas!

O Outro coçou a barba, a mansos modos, numa apreciação da aposta possível — as unhas longas arranhando os incrustados pelos. A barba cerrada não permitia ver o queixo, a ossadura proeminente, as cicatrizes. Olhou a lua. Falou:

— Então aposto consigo, compadre — pensativo.

— Sim? O quê que aposta, compadre?

— Aposto que o senhor amanhã não tem coragem de vir à encruzilhada, precisamente à meia-noite...

— Quem, eu? Precisamente à meia-noite? Por amor de Deus, compadre... Está apostado! E vamos apostar o quê?

— Aquela sua medalha de prata, compadre — sorriu o Outro, mas sorriu apenas usando o interior da garganta.

— Pois seja, compadre. E se eu ganhar, aquele seu garrafão de vinho muito antigo... O que acha?

— Pois seja, compadre... Mas amanhã, virá sozinho.

— Pois sim, sozinho, claro está — sorriu o compadre.

— Então está combinado. Meia-noite, sozinho — disse o Outro.

Seguiram calados. O mocho cessou o seu assobio noturno. A lua subia, subia, querendo esconder-se.

O dia seguinte passou de repente. O fim da tarde, a mais bem dizer, encontrou o compadre na taberna. Um copo atrás do outro, como convém ao bom cliente. O sabor delicado do vinho afagando a língua, pendurando-se na garganta, violando os ácidos corrosivos do estômago. *Mais um, Belito. Traga-me só mais um...*, disse, vezes sem conta. O compadre, bem-disposto, jantou em casa. Lá pelas onze, pôs-se a caminhar em direção ao local combinado. A digestão exigiu um passo mais lento, os minutos estenderam-se.

E, finalmente: a encruzilhada — um vislumbre de sombras dançantes.

A lua causa na terra sombras bem distintas das do sol. Enjeitadas figuras prateadas, um capim que dança ao vento, uma árvore gigante, um pássaro que, tardado, voa. Em plena encruzilhada, parou — o compadre. Do capim movediço, um grupo insignificante de gafanhotos voou, deixando à vista nua dois ou três pirilampos que se haviam escondido. Bem digo, a lua causa na terra sombras de prata que ornamentam encruzilhadas. À meia-noite. O compadre quase adormecia. Esperar, no fundo, não passa de um exercício de paciência, um modo de estar pouco próprio aos humanos. Já as árvores suportam melhor esse estádio.

Encostou-se à árvore.

Por mais que quisesse ignorar, era difícil: sentiu, no cachaço, um ar quente penetrar-lhe a espinal medula. *Do vinho...*, pensou. Mas seguido de um arrepió gélido, o bafo fez-se sentir mais consistente. Uma respiração certa, um momento próprio para se arrepiar de verdade. *Querem ver...?*

Virou-se, tão súbito quanto o álcool permitiu. Olhou, castanha, maciça, a árvore. E sentiu, instantaneamente, a quentura cobrir-lhe o pescoço, quase uma massagem gasosa; uma almofada de ar; um carinho quente. Apetecia deixar-se adormecer. Mas, a aposta! *O Diabo não é! Não cheira a nada, não vejo fogo, não está o cão que o acompanha.* Sorriu. Virou-se, novamente. Os capinzais dançavam mais exaltados. A lua estava prestes a parir, esférica como num poema; úmida até, pareceu-lhe.

Ouviu o primeiro ruído. Que susto — que susto!

Era uma passada consistente, uma boa quantidade de capim pisado. Arrepiou-se.

Sentiu-se invadido por uma sinfonia de movimentos nos pelos dos braços, aperto de bexiga,

esticação na coluna e umidade no olhos.

Ouviu o segundo ruído. Nitidamente, um arfar.

A criatura respirava a modos profundos, gastava muito oxigênio de cada vez, só podia ser grande. No chão, a sombra da evidência: a criatura era enorme. O compadre, ainda tonto, afastou-se da árvore, posicionando-se bem no centro da encruzilhada. Continuava com a sensação do bafo arfante no pescoço mas, virando-se, nada vislumbrava. No chão, quase em relevo, a sombra mantinha-se. Que criatura se expressa assim, a metades de consistência?

Fechou os olhos por segundos. Antes de os abrir, sentiu o primeiro cheiro. Quase se absteve de voltar a espreitar a realidade. O cheiro: um misto de cavalo, terra, avestruz... ou, simplesmente, o suor de um antílope. Abriu os olhos: o monstro enorme abriu a boca fétida. Urrou, expansivamente.

Mas!, diz que o susto é uma construção interna, carecendo de pressupostos. E o compadre não estava munido deles. A criatura estremeceu. Urrou expansivamente, como foi dito, bem junto à face neutra do compadre. E urrou renovadamente. O segundo cheiro chegou, vindo da boca: mistelas antiquíssimas, ervas raras, penas de pato, vinho e lama. E, espante-se, o compadre sorriu.

A criatura quase entrou em pranto. Uma timidez repentina invadiu-a. O compadre não dispunha de condições para o devido susto. Aliás, o compadre sorriu, ele sim, desabando numa enorme gargalhada, ecoada nos mistérios daquela encruzilhada. Olhou para cima, para o cimo da criatura. Cambaleante, falou assim:

— Calma, compadre!, calma. Não fique assim... É só uma aposta!

ONDAJKI. Na encruzilhada. In: _____. **E se amanhã o medo**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010. n. p.

Os machos lacrimosos

Eles se encontravam por causa de alegrias. No bar de Matakuane, os homens anedotavam, fabricando risadas. Um único móbil: festejavam a vida. As suas esposas não suportavam aquele disparatar. Afinal, elas, as mulheres, não precisam de ritual para festejar a vida. Elas são a festa da vida. Ou a vida em festa? Para elas, aquela cumplicidade masculina era coisa de tribo. Reminiscência atávica.

Mas os homens não se importavam. Fosse atávico e tribal, eles mantinham o cerimonial. Cada um que chegava ao bar disparava, logo à entrada:

— Sabem a última?

E assim se produziam eles, se consumiam elas. Até que sucedeu a noite em que Luizinho Kapa-Kapa, o grande animador dos encontros, trouxe a notícia tristonha. Estava-se em lua muito minguante e ali, na esplanada, pela primeira vez, os copos ficaram cheios toda a noite. É que Luizinho foi desenrolando a história com voz acabrunhada. Antes de chegar ao busílis do relato, quem sabe um irreversível falecimento, Kapa-Kapa cascateou-se em pranto. E os amigos, copo suspenso, em redor da mesa:

— Então, Kapa-Kapa, como é que é?

Até o musculoso e calado estivador Silvestre Estalone ajudava a animar o lamentoso:

— Verticaliza, homem, verticaliza.

Mas o choroso todaviou-se. E foi crescendo de choraminguado para carpideiro. Entre soluços, soltava os fios da fúnebre narrativa. Já nem se percebia palavra, tal maneira as falas vinham envoltas em babas. Na sala surgiu um lenço e rodou de mão em mão, coletando excessos. Tarde de mais: as chamas da tristeza já haviam devorado o coração de Kapa-Kapa.

Desistiram de o consolar. Amolecidos, os amigos foram-se rendendo a um descaimento no peito, o singelo peso da lama na alma. Fosse isso a tristeza. E chegou mesmo a escorrer, dissimulata, uma lágrima no rosto barbudo do dono do estabelecimento.

No dia seguinte, quando se sentaram no bar, ainda foi disparado um gracejo: Sabem a última? Mas o homem logo se arrependeu: o que ele estava a dar era um ar de sua desgraça. A melancolia se instalara como toalha sobre a mesa. Silvestre Estalone ainda insistiu com nova graça. Mas ninguém riu. Estava-se mais interessado em escutar os novos capítulos da tristeza.

E pediram a Luizinho Kapa-Kapa: ele que divulgasse mais detalhes, rasgando véus, desocultando destinos. E o Luizinho desfez-se na vontade: o drama se desfolhou, ante o olhar lacrimoso dos presentes. Não tardou que todos chorassem babas e rebanhos.

E foi sucedendo uma e outra noite. Uma e outra rodada de tristeza. Os baristas de Matakuaane foram deixando a piada e o riso. E passaram a partilhar lamentos, soluços e lágrimas. E até Silvestre Estalone, o mais macho e sorumbático da tribo, acabou confessando:

— Nunca eu pude imaginar, malta. Mas como é bom chorar!

Chorar, mas chorar junto, acrescentaram os outros. E até um se lembrou de propor uma associação de choradores. Pudessem mesmo substituir as profissionais carpideiras dos velórios. Mas os restantes se opuseram, firmes. Afinal, ainda restava neles o fundo preconceito macho de que lágrima pública é coisa para o mulherido.

E foi sucedendo tão devagar que nem parecia acontecer. Ocorria, porém, que os antigos anedoteiros passaram a mudar de trato com o mundo. Aos primeiros sinais do anoitecer lá um declarava ter que regressar a casa.

— Para ajudar a minha gente — confessava, meio envergonhado.

E um outro declinava a insistência de mais uma bebida.

— Não quero que a minha patroa se zangue — justificava.

— Quem quer bebida, pede medida — proferbiavam todos.

E mesmo o Silvestre, que era quem sempre fechava o bar, apelava para que olhassem o relógio. Voltassem todos aos seus lares, convidava o ex-boémio.

— Sim, vamos para nossas casas. Mas não sem derramarmos mais uma lágrima.

— Sim, sai uma para o caminho.

E lá vinha mais história de puxar lustro à tristeza. Que chorar era coisa de maricas, isso já nenhum se lembrava. Nos arredores do bar, a noite se adoçava, escutando-se o suave soluçar da rapaziada.

As mulheres até recearam ao ver tanta mudança: seus homens, inexplicavelmente, se revelavam mais delicados e atenciosos. E palavras, flores, carinhos: tudo isso elas passaram a receber. Mordedura de mosca, repentina mudança de idade? E acertaram nem sequer perguntar. Aquilo era tão bom, tão inverossímil, que o melhor era deixar dormir a poeira.

Hoje quem passa pelo bar de Matakuaane pode certificar: chorar é um abrir do peito. O pranto é o consumir de duas viagens: da lágrima para a luz e do homem para uma maior humanidade. Afinal, a pessoa não vem à luz logo em pranto? O choro não é a nossa primeira voz?

E é o que, por outras palavras, sentencia Kapa-Kapa: a solução do mundo é termos mais do nosso ser. E a lágrima nos lembra: nós, mais que tudo, não somos água?

COUTO, M. Os machos lacrimosos. In: _____. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 107-110

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

EEB Hilda Teodoro Vieira

Professor regente da disciplina: Evimárcio Cunha Aguiar
Estagiários-professores: Elton da Silva Rodrigues e Jéssica Domingos Mariano
Disciplina: Língua Portuguesa

Encontro 2 – 3 h/a (14/11 – Terça-feira – 10:15 às 12:00)

Tema: Preparação da socialização

1. Objetivo Geral

- Confeccionar cartazes com os contos e imagens selecionados para exposição nas paredes da escola no Dia nacional da Consciência Negra.

2. Objetivos Específicos

- Praticar a leitura oral dos contos a serem divulgados nas demais turmas da escola, atentando para expressividade, fluência, ritmo e entonação;
- Selecionar imagens para ilustrar os contos selecionados a serem expostos em cartazes, que serão fixados nas paredes da escola.
- Trabalhar de forma coordenada e respeitosa com os colegas na confecção de cartazes com os contos e imagens selecionado;
- Organizar a exposição do projeto, escolhendo contos adequados para o público e apresentando-os de forma criativa em cartazes.

3. Conhecimentos Trabalhados

- Expressividade, fluência, ritmo e entonação na leitura oral dos contos;
- Respeito e coordenação no trabalho em equipe.

4. Metodologia

Procedimentos	Tempo estimado
No primeiro momento, será dado tempo aos alunos para a finalização da seleção dos contos da antologia e dos contos que serão apresentados na divulgação do projeto.	30 min.
Em seguida, os alunos se dividirão em grupos e selecionarão imagens para a confecção de cartazes com os trechos dos contos, que serão fixados nas paredes da escola.	75 min.
Por fim, tendo escolhido os contos a serem apresentados, os alunos praticarão a leitura em voz alta para o restante do grupo.	30 min.

5. Recursos didáticos

- Cartolina
- Caneta hidrocor

- Revistas para recorte
- Cópias dos contos.

6. Avaliação

Para a avaliação dos alunos será considerada a participação, por meio da escolha de imagens e contos para a confecção do cartaz, da fluência, ritmo e entonação na leitura oral dos contos e da organização no trabalho em equipe.

7. Referências

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ONDJAKI. **E se amanhã o medo**. Rio de Janeiro, Língua Geral, 2010.

SAÚTE, N. (Org.). **As mãos dos pretos: antologia do conto moçambicano**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

Anexo 1 - Confeção dos cartazes



Anexo 2 - Exposição dos cartazes



3. 2. ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM ATIVIDADES EXTRACLASSE

3. 2. 1. Relato dos encontros

Encontro 1, 13 de novembro

O primeiro dia de oficina contou com a presença de quatorze alunos do sexto, sétimo e oitavo anos. A professora de inglês permaneceu na sala acompanhando as atividades. Logo que os alunos chegaram à sala, uma das meninas que havia se inscrito para a oficina se recusou a entrar, precisando ser convencida pelos professores. Resolvido o problema, pedimos que os participantes organizassem as carteiras em círculo e nos apresentamos, falando sobre o objetivo da oficina e o significado do Dia da Consciência Negra. Para isso, lemos o poema “Voz de sangue”, de Agostinho Neto, e abordamos temas como tráfico negreiro, escravidão no Brasil e racismo na atualidade.

Em seguida, faríamos a leitura de um conto acompanhada da confecção de bonecas abayomi. Contudo, antes de chegarmos em sala fomos alertados de que talvez a atividade não funcionasse, pois os alunos ficariam muito entretidos com as bonecas e não acompanhariam a leitura. Portanto, primeiro confeccionamos as bonecas, não sem antes contextualizar seu surgimento e explicitar seu significado. Ao propormos a confecção das bonecas, vários alunos reclamaram, afirmando já terem feito isso inúmeras vezes — o que foi uma surpresa para nós, que conhecemos essa história apenas na universidade.

Distribuímos os tecidos já recortados e explicamos passo a passo onde e como amarrar o tecido. Alguns alunos precisaram de ajuda e todos se mostraram bastante envolvidos. Em seguida, lemos oralmente o conto “as mãos dos pretos” e pedimos para que eles se separassem em grupos para realizar a leitura de outros contos de autores africanos de língua portuguesa. Depois de ler, cada grupo deveria escolher um conto para compor a antologia. O conto escolhido seria lido para os colegas de outros grupos, e o motivo de sua escolha, explicado.

Como os alunos têm tempos diferentes de leitura e os contos eram de tamanhos variados, essa atividade se estendeu bastante e nem todos conseguiram ler os contos escolhidos no final. Portanto, apenas compartilharam um pequeno resumo e disseram porque o escolheram. A maior parte pareceu gostar dos contos, mas um dos grupos alegou ter escolhido com base no tamanho.

Encontro 2, 14 de novembro

Muitos alunos que vieram no primeiro dia faltaram, mas outros entraram na oficina, mantendo o número de pessoas em quatorze no segundo encontro. Devido à presença de novos alunos, fizemos uma revisão geral do dia anterior para situá-los. Em seguida, tivemos de refazer os grupos e os orientamos para a confecção de cartazes com os trechos dos contos selecionados e imagens de revista que os ilustrassem. Os alunos demoraram um pouco para entender o que deveriam fazer, mas assim que entenderam começaram a trabalhar.

Nesse dia, tivemos um problema com a mesma menina que se recusara a entrar na aula anterior. Uma das meninas que compusera seu grupo não havia comparecido ao segundo encontro, enquanto a outra mudou de grupo no rearranjo. Pedimos a ela que fizesse uma dupla com outra garota que ficara sozinha, mas nem a intervenção da professora de inglês a convenceu. Contudo, quando havíamos desistido e nos ocupávamos com outras coisas, elas acabaram formando a dupla por livre iniciativa.

Terminados os cartazes, separamos os alunos em três grupos para a realização das atividades que faltavam para a socialização da antologia. Um dos grupos se responsabilizaria por ler os contos nas salas dos anos iniciais no dia 20 de novembro, o outro elaboraria a apresentação da antologia e o último ficaria responsável pela capa. Um estagiário-professor acompanhou a escrita da apresentação, enquanto o outro orientou o treinamento de leitura oral e coordenou os desenhos para a capa. Desses grupos, o responsável pela leitura foi o que terminou suas atividades antes, portanto os levamos para colar os cartazes no pátio. Nesse dia, as atividades acabaram um pouco antes do término do período, devido aos tempos extras que contabilizamos para a seleção dos contos e realização de atividades opcionais, como a escrita de um conto autoral sobre o tema.

Socialização, 20 de novembro

No dia 20 de novembro ocorreu a leitura dos contos para as turmas da escola. Diferente do que havíamos planejado, nem todas as leituras ocorreram no ensino fundamental, uma vez que não há turma do quinto ano de manhã e a turma do terceiro ano havia sido dispensada. Uma das alunas que havia se comprometido a ler também faltou, o que exigiu que um dos estagiários-professores lessem o conto.

Ainda assim, todas as leituras foram realizadas, a primeira aconteceu no sexto ano, a aluna responsável pela leitura leu muito bem e os alunos prestaram atenção. A segunda leitura

aconteceu no quarto ano, e foi feita pela estagiária-professora. A terceira leitura foi realizada para o segundo ano, e a aluna responsável também leu muito bem. A quarta leitura ocorreu no primeiro ano, e os alunos se concentraram para escutar a leitura da aluna, que teve alguma dificuldade, mas finalizou o texto e recebeu uma salva de palmas. A última leitura aconteceu no sétimo ano, na turma em que havíamos feito o estágio docente. A leitura foi um pouco atrapalhada pelo agito da turma e pela falta de concentração do aluno, mas no final a leitura foi finalizada. Aproveitamos a data para falar sobre a importância do Dia da Consciência Negra e sobre a antologia que os alunos compuseram, avisando que ela estará disponível na biblioteca.

Assim, encerramos nossa participação no projeto extraclasse.

3. 3. 2. Análise da prática pedagógica extraclasse

A elaboração dos roteiros para a docência extraclasse se apresentou como um desafio para nós, devido às diferenças dessa atividade em relação à docência em sala de aula. As turmas que formariam as oficinas seriam compostas por alunos de diferentes turmas, muitos dos quais não conheceríamos, além de não termos período de observação antes, o que foi uma experiência nova. Mesmo assim, criamos nossa oficina, na qual trabalhamos com contos de autores angolanos e moçambicanos, e esperamos pelo resultado.

Ao chegarmos em sala, percebemos como havia poucos alunos, decorrência do grande número de crianças inscritas na oficina de lambe lambe. Nossa oficina totalizou 14 participantes no primeiro dia e 14 no segundo, com faltas de alguns e chegada de novos integrantes no dia seguinte. O número reduzido de alunos se mostrou bastante positivo, pois pudemos dar mais atenção a cada um individualmente e aos grupos. Mesmo eles perceberam essa diferença, pois um menino para quem lecionamos no sétimo ano e que estava presente comentou que a turma seria ótima se fosse assim.

Alguns dos alunos que participaram da oficina se manifestaram alegando que não queriam escrever, motivo pelo qual evitaram as outras oficinas ofertadas. Apesar disso, não apresentaram resistência aos momentos de leitura nem à confecção dos cartazes; uma atividade que eles não pareciam dispostos a participar era a feitura das bonecas abayomi, mas isso ocorreu mais devido à recorrência dessa atividade na escola. Nesse momento percebemos, também, falas que associavam as bonecas ao vodu e juízos de valor negativos sobre as religiões de matriz africana. Aproveitamos o ensejo para esclarecer alguns pontos

sobre essas religiões, visando a compreensão dos alunos e, conseqüentemente, criar um olhar com menos estereótipos e pré-conceitos.

Nos momentos de leitura silenciosa para seleção de contos, percebemos os alunos envolvidos, tanto que praticamente todos os grupos manifestaram ter gostado do conto escolhido. Assim, acreditamos que cumprimos com o objetivo de promover o contato com o outro através da literatura, possibilitando aos alunos conhecer mais, mesmo que indiretamente, sobre a vida e a cultura nesses países africanos. O contato com uma África não estigmatizada e exotizada, como a presente no imaginário popular e representada em diversas mídias, causou uma maior empatia nos alunos, que talvez apresentassem estranhamento a práticas culturais radicalmente diferentes das suas, como pudemos identificar no episódio das bonecas.

Contudo, sentimos a necessidade de maiores discussões sobre os textos e o significado do Dia da Consciência Negra. A escolha dos contos para a antologia, por exemplo, deveria ser pautada em argumentação, o que não ocorreu. Outro ponto negativo, dessa vez decorrente de nossa organização, foi o aproveitamento do tempo. O segundo dia de oficina acabou cerca de uma hora antes do previsto, pois havíamos previsto mais tempo do que o necessário para as atividades e não pensamos planos alternativos para caso isso ocorresse.

Mesmo com os aspectos negativos, é possível dizer que a docência extraclasse foi de grande importância para nossa formação como professores, pois nos permitiu pensar a atuação do professor em outras configurações que não a sala de aula. Pudemos, ainda, contribuir para a inserção de temas relacionados às etnias, previstos nos documentos reguladores do ensino, de maneira diferente no espaço escolar, como afirmou uma professora ao avaliar nosso trabalho e comentar sobre a importância do contato entre escola e universidade.

5. VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR

Durante o período em que estivemos na escola, do estágio de observação ao fim do projeto extraclasse, tivemos a oportunidade de vivenciar diversas atividades que constituem o fazer de um professor para além da prática docente de conhecimentos de uma disciplina em sala de aula. Com isso, compreendemos que a tarefa docente não se limita apenas a ministrar aulas, fazer provas e corrigir avaliações, mas abrange o planejamento das aulas, as reflexões sobre os resultados e as atividades que não se limitam à sala de aula. Destacamos, nesta seção, três atividades das quais participamos, sendo elas a Feira Cultural, a Gincana Cultural e o Conselho de Classe.

A Feira Cultural foi realizada durante o nosso período de observação, na terça-feira de 29 de agosto, e contou com diversas atividades de todas as disciplinas. Esse dia nos pareceu incomum pela participação dos alunos de nossa turma, uma vez que a maioria se encontrava presente desenvolvendo diversos experimentos científicos. Além disso, o nono organizou uma discussão interessantíssima sobre diversidade, enquanto outras turmas tratavam de questões geográficas, como o ciclo da chuva. O início da feira cultural foi às nove horas, antes disso, enquanto se organizava o colégio, a quadra de Educação Física foi liberada. Os alunos da turma na qual realizamos o estágio se mostraram muito empenhados nas atividades, demonstrando conhecimento na explicação dos experimentos que estavam realizando. O mais interessante do evento, para nós, foi o fato de ter englobado diversas áreas, indo de experimentos científicos a discussões sobre diversidade.

Figura 1 – Fotografia do experimento com o vulcão de sódio da turma 71



Fonte: Fotografia dos autores (2017).

As atividades nesse dia ocuparam salas de aula e quadras, a apresentação dos alunos do 9º ano, cujo responsável era o professor de Língua Portuguesa, ocorreu na sala de informática, enquanto a nossa turma ocupou o pátio. Na quadra, houve também uma atividade de física com relação à velocidade alcançada por parte dos participantes. As séries iniciais trabalharam com materiais recicláveis, sendo que a turma do quarto ano tratou da escravidão no Brasil e dos setores da economia.

Figura 2 – Espaço da Diversidade Cultural



Fonte: Fotografia dos autores (2017)

O professor de Língua Portuguesa, como já falado, ficou responsável pelas apresentações de 9º ano. No “Espaço da Diversidade Cultural”, como foi nomeada a sala, ocorreram apresentações sobre gênero, racismo, xenofobia e autismo. Houve, também, a exposição de cartazes que falavam sobre a diferença salarial entre homens e mulheres, a diferença entre as profissões de negros e brancos, além de dois cartazes que perguntavam aos visitantes o que eram coisas de menino e o que eram coisas de menina.

Repleta de diversas atividades muito interessantes, a feira teve seu fim por volta das 11:30. Apesar de termos saído um pouco antes, pudemos observar um grande envolvimento dos alunos até o final, e saímos contentes pelo envolvimento da nossa turma na execução da feira cultural.

A gincana cultural é um evento que faz parte do calendário anual da escola. Sua realização ocorreu no dia 11 de outubro, quarta-feira. Os alunos de todas as turmas da escola, desde os anos iniciais, foram divididos em equipes organizadas por cores (Azul, Preta, Rosa e Vermelha), cada uma com um professor responsável. Como prêmio, a equipe ganhadora faria uma visita de estudos ao Parque do Córrego. Destacamos que não pudemos acompanhar todas as atividades da gincana, devido à nossa limitação de tempo. No recorte observado, as tarefas da gincana foram divididas em dois momentos: o primeiro, mais geral, aconteceu no pátio da escola; o segundo, mais voltado a atividades físicas, aconteceu na quadra.

As primeiras tarefas compreendiam atividades variadas, como o grito de guerra da equipe, a entrega da cópia do documento da pessoa mais velha, encontrar e trazer LPs (essa

não foi cumprida por nenhuma das equipes), declamar um poema e encontrar o sócia de uma celebridade. Até o momento em que permanecemos na escola, nenhuma das equipes havia realizado a última atividade. Contudo, a professora que fazia parte da equipe azul aproximou-se de nós e pediu para a outra estagiária-professora realizar a tarefa, alegando que ela parecia alguém “internacional”. A estagiária, no entanto, apontou a (minha) semelhança com as bonecas Monster High, fazendo com que a professora dirigisse a proposta a mim. A proposta foi aceita e a equipe pontuou; a partir desse instante, as outras equipes passaram a procurar, entre seus integrantes, alguém vagamente semelhante a atores ou personagens.

As tarefas realizadas na quadra envolviam atividades que exigiam destreza física, como acertar um determinado número de cestas, correr em “carrinho de mão” e passar um bambolê por uma fileira de pessoas. Nesse momento, não pudemos ouvir boa parte do que o professor que fazia as vezes de árbitro devido à forte chuva, que batia no telhado de metal e cujo barulho se sobrepunha ao microfone. Deixamos a escola no intervalo, portanto não presenciamos o resultado.

Durante a realização da gincana, pudemos observar o comportamento dos alunos em uma atividade escolar fora da sala de aula e na qual eles interagiram com alunos de outras turmas. Devido ao caráter das atividades e ao grande número de alunos, verificou-se uma grande agitação nos alunos, que conversavam entre si e provocavam os integrantes de outras turmas. A integração entre alunos de turmas diferentes correu bastante bem, exceto para os alunos das séries iniciais, que em alguns momentos encontravam-se dispersos ou envolvidos com interesses paralelos. Cabe destacar, também, que algumas das atividades da segunda parte da gincana poderiam não ser adequadas ao tamanho e idade dessas crianças, como a corrida de carrinho de mão.

Um dos eventos mais importantes do ano letivo é o conselho de classe e, como estagiários-professores, poder participar desse momento foi de grande importância, tanto para conhecer mais sobre como o processo de avaliação se dá na escola onde estávamos desenvolvendo nosso projeto de docência quanto para nossa formação de futuros professores.

A data prevista para a realização do conselho de classe era o dia 2 de outubro, contudo sua realização foi rearranjada para melhor comportar as mudanças no calendário da escola. As duplas que faziam estágio na escola compareceram para o conselho de classe na nova data, 10 de outubro. No entanto, apenas uma dupla pôde acompanhá-lo, pois a discussão sobre os alunos do sexto ano tomou a manhã inteira. Para discutir as outras turmas, foi escolhida uma nova data, 23 de outubro, após o recreio. O fato de a nova data do conselho ser em uma

segunda-feira nos exigiu mudanças no cronograma das aulas, já que havia atividades previstas para esse dia.

O sétimo ano foi a primeira turma da qual os professores falaram. É importante acrescentar que o conselho de classe, nessa escola, não é aberto aos pais. Os alunos podem participar encaminhando suas reclamações e sugestões por meio do líder e do vice-líder. Três alunos da nossa turma ficaram após a aula para participar, entre eles a vice-líder, que informou que a turma pediu por um novo espelho de classe e estava descontente com o professor de educação física. Após a saída dos alunos, os professores passaram a decidir, em ordem alfabética, quais alunos poderiam ganhar pontos para ter uma chance de ser aprovados.

Os critérios para a escolha foram o número de matérias em que os alunos precisavam de pontos, a frequência, o esforço e o desempenho do aluno nos últimos bimestres. Apesar dos critérios mais práticos — escolhidos talvez para evitar um caso como o do conselho anterior —, foram discutidos os casos mais complicados. Do sétimo ano, quatro alunos ganharam pontos, dois deles em português, e três foram reprovados. Um aluno, transferido de outro estado, estava sem as notas dos bimestres anteriores, que deveriam ser enviadas pela escola anterior.

Assistir ao conselho de classe nos permitiu tomar maior consciência sobre os processos avaliativos conjuntos da escola, assim como ter uma visão mais ampla sobre a turma após ter uma amostra de quais as disciplinas que se apresentavam como dificuldades.

Ter acesso ao que acontece na escola fora do âmbito da sala de aula na disciplina de português foi enriquecedor para a experiência de estágio. Ainda, nos permitiu compreender melhor as dinâmicas de funcionamento interno da escola, incluindo seus imprevistos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio de docência foi um período indispensável em nossa formação como futuros profissionais da educação. Apesar de todas as inseguranças iniciais, a experiência culminou em muitos aprendizados para nós, pois pudemos cotejar os conhecimentos apreendidos ao longo do curso e a aplicabilidade das teorias no espaço escolar. Voltar à escola depois de anos, e no lugar de (quase) professores, renovou nossa visão de escola, assim como nos deu a possibilidade de comparar o que mudou e o que permanece do mesmo jeito.

A equipe da escola mostrou-se bastante receptiva conosco, permitindo que participássemos não apenas das aulas, mas que tivéssemos acesso aos diferentes momentos que compõem a vivência escolar. Isso foi fundamental para nossa atuação, pois abriu possibilidades de conhecermos nossos alunos de maneira mais completa, além de acessarmos atividades que abrangeram desde os momentos mais lúdicos até as tensões que envolvem decidir o futuro de um aluno no Conselho.

Apesar de termos feito modificações em nosso planejamento, deslocando e acrescentando aulas, podemos afirmar que os planos elaborados para a docência cumpriram-se de maneira satisfatória, não faltando tempo para a realização das atividades previstas. Para que isso acontecesse, o planejamento fundamentado e detalhado das aulas foi crucial, pois nos forneceu uma trilha a seguir, que poderia ser retraçada caso os objetivos não fossem devidamente atingidos.

Percebemos uma grande diferença entre a universidade e a escola, não apenas por suas diferentes funções sociais, mas principalmente pelo trato com o indivíduo. Muitas vezes, o ambiente universitário nos parece estéril, carente de diálogo entre professores e alunos e destes entre si. A escola, por sua vez, ferve de vida. Durante nossa permanência nesse espaço, estabelecemos relações das mais variadas com os alunos, que muitas vezes se sentiam confortáveis em falar de seus problemas conosco ou sentiam a necessidade de expressar afeto. Com isso, vivenciamos uma faceta da docência da qual não se fala no curso, mas que é extremamente necessária e delicada, pois administrar afetividades é um saber que se adquire apenas com a prática.

Contabilizando nossa experiência nesse semestre, podemos afirmar que o estágio ofereceu-nos uma visão bastante completa (e complexa) do fazer docente no espaço escolar. Fazer este que não se reduz à sala de aula e exige planejamento e avaliação, num espaço que é complexo por constituição. Compreender tais elementos é indispensável para a formação de

qualquer profissional da educação, mesmo para professores universitários, pois eles estarão atuando diretamente na formação de um professor de educação básica.

7. REFERÊNCIAS

AGUIAR, E. C. **O conto fantástico e a fanfiction nas aulas de língua portuguesa: uma experiência com leitura e produção de textos multimodais.** 2016. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ANDRADE, C. D. A Opinião em palácio. In: _____. **Contos plausíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 39

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BIOY CASARES, A.; BORGES, J. L. OCAMPO, S. (Org.). **Antologia da literatura fantástica.** São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CERUTTI-RIZZATI, M. E.; DAGA; A. L. CATOIA DIAS; S. Intersubjetividade e intrasubjetividade no ato de ler: a formação de leitores na Educação Básica. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 12, n. 2, p. 226-238, mai./ago. 2014. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2014.122.10>>. Acesso em: 20 de set. 2017.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COUTO, M. **O fio das missangas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. [S.l.], 2007. 20 p. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2298882/mod_folder/content/0/Conhecendo%20e%20compreendendo%20o%20espa%C3%A7o%20escolar/A_escola_como_espaco_sociocultural_-_Juarez_Dayrell-1.pdf?forcedownload=1>. Acesso em: 23 set. 2017.

ECO, U.; CARMI, E. **Os três astronautas.** Tradução de Liliana Iacocca e Michele Iacocca. 4. ed. São Paulo: Ática, 1996.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA HILDA TEODORO VIEIRA. **Projeto Político Pedagógico.** 108 p. [PDF].

FANFICTION. **Home.** Disponível em: <<https://www.fanfiction.net/>>.

FONSECA, R. Passeio noturno (parte I). In: _____. **Feliz ano novo.** 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2010. p. 52-54

GERALDI, J. W. **Portos de passagem.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993

_____. **A aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. Sobre a questão do sujeito. In: _____. **Ancoragens: estudos bakhtinianos.** São Carlos, SP: Pedro e João, 2010b. p. 133-146

GUIMARÃES ROSA, J. Fita Verde no cabelo. In: _____. **Meus primeiros contos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. (Antologia de contistas brasileiros, v.3). Disponível em:

<<https://nadaquetenhologica.wordpress.com/2010/04/04/fita-verde-no-cabelo-de-joao-guimaraes-rosa/>>. Acesso em: 08 set. 2017.

HENTZ, M. I. de B. A escola como organização educativa complexa. In: _____. **Nas vozes da Educação Escolar Indígena, os sentidos do discurso dos professores Xokleng como elemento constitutivo da identidade**. 2005. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MAGICWORLD. Senado coloca em pauta a criminalização do funk. *Blasting News*. 22 jun. 2017. Disponível em: <<http://br.blastingnews.com/politica/2017/06/senado-coloca-em-pauta-a-criminalizacao-do-funk-001795393.html>>. Acesso em: 17 set. 2017.

MIOTELLO, V. O discurso da ética e a ética do discurso. **Cad. Esc. Legisl.**, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 83-129, jul./dez. 2011.

NYAH!. **Home**. Disponível em: <<https://fanfiction.com.br/>>.

ONDJAKI. **E se amanhã o medo**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras: ALB, 1996.

SARAMAGO, J. Fala do velho do restelo ao astronauta. In: _____. **Os poemas possíveis**. Porto: Porto Editora, 2014. p. 76

SAÚTE, N. (Org.). **As mãos dos pretos**: antologia do conto moçambicano. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2007.

SPIRITS. **Home**. Disponível em: <<https://spiritfanfics.com/>>.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2014.

VAL, M. G. C. Texto e textualidade. In: _____. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VINCENT. Direção de Tim Burton e Rick Heinrichs. Produção independente. Estados Unidos, 1982. Animação. Narração de Vincent Price.

8. ANEXOS

Anexo 1- Termo de compromisso de estágio obrigatório



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD

Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 720422

O(A) **Secretaria de Estado da Educação**, CNPJ 82.951.328/0001-58, doravante denominado(a) **CONCEDENTE**, representado(a) pelo(a) sr(a) **Maria Cristina De Mello Torres**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Elton Da Silva Rodrigues**, CPF 098.883.719-67, telefone 4832422655, e-mail elton.rodrigues.96@hotmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 14102521 no Curso de **Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa** na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 20/06/2017 e vinculado à disciplina MEN 700 . | Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso. |
| Art. 2º: O(A) Prof.(a) Maria Izabel De Bortoli Hentz , da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a). | Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração . |
| Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (com no máximo 3 horas diárias) , a ser desenvolvida na CONCEDENTE , no(a) Escola de Educação Básica Hilda Teodoro Vieira , de 07/08/2017 a 07/12/2017 , respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Evimarcio Cunha Aguiar (949.684.202-00) . | Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE , desde que observados os itens deste TCE. |
| Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 01820000838 da seguradora Gente Seguradora S.A. (CNPJ 90.180.605/0001-02) . | Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho. |
| Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas. | Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor. |
| Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão. | |

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 720422

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 7º ano – Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de; projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de; docência; avaliação da consecução dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 15 de agosto de 2017.

Maria Cristina De Mello Torres - Representante na CONCEDENTE

Maria Cristina de Mello Torres
Diretora

Jose Ernesto De Vargas
Coordenador de Estágios do Curso - UFSC

Evimarcio Cunha Aguiar
Supervisor(a) no local de Estágio

Elton Da Silva Rodrigues
Elton Da Silva Rodrigues - Estagiário

Maria Izabel De Bortoli Hentz
Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

**Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional**

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagioprogr@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 720377

O(A) **Secretaria de Estado da Educação**, CNPJ 82.951.328/0001-58, doravante denominado(a) **CONCEDENTE**, representado(a) pelo(a) sr(a). **Maria Cristina De Mello Torres**, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.525/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Jose Ernesto De Vargas**, e o(a) estagiário(a) **Jéssica Domingos Mariano**, CPF 096.233.059-07, telefone (48)984793378, e-mail pixieblood.mcr@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 14102533 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUh/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 20/06/2017 e vinculado à disciplina MEN7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Maria Izabel De Bortoli Hentz, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (com no máximo 3 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Escola de Educação Básica Hilda Teodoro Vieira, de 07/08/2017 a 07/12/2017, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Evimarcio Cunha Aguiar (949.684.202-00).</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(s), durante a vigência do estágio, estará seguro(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 01820000838 da seguradora Gente Seguradora S.A. (CNPJ 90.180.605/0001-02).</p> <p>Art. 5º: O(A) estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo, através de Termo de Rescisão.</p> | <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observado na íntegra deste TCE.</p> <p>Art. 10º Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 720377

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação em turma de 7º ano - Ensino Fundamental; reflexão sobre os registros efetuados; investigação do contexto socioeducativo; elaboração de projeto de estágio; elaboração dos planos de aula ajustados à realidade presente; estágio de docência; avaliação da manutenção dos objetivos, atitudes docentes e aplicação de conhecimentos; elaboração de relatório; socialização dos resultados da experiência na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, em 07 de agosto de 2017.

Maria Cristina De Mello Torres - Representante na CONCEDENTE

Jose Ernesto De Vargas - Orient. Estágios do Curso - UFSC

Evimarcio Cunha Aguiar - Supervisor(a) no local de Estágio

Jéssica Domingos Mariano - Estagiário

Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)